Diário de Lisboa

Fundador: **JOAQUIM MANSO** Director: **A. RUELLA RAMOS**

Terça-feira, 20 de Agosto de 1974 — N.º 1854 — Ano 54.º — Preço 2$50

BOM TEMPO

MFA REITERA CONFIANÇA EM SPÍNOLA

A confiança no general António de Spínola nas suas triplas funções de presidente da Junta de Salvação Nacional, Chefe do Estado e comandante supremo das Forças Armadas, assumida imediatamente antes do 25 de Abril pelo M F A, acaba de ser-lhe reiterada pelo mesmo movimento num plenário Entretanto, indicações não confirmadas referem-se a um próximo novo plenário do M F A, convocado para debater uma agenda sobrecarregada pelo actual processo de descolonização

Orgão supremo do M. F. A., a Comissão Coordenadora do seu Programa mudou-se no fim de semana do Palácio de S. Bento, onde funcionava desde os primeiros dias de Maio, para a Cova da Moura. Ali trabalhou já ontem. Desconhecem-se os motivos da transferência, mas de qualquer modo há que sublinhar a proximidade em que a comissão agora ficará do general Costa Gomes, chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, membro da Junta de Salvação Nacional e equiparado em prerrogativas ao Primeiro-Ministro. Aliás o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves esteve precisamente ontem na Cova da Moura reunido com o general Costa Gomes. Por sua vez este deslocara-se há dias ao Buçaco para se encontrar com o general António de Spínola, o que dá ideia do ritmo em que se processa a vida política nacional ao nível da equipa investida em funções de direcção.

O Presidente da República continua na sua estância preferida do Centro do País, que há meses lhe proporcionou o sossego suficiente para dar a última demão no livro «Portugal e o Futuro». O general tem à sua disposição um gabinete de trabalho e sabe-se estar em ligação constante com Lisboa.

O PESAR DE KAKUEI TANAKA

O primeiro-ministro nipónico, Kakuei Tanaka, deslocou-se a Seul para assistir aos funerais da esposa do presidente Park Hung Che, alvejada mortalmente num atentado contra a vida do marido, que escapou ileso. O facto de o presumível autor do atentado, o coreano Moon Se Kwang, ter vivido durante muito tempo no Japão, veio agravar as relações entre Seul e Tóquio, já bastante deterioradas pelo facto de agentes da repressão sul-coreana terem raptado em Tóquio um adversário político do regime, que se havia refugiado no Japão. O presidente Park Hung Chee, cujo regime se caracteriza por um feroz anticomunismo e uma desapiedada repressão política, acusou as autoridades norte-coreanas e os comunistas japoneses de estarem na origem do atentado. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Lei dos partidos no Conselho de Ministros

O Conselho de Ministros debruça-se hoje, segundo tudo leva a crer, sobre o projecto de decreto-lei relativo á constituição de partidos dentro da ordem democrática instaurada pelo Movimento das Forças Armadas. Este projecto, tal como um outro sobre associações políticas, foi cometido ao jurista dr. Ataíde Ferreira. Uma vez aprovado pelo Conselho, na íntegra ou com as alterações que este decidir introduzir-lhe,passará a outro órgão político, o Conselho de Estado, para ratificação.

Conforme a agenda apurada junto do Gabinete de Imprensa de S. Bento, os ministros teriam diante de si, neste momento, «problemas de administração» e o «estudo de legislação diversa», entre a qual estariam, portanto, os dois projectos de diplomas referentes á actividade partidária no nosso País, a qual existe na prática (três partidos encontram-se coligados em apoio do II Governo Provisório, detendo várias pastas) sem que acerca dela viesse até hoje a lume uma linha oficial de demarcação.

Porque de demarcação se trata: em S. Bento corre com insistência que só será autorizada (ou confirmada, se se quiser) a formação de partidos com um mínimo de 15.000 aderentes. O modo como os partidos que puderem fazê-lo provarão a existência dessa plataforma mínima de 15 000 inscritos desperta lógica curiosidade nos meios políticos, sobretudo de esquerda.

Entretanto foi autorizado o ministro da Coordenação Interterritorial, dr. António de Almeida Santos, a usar de competência legislativa durante a viagem que fará proximamente a territorios ultramarinos. Sabe-se, ao certo que o ministro irá a Cabo Verde, concretizando finalmente um projecto que data de há semanas, e talvez a Angola e Moçambique, acompanhado pelo seu oficial-ás-ordens, capitão Armando Ramos, e por colaboradores civis.

20 PÁGINAS

Esquerda revolucionária manifesta-se contra o avanço da reacção

Cerca de mil manifestantes concentraram-se ontem ao fim da tarde diante da Penitenciária de Lisboa para protestarem contra o avanço da reacção. «O fascismo não passará» constituiu a palavra de ordem que conglomerou diversas organizações da esquerda revolucionária: P.C.P. (m-l), O.C.M.L.P. («O Grito do Povo»), U.R.M.L., C.C.R.M.L., C.A.R.P.-(m-l), além do jornal «A Verdade» e do Movimento da Esquerda Socialista, único agrupamento político que desfraldou a respectiva bandeira. De registar a ausência do M.R.P.P., como organização, embora estivessem presentes simpatizantes daquele movimento.

Na origem imediata desta manifestação encontram-se os recentes acontecimentos repressivos sobre a população verificados diante daquele mesmo estabelecimento prisional aquando do amotinamento dos pides, e o trágico desenrolar da manifestação de solidariedade com o M.P.L.A. na Praça do Rossio, em que o democrata Vítor Bernardes é vítima mortal das balas disparadas pela P.S.P. A este propósito é significativo o documento intitulado «O fascismo não passará» distribuído pelos C.C.R.M.L., durante a manifestação, e do qual transcrevemos:

«As armas assassinas da polícia viraram-se contra o povo. Mataram Vítor Bernardes na Praça do Rossio. As armas da polícia viraram-se contra os que lutam pela paz, pelo fim dos massacres e do colonialismo, pelo regresso dos soldados, pela independência total das colónias (...) A verdade é que a reacção está a avançar: tentam calar a tiro a voz dos que lutam pelo fim da guerra e dos massacres e justificam os assassinos; carregam sobre o povo na Penitenciária e dialogam com os pides; prendem antifascistas e anticolonialistas

Continua na pág. 20

Melo Antunes em dúvida para Moçambique

Um informador do gabinete do major Ernesto Melo Antunes desmentiu-nos hoje que a posse do ministro sem pasta como presidente da Junta Governativa de Mocambique, ontem, adiada, estivesse agora marcada para a próxima sexta-feira.

«Não tenho a mínima indicação sobre isso» — garantiu o alferes Leal Loureiro, colaborador do ministro. Entretanto, fontes civis próximas de Melo Antunes mostraram-se-nos igualmente surpreendidas com o anúncio da posse para daqui a três dias, quando — sublinham — vários problemas de fundo subsistem até à ida do prestigioso elemento do M.F.A. para Moçambique se concretizar sequer. Segundo julgamos saber, o ministro desconhecia mesmo, quando da sua chegada de Dares-Salam, que a alegada posse como presidente da Junta de Moçambique estivesse marcada para ontem. Este facto, recortando-se no quadro mais geral que acima referimos, explicaria no fundo aquilo que o Ministério da Comunicação Social informou ser um adiamento «sine die» da cerimónia. Melo Antunes esteve ontem, juntamente com Mário Soares e Almeida Santos, no Palace Hotel do Buçaco, em conferência com o general António de Spínola.

NACIONAL

MISÉRIA TRANSMONTANA

No subdesenvolvimento geral do País, avulta o atraso, a miséria transmontana. Nesta pobre província, e apesar da emigração, ainda se ocupam na agricultura 60 por cento dos seus habitantes, dos quais 40 por cento são analfabetos.

Não há comunicações, não há indústria, não há passado nem presente dignos de nota. Haverá, ao menos futuro?

Cada pobre tem uma horta de que se alimenta (mal) e há mais serras escalvadas do que vales aráveis, pelo que ali se não aplica o velho chavão «a terra a quem a trabalha», pois não há latifúndio, mas minifúndio. **Minimini, minimini,** para utilizar a expressão publicitária repetida até ao enjoo.

Com estes exemplos de miséria falou-se de Império! Com estes exemplos de atraso quis-se-nos fazer acreditar em missão civilizadora de Portugal! Com estes exemplos de subdesenvolvimento ousou-se dizer que Portugal não era um país pequeno!

Agora, que temos a coragem de reconhecer as nossas misérias, saibamos lutar seriamente para vencê-las. Definitivamente.

MANUEL DE AZEVEDO

Duas subdelegadas

Duas licenciadas em Direito foram nomeadas subdelegadas do Procurador da República, novidade tornada possivel desde a entrada em funções do dr. Salgado Zenha, como ministro da Justiça.

Trata-se da dr.ª D. Maria Manuel de Campos Guise Cruz, colocada na comarca do Porto, e dr.ª D. Maria Raquel Sobral Alexandre, que vai para Loures.

FUNCIONALISMO PÚBLICO

EFEITOS RETROACTIVOS A PARTIR DE 1 DE JULHO

Serão amanhã publicados no «Diário do Governo» os diplomas que instituem novos ordenados para o funcionalismo público e estabelecem preços mais elevados para o pão, o açúcar, os combustíveis e os adubos. As novas tabelas salariais que integram subsídios de Natal e de férias (50 por cento do ordenado mensal) têm efeitos retroactivos desde o dia de Julho.

Outro produto de primeira necessidade, o leite, deverá sofrer, dentro em breve, um aumento de preço. Por enquanto, ainda se desconhece qual será o acréscimo, dependendo a subida dos preços dos adubos, mas espera-se que seja também publicado no «Diário do Governo» nos dias mais próximos.

Ao que parece, os recentes aumentos terão suscitado diversas reacções, manifestando-se, no entanto, uma tendência para a corrida aos alimentos e particularmente, ao açúcar. Essa procura levou a Secretaria de Estado do Comércio a publicar uma nota onde se refere que não há razão para tal atitude pois «as reservas existentes, quer de ramas de açúcar, quer de açúcar, são suficientemente elevadas para satisfazerem as necessidades do consumo normal do País.»

Normas de saneamento nos serviços do Estado

As comissões de trabalhadores da função pública, constituídas a nível dos serviços, são oficialmente reconhecidas pelas comissões ministeriais de inquérito e saneamento, devendo cooperar estreitamente com estas, conforme sublinha a Comissão Interministerial de Reclassificação, num comunicado ontem distribuído.

O comunicado recorda os «principios básicos do saneamento da actual política interna e das suas instituições, de acordo com o Programa do Movimento das Forças Armadas». Do âmbito de actuação da Comissão Interministerial encontram-se excluídas, porém, as forças armadas e militarizadas.

Os membros das comissões ministeriais de inquérito são designadas pelo ministro, dentre os trabalhadores do seu departamento. Uma vez anunciada publicamente a sua constituição, corre um prazo de 30 dias para recolha de queixas, reclamações e participações escritas, que devem ser identificadas e fundamentadas com meio de prova ou indícios que permitam o apuramento da verdade. As denúncias «anónimas» não serão tidas em conta.

Além das pessoas individuais identificadas, a Comissão Interministerial só reconhece, assim, como autores de queixas e pedidos de saneamento, as comissões de trabalhadores dos serviços.

O comunicado afirma também que os funcionários ou agentes visados por propostas de saneamento serão ouvidos e a sua defesa reduzida a escrito. Na transferência ou recolocação de trabalhadores objecto de saneamento serão tidas em conta as características, aptidões e qualificações dos funcionários ou agentes abrangidos, assim como as necessidades de funcionamento da Administração — diz ainda a Comissão Interministerial de Reclassificação.

Profissionais de Escritório do distrito de Lisboa

Convocam-se todos os trabalhadores de escritório deste sector para uma reunião na sede deste sindicato (Rua Braamcamp, 9-3.º, esq.º sala de convívio), dia 21/8/74 ás 18,30 horas a fim de tratar de:

1 — Contrato Colectivo de Trabalho
2 — Comissões sindicais e delegados sindicais

A DIRECÇÃO

PROVEDOR DA MISERICÓRDIA

O dr. Damasceno de Campos foi afastado do seu cargo de Provedor da Misericórdia de Lisboa, voltando porém à direcção do estabelecimento prisional regional do Porto, posto dependente do Ministério da Justiça. Recorda-se que o dr. Damasceno de Campos desempenhou também, no anterior regime, as funções de governador civil de Leiria.

ESTREIA ESTA SEMANA NO

TEATRO VILLARET

De LUIS FRANCISCO REBELO, LUÍS DE LIMA e HELDER COSTA, baseado no roteiro do espectáculo de MILLÔR FERNANDES e FLÁVIO RANGEL

LIBERDADE
LIBERDADE

com
(por ordem de entrada na história)
JÚLIO CESAR/LUÍS XIV
BENITO MUSSOLINI
ADOLFO HITLER
OLIVEIRA SALAZAR
e outros.

PARTICIPAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES
GESTAPO • LEGIÃO PORTUGUESA • PIDE/DGS e outras

contam a história
LUÍS DE LIMA — CÉU GUERRA — JOÃO PERRY

Música e versos de JOSÉ MÁRIO BRANCO

LIBERDADE
LIBERDADE

uma colagem de citações, poemas, canções, fragmentos de peças de várias épocas e estilos, sobre a luta pela Liberdade

(não aconselhavel a menores de 13 anos)

Almoce ou jante em Cascais

BALUARTE

Agora a preços acessiveis

De 13 a 28 de Agosto, ao jantar, John & Rosalind
atracção privativa do clube Factotum de Londres

estúdio nucnuznucnu

3ª semana

SATÉLITE

o filme-escândalo de MARCO FERRERI
PRÉMIO DA CRÍTICA INTERNACIONAL DO FESTIVAL DE CANNES

LA GRANDE BOUFFE
A GRANDE FARRA

Marcello Mastroianni • Michel Piccoli
Philippe Noiret • Ugo Tognazzi • Andrea Ferreol

AVISO AO PÚBLICO
ESTE FILME CONTÉM CENAS EVENTUALMENTE CHOCANTES
Direcção dos Serviços de Espectáculos

COLOR INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS DOPERFILME

A VILLAVERDE CABRAL

RESPONSABILIDADE

O coronel Vasco Gonçalves, primeiro-ministro do segundo Governo Provisório da terceira República Portuguesa, foi à Televisão para inaugurar o que esperamos seja uma longa série de aparições pedagógicas e verdadeiras.

Falou o primeiro-ministro na política de verdade, sem a qual a democracia não pode vingar. Passámos verdadeiramente uma época. De um presidente do Conselho (é impossível não fazer a comparação desagradável) que, sorridente, vinha mentir ao Povo Português, passámos a um primeiro-ministro que, sem sorrisos, nos diz do estado em que o País se encontra e anuncia medidas que sabe estarem longe de serem populares.

A política de verdade de Vasco Gonçalves vai ao ponto de não cuidar minimamente do seu aspecto televisivo. Em nossa opinião faz mal. Mas não se pode condenar um homem por querer parecer ele próprio e não um actor. Lembremo-nos, no entanto, que muita gente irá fazer comparações. Lembrar-se-á que o outro olhava muito mais para a câmara, o que aliás não custa nada se se utilizar um aparelhómetro que eles por lá têm e que permite ler exactamente na lente. O primeiro-ministro de um Governo libertador tem de mostrar que é melhor que o presidente do Conselho de um regime de opressão. Não basta ser melhor. E, infelizmente, também preciso que se mostre melhor, mesmo nos pormenores aparentemente insignificantes como a imagem televisiva.

Não se pretende aqui analisar o discurso, o que nele foi dito. Seria demais para este espaço. O que se pretende sublinhar é o facto de que Vasco Gonçalves poderia muito bem ter evitado ir à Televisão dar más notícias. Há ministros a quem isso poderia ser endossado. Não o fez, porém. O pão é coisa que diz respeito a toda a gente, a todo o Povo em geral e especialmente às classes trabalhadoras que dele fazem parte substancial da sua alimentação. Vasco Gonçalves entendeu que o aumento do preço de um produto tão importante para o povo teria de ser por ele anunciado, mesmo que isso lhe custasse alguma popularidade.

A questão do pão é talvez das mais gritantes, daquelas onde a política económica de mentira do regime fascista era mais flagrante. A fiscalização fascista nunca se preocupou com o cumprimento das regras impostas por lei aos panificadores. Estava tudo em conluio. Por um lado, os fascistas não queriam aumentar o preço do pão por isso ser impopular. Por outro, sabiam que os preços regulamentados eram impossíveis. Assim, os panificadores chegavam a reduzir para metade o peso dos pães que vendiam. Quem era enganado era o povo. Pagava, no fundo, o mesmo que agora irá pagar, pois o produto que comprava não tinha nada que se parecesse com o peso que se dizia.

O que Vasco Gonçalves disse ao povo deste País, foi por outras e mais explicadas palavras, o seguinte: «Meus caros amigos, aqueles malandros deixaram isto pelas ruas da amargura, para que o futuro possa ser melhor, temos de emendar as asneiras e crimes que eles fizeram. Para isso, vamos ter de apertar os cintos. Vamos ter de pagar mais caro algumas coisas.»

Mas também vamos ganhar um bocado mais. E temos a convicção de que não vai ser o povo quem pagará tudo. Sabemos que os grandes vão entrar com uma parte substancial. Esses grandes vão ter de aprender a ganhar menos, pagando mais aos trabalhadores com a certeza de que o Governo lhes vai fiscalizar os preços.

O que se pretende sublinhar aqui é que se inaugurou uma política de verdade e, mais ainda, que o nosso primeiro-ministro tem um elevado grau das responsabilidades. Acima da popularidade e do prestígio pessoais põe a responsabilidade.

Continua na pág. 6

QUADRATIM

ISABEL DA NÓBREGA

Querido emigrante

Apetece-me saudar-te. Tentarei usar apenas palavras concretas, robustas, pelo menos de significado tão apreensível como os termos breves que empregas para comunicar connosco quando nos falas na rua e nas entrevistas de Televisão: termos, quero dizer, palavras, tão lisas, tão familiares como familiares te são os cabos que manejas nas valas das ruas de Paris, as peças lá da Renault, o tijolo da construção.

Tentarei. Mas também quero conversar um pouco contigo, contar-te «umas coisas» e esboçar neste espaço assim uma espécie de «sessão de esclarecimento», em troca das sessões de esclarecimento que me dás quando nos encontramos lá fora, no estrangeiro, eu, de férias, feita privilegiada passeante, tu, nas horas exaustivas do trabalho, ou nas outras, coincidentes, do avião.

Então ouve cá. Saberás tu que era uso por aqui, dizer, na tua ausência, a modos que mal de ti? Explico melhor. Havia pessoas a soldo directo do regime anterior ao 25 de Abril, e que **eles** impunham, como articulistas ou correspondentes de jornal, por exemplo, especializados em dar às notícias que vos diziam respeito um tom pejorativo, isto é, um estilo de quem «desfaz», umas vezes bem às claras, outras, mais ocultamente. Assim, um candeeiro que pegasse fogo nas vossas casinhitas tas, mas também o frio, o calor, a chuva, os transportes, tudo servia logo para um grande estendal das precárias condições dos vossos alojamentos lá, nas cidades que vos recebiam como mão-de-obra: porém, o veneno estava no tom de reprovação (ainda por cima!), reprovação que vos abrangia sobrepticiamente. Assim como quem diz: para **isto** saíu **esta gente** da sua terra: para **isto** mais valera ca ficarem: afinal ainda estão pior do que cá: bairros de lata há-os em todo o lado, e se **esta gente** preferiu os bairros de lata dos outros, pois que aguente! Além disso, se formos a ver, entre aqueles que vivem nas «ilhas» do Porto ou nos bairros de lata de Lisboa há muitos em melhores condições do que certa pobreza envergonhada...

Isto, garanto-te, escrevia-se, e também se resmungava no meio da burguesia (palavra cujo significado já aprendeste com certeza).

Ora, querido Emigrante, o que me impeliu a escrever-te nem foi exactamente o não ter podido comparticipar na tua festa do Estádio 1.º de Maio — de que contava, aliás, receber suculentos pormenores mas cujos ecos foram, decerto, desvanecidos por aquele incidente dos pides, monstruoso incidente em todos os episódios decorridos nas longas vinte e quatro horas vividas no dia 11 para 12.

Não, não foi essa a razão particular desta carta, sei-o perfeitamente. Foi a indignação provocada pela transcrição que uma antiga leitora me enviou, pedindo-me comentário e perguntando-me porque é que eu continuava tão caladinha e há tanto tempo não descia a terreiro, isto é, não irrompia com o «quadratim».

Cá estou. Esbaforida, e não muito elucidada, porque a minha correspondente não me envia um recorte, não indica data, nem diz em que jornal (do norte) leu, nem quem escreveu. Transcreve apenas, mas as transcrições bastaram para me estimular: «Seria ocioso supor que todos os moradores dos bairros de lata não alugam uma casa decente porque não podem». Depreende-se que a verdadeira razão **é porque não querem. (!)»** Este parágrafo resume os restantes cinco, igualmente revoltantes. Qualquer outra pessoa não reaccionária diria melhor do que eu se atacasse frontalmente o autor do artigo (cara M.T.L., porque não escreveu você mesma uma carta ao jornal?). Assim, antes de um testemunho pessoal, relembro simplesmente que ao longo destes quarenta e oito anos, os bairros da lata se mantiveram iguaizinhos, de geração para geração: nada os governantes fizeram para proporcionar aos seus despojados habitantes condições que lhes permitisse sair desses «guetos». Nunca ao longo dos quarenta e oito anos, se planificou — se concretizou — um esquema social visando dar-lhes a oportunidade de ganharem um salário que, juntamente com o usufruto de reais medidas de previdência, lhes permitisse modo de vida com um mínimo de dignidade, **e uma velhice sem angústia.** Por isso tantos se foram embora, abandonando uns os seus bairros da lata, outros as suas aldeias desesperadas.

E manda a verdade dizer: na dura vida que o nosso emigrante — o das cidades e o dos campos — enfrenta nas terras que o acolhem (e que passaram pelos horrores e destruições da Segunda Guerra Mundial) ele encontra também (e eu, ingénua, julgava que toda a gente o sabia!), o tal mínimo de segurança social, garantido pela acção vigilante e eficaz dos sindicatos, e um salário que lhes permite não só sonhar com um Mundo mais justo como caminhar para ele e comparticipar já na sua construção.

Mas, querido Emigrante, queres saber a melhor? A «melhor» das inqualificáveis atitudes publicamente tomadas em teu desabono? Então escuta e vê se percebes ao que tínhamos chegado.

Há dois anos, o mais responsável dentre os governantes portugueses, num intervalo daquelas famigeradas conversas televisivas com que tentava «levar», burlar, a tua família, a minha família, todas as famílias (e muitas delas, crédulas, «caíam», coitadas, outras não) referiu-se a vocês em termos cheios de desdém. Pois não será, além doutras más coisas, desprezo, desdém, o topete de declarar, a propósito do problema da emigração e do vosso êxodo: aliás, o nosso povo sempre foi muito aventureiro, desde sempre teve espírito de aventura, a tentação da aventura. — Sentença que vos culpabilizava pelos dramas do vosso quotidiano de exilados. Então aí saltei. Ah, tratava-se pois do «espírito de aventura»?! Sufocada, recordei aldeias inteiras fechadas: nos tugúrios urbanos, as famílias separadas: o susto do vosso salto de clandestinos: a ansiedade a tolher-vos o espírito em terras de fala estranha: as dificuldades de adaptação, enfim, tudo o que nós só podemos calcular e vós conheceis na carne, e reagi. Como? Olha, como pude. Rapei da pena, e no **quadratim** seguinte reclamei contra a impertinência, a mentira e a falta de respeito com que o presidente do conselho se referira a vocês. Não escrevi «presidente do conselho», claro — a comissão de censura não deixaria passar e lá iria o artigo inteiro por água abaixo, mas, veemente, acusei «uma pessoa tão altamente colocada referindo-se-vos com aquela escandalosa falta de respeito» — e repeti as frases dele, para que quem não as houvesse lido, e me lesse, fosse obrigado a tomar conhecimento. A censura nesse dia estava distraída e o protesto saíu.

Venho entregar-te agora o relato dele, querido Emigrante, ao saudar-te de perto, com todo o meu respeito e admiração.

HELENA CIDADE MOURA

Uma voz que se ouve

Faz agora em Agosto dez anos que morreu exilado em Crestelo, sua terra natal, o Padre Abel Varzim. Várias vezes durante estes dez anos, a sua luta foi evocada, numa igreja surda à sua voz, numa sociedade que afogou, primeiro em retórica, depois em maledicência, a sua honesta intervenção na vida política portuguesa.

Na «Tribuna Livre» do «Diário de Lisboa» falei da sua actividade como dirigente do grupo de estudos sociais a que pertenci, de como ele desejava sensibilizar os universitários às correntes sociológicas que iam alterando a realidade social, levados no campo de acção para além da caridade assistencial, muito em voga na igreja do tempo. Mercê desta formação, era um homem (escrevi-o no jornal «O Trabalhador») que actuava com urgência e esperava com paciência. No jornal «A Capital», escrevi uma nota com o título «Uma mensagem que não soubemos merecer», na qual liguei o padre Abel à figura de António Sérgio: ambos gastos e desalojados socialmente, igual desejo de ensinar a pensar, a ver claro, a ser doutrinariamente honesto; irmanados ainda na mesma intensa pedagogia cívica.

O que escrevi ao longo destes dez anos sobre o padre Abel Varzim foi-me pedido por João Gomes e Rogério Fernandes. Isto para que fique expresso que não é recente o desejo de conservar viva a imagem do padre Abel Varzim.

Entre as pessoas que então acusaram a leitura do que escrevi, houve uma que me disse: «a Igreja precisará um dia do testemunho do padre Abel», foi isto há dez anos. Havia nesta profecia, a idéa optimista de que a igreja em Portugal, um dia, com a segurança que lhe dão os Evangelhos, acompanhasse os cristãos que mais generosamente pelos seus ideais têm lutado e deixasse os vícios de raciocínio e a **mundanal** linguagem com que foge às suas responsabilidade entre os homens.

Exemplarmente, porém, fora das instituições, a vida pode circular e quando Caxias se abriu muitos católicos e cristãos saíram de mãos dadas com revolucionários de outros credos, seus companheiros na luta pela liberdade, autenticidade e igualdade. Diante da verdade que eles testemunharam, a confusa e repensada Carta Pastoral que os acolheu à saída da prisão nada significa.

Hoje, uma Comissão Nacional, pede também a minha colaboração e desta vez é imensamente mais fácil colaborar, pois que o próprio padre Abel poderá falar por nós.

Para o ouvirmos, li as intervenções do deputado dr. Abel Varzim, na Assembleia Nacional (1938-1942), e o que mais impressiona é ouvir a sua voz fora de todo o contexto teórico circundante. Em plena montagem do sistema corporativo, o padre Abel luta utopicamente, dentro do próprio sistema pela defesa de um sindicato que sirva o trabalhador. Perante este espectáculo, vale a pena meditar, na exigência teórica e objectividade do juízo a que cumpre obriguemos a nossa acção, mesmo quando ela se coloca no campo da mera tentativa de colaboração. É óptimo termos um desejo inflamado de servir, mas é indispensável a grande arma revolucionaria a que um colega meu, de aparência demasiado intelectual, chama a lúcida análise do discurso». É essa lúcida análise que nos há-de levar a um corpo de doutrina que sirva com eficiência os nossos objectivos.

Ouvir o padre Abel é relembrar o desespero dos que tentaram durante meio século lutar nos vários campos e nas várias formas, é possuir mais um exemplo de como a boa vontade e a honestidade puderem ser aniquiladas pela prática da doutrina fascista, e é ainda meditar sobre a exigência racional que devemos apor ao nosso justificado entusiasmo.

16 de Janeiro de 1939, fala o padre Abel: «Pretendo tratar em aviso prévio, de certos aspectos da organização sindical, corporativa, pelas seguintes razões: 1.º Porque existe, da parte de muitas entidades patronais, uma guerra, muitas vezes vitoriosa, contra a organização ou existência dos sindicatos nacionais; 2.º Porque o desenvolvimento da organização sindical tem sido impedido por falta de protecção legal e ainda por falta de execução das medidas legais já existentes; 3.º Porque este estado de coisas tem conduzido, muitas vezes, à execução arbitrária dos contratos singulares ou colectivos de trabalho, com grave prejuízo dos direitos já legalmente reconhecidos dos operários.»

14 de Fevereiro de 1939: «Há patrões e há industriais que têm despedido dirigentes sindicais só pelo simples facto de o serem, e v.ex.as sabem que eu não estou a inventar. Há patrões e industriais que têm lançado para o desemprego os que se afirmam propagandistas sindicais. Há patrões e industriais que têm lançado para a miséria aqueles que se atrevem a queixar-se aos sindicatos. Mas há mais. Há regiões do País onde ser-se sindicalizado constitui um verdadeiro perigo.» «Poderá alegar-se que eles podem apelar para o Instituto Nacional do Trabalho e Previdência»... «Em primeiro lugar eu observo e tenho obervado que o Instituto Nacional de Trabalho está absorvido pela burocracia. Já quase não tem mais tempo do que o indispensável para escrever e assinar papéis. Por outro lado, a fiscalização não se tem manifestado verdadeiramente eficaz, devendo a sua ineficácia a várias

Continua na pág. 5

GERAL

A GENERAL INSTRUMENTS E A DEMOCRATIZAÇÃO DO PAÍS

Os trabalhadores da G.I.L. (General Instruments), empresa multinacional que ameaçou há tempos encerrar a fábrica que mantém nos arredores de Lisboa, resolveram quotizar-se e contribuir entre eles com um donativo para auxiliar a luta dos trabalhadores portugueses e a institucionalização da democracia no nosso País.

Para tanto foram entregues no Ministério do Trabalho, na pessoa do secretário de Estado Carlos Carvalhas, a importância de 179 760$50.

Esta quantia resultou exclusivamente de donativos dos trabalhadores.

PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

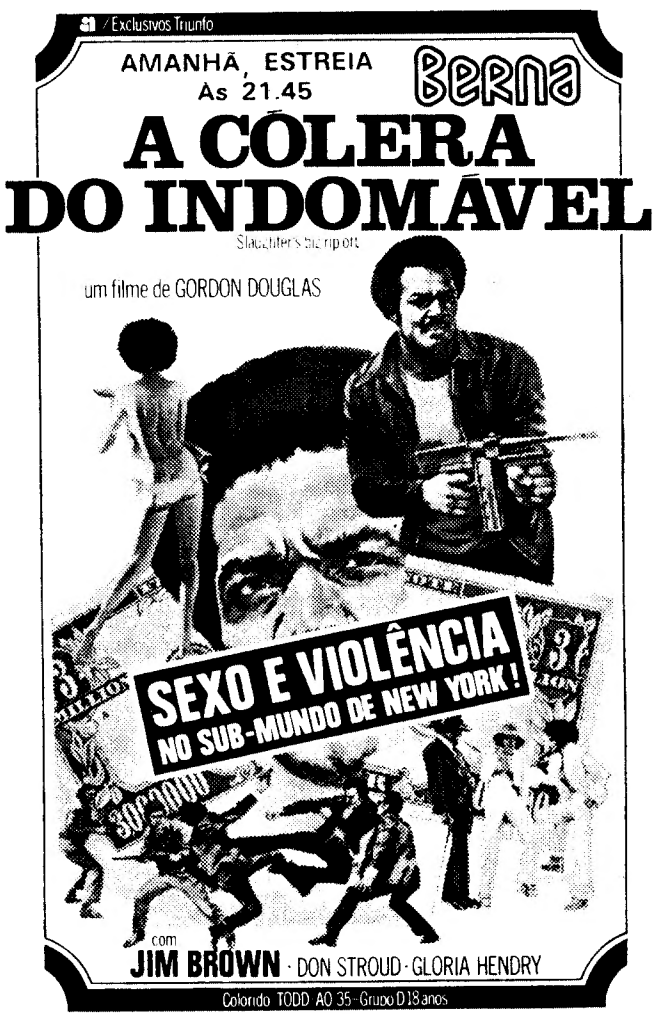
Aos profissionais de escritório dos sectores de depositantes de tabaco e colas, arestos e agar-agar.

Convocam-se todos os trabalhadores de escritório destes sectores para uma reunião na sede deste Sindicato (Rua Braancamp, 9-3.º esq. sala de convívio), dia 22-8-74 às 18,30 h a fim de tratar de:

1 Contratos Colectivos de Trabalho dos sectores

2 Comissões sindicais e delegados sindicais.

A DIRECÇÃO



MOÇAMBIQUE

Ferro Ribeiro assumiu as funções de governador

LOURENÇO MARQUES, 20 (L/R/DL) — «Nada estragámos, nada fizemos que nos tivesse envergonhado. Saímos, como entrámos, de cabeça levantada» — afirmou o dr. Soares de Melo, ao transferir os seus poderes de governador-geral de Moçambique para o dr. Jorge Ferro Ribeiro.

E mais adiante: «Demos tudo por tudo e estamos confiantes em que o nosso esforço terá sido o ponto de partida para uma verdadeira frutificação do património de Moçambique. De qualquer modo, ela aí está a nascer, esta maravilhosa nova nação. Que nasça, que cresça, e sempre viva com dignidade, liberdade e felicidade, que são os nossos mais ardentes e sinceros desejos».

Ao acto assistiu toda a equipa governamental, representantes do Movimento das Forças Armadas, outras altas patentes militares e entidades civis da Administração Pública.

O dr. Ferro Ribeiro, secretário de Estado da Administração Territorial, que passa a exercer as funções de encarregado do Governo-Geral, saudou o dr. Soares de Melo, sublinhando que no seu curto período de Governo, «perturbado pela crise desencadeada no Governo Central, por greves inoportunas, susceptíveis de desarticular a vida económica, por acções de reaccionários que pretendem instalar a insegurança e retardar o processo de descolonização e a independência, as realizações programadas não evoluíram com a celeridade que todos desejávamos, mas os problemas mais prementes têm sido objecto de estudo e as necessárias reformas estão preparadas para serem executadas quando for conferida a Moçambique uma mais ampla competência legislativa, emancipada das restrições impostas pelo regime colonialista. A incompreensão e a crítica infundada não raras vezes atingiu as medidas mais construtivas».

Referiu-se, depois, à surpresa com que tivera conhecimento de um manifesto da Pró-Sindical dos Funcionários Públicos, que verberava severamente o decreto interpretativo 74/74, cujo único objectivo — disse — foi esclarecer juridicamente que os lugares, há muito criados, de provedor-geral da Assistência Pública e de administrador da Imprensa Nacional poderiam ser providos por indivíduos não habilitados com cursos superiores.

Mais adiante, afirmou:

«Na fase de descolonização que vivemos, manter o regime de doutorismo existente equivale a afastar elementos válidos e progressivos de funções de responsabilidade.»

O mesmo manifesto insurgia-se contra o facto de não se ter procedido ao saneamento da política interna, determinada pelo Decreto-Lei N.º 277/74, tendo o dr. Ferro Ribeiro, durante as suas palavras, esclarecido que ele entrara em vigor depois da anunciada vinda da Junta Governativa, «em cuja composição entrarão, segundo todas as previsões, elementos da Frelimo. Não será, pois, legítimo aguardar que o saneamento se processe com a intervenção da força mais representativa de Moçambique?» — acrescentou o encarregado do Governo-Geral.

A terminar disse:

«É necessário que fique bem explícito que o actual Governo Provisório não tem competência legislativa para alterar o Estatuto dos Funcionários, nem para modificar os vencimentos legalmente estabelecidos pelos órgãos de soberania do Governo Central. A Junta Governativa atingirá decerto a meta ambicionada. O último governador de Moçambique é um vivo exemplo de que os moçambicanos estão preparados para cumprir a missão histórica de edificar um novo Moçambique.»

TRÊS ATAQUES A VIAS FÉRREAS

Esta madrugada, um comboio de mercadorias que se dirigia para Inhaminga foi atacado por fortes rajadas de metralhadora perto de Condu, 140 quilómetros a norte da Beira.

Poucas horas depois, uma mina perto de Bencamta, 10 quilómetros a norte de Inhaminga, fez descarrilar uma autocomposição que seguia para o Malawi. Não se registaram baixas mas a locomotiva e as carruagens sofreram graves estragos.

Ontem à noite, o caminho de ferro Beira-Tete foi mais uma vez danificado por explosivos colocados ao longo de uma distância de 200 metros, nas proximidades de Caldas Xavier.

Nas últimas semanas, raras têm sido as vezes em que aquela via — utilizada para o transporte de material destinado à construção da barragem de Cabora Bassa — tem estado em operação mais de 24 horas consecutivas, sem ser interrompida por explosões.

Bip

DEPÓSITOS - TAXAS DE JUROS

PRÉ-AVISO

de 15 a 29 dias	2,5%
de 30 a 90 dias	3,5%

A PRAZO

de 30 a 90 dias	3,5%
de 91 a 180 dias	5,5%
de 181 a 270 dias	7%
de 271 dias a 1 ano	8%

Para informações mais detalhadas, consulte-nos através da nossa Sede, na Avenida Fontes Pereira de Melo, 7-13 - Lisboa 1 - Tels 53 46 40, 56 27 55

Nome _____

Morada _____ Tel. _____

Bip

UM BANCO COM MUITO PARA FAZER (CONSIGO!)

LISBOA · PORTO · COIMBRA · AROUCA · CASCAIS · FUNCHAL (MADEIRA) · MATOSINHOS · RIBEIRA GRANDE (AÇORES) · VALPAÇOS

POSTES TOPONÍMICOS EM LISBOA

Já em funcionamento em várias cidades e terras do país, os postes toponímicos de publicidade luminosa exterior acabam de ser instalados e ligados em Lisboa. Considerados de utilidade pública, pelas indicações toponímicas que fornecem, estes postes, patenteados internacionalmente, dispõem de faces publicitárias, rotativas ou fixas, que sobrepujam os painéis onde estão indicados os nomes de ruas, de praças, etc., bem como — pormenor interessante! — os números de polícia compreendidos entre certos quarteirões ou trechos de rua.

Estes postes, que a empresa portuguesa proprietária da patente e exploradora, vai instalar em vários países da Europa, nomeadamente em Espanha e na Bélgica, ajudam a resolver não só os problemas da toponímia, uniformizando as indicações úteis, como levam a publicidade, sob uma forma, uma cor e um movimento atraentes aos mais diversos pontos do complexo urbano.

Em Portugal os postes encontram-se já instalados nas seguintes localidades: Porto, Aveiro, Leiria, Lisboa, Cascais, Almada, Montijo, Setúbal, Lagos, Portimão, Faro, Albufeira, Vila Real de Santo António e Funchal.

Marginal, o mar e a morte

Marginal, o mar e a morte. Quando conduzia o seu automóvel na estrada marginal, em Algés, o empregado de escritório Mário Alberto Pereira, de 24 anos, perdeu o domínio sobre o veículo. Este, despistado, foi embater violentamente num poste de iluminação.

Ao lado do condutor viajava Neusa Emília Trigo Rebelo, de 25 anos, que chegou ao Hospital de S. José já morta. Tratado, Mário Alberto Pereira regressou a casa. Sem o carro e sem a companheira.

ESPECTÁCULOS

A AMÉRICA LATINA ACUSA

. O *Panorama do Mundo* deu-nos ontem um impressionante documentário das condições de vida na América Latina, submetida ao imperialismo americano. Ninguém, a partir de ontem, pode mais alegar ignorância de dois factos essenciais — a miséria dos povos latino-americanos e a sua causa imediata: o domínio e a exploração dos monopólios e do capital internacional.

Quer dizer: o *Panorama do Mundo* organizado por Henry de Turenne, não se limitou a uma literatura de denúncia, a uma intervenção populista para consumo dos chamados caridosamente «desprotegidos». Esses não precisam que lhes denunciem uma situação que eles conhecem melhor que ninguém. Como não interessa dizer ao trabalhador que é explorado ou falar das suas terríveis condições de vida. O que é indispensável é dar-lhes a consciência dessa exploração, fortalecê-lo de perspectivas, acordá-lo para as formas possíveis de luta, apontar-lhe a viabilidade de uma transformação.

Isto fez o *Panorama do Mundo* através de múltiplos exemplos. Destacaremos os depoimentos de D. Helder da Câmara, do padre Camilo Torres, da revolução cubana.

Hélder da Câmara disse tudo quando disse *a riqueza está nas mãos de alguns, mantida pela miséria de muitos outros e defendida pelas forças da ordem.*

Camilo Torres, ao trocar o púlpito pela guerrilha, sabia que *o amor do próximo está intimamente ligado à revolução* e manifesta a sua esperança na força indestrutível do povo.

(Agora, Camilo Torres jaz debaixo de seis palmos de terra, algures na Colômbia, sua Pátria, abatido a 15 de Fevereiro de 1966, nas montanhas de Santander. Agora não importa aqui discutir a justeza dos processos de luta. Mas recordemos que o arcebispo de Bogotá o condenou *por se ter afastado das doutrinas e directivas da Igreja Católica...*

. Ao terminar a emissão com o triunfo da revolução cubana, *Panorama do Mundo* quis mostrar-nos como a supressão da miséria passa. pela supressão da exploração do homem pelo homem e pelo reforço da consciência e não do espontaneísmo das massas. Aquelas imagens do julgamento público da P.I.D.E. cubana, fugazes embora, demonstram como essa consciência se fortalece, como se fortalece a confiança quando a justiça se pratica com urgência. Demorar é adiar o processo de democratização.

Para se compreender o que representou para Cuba a libertação do imperialismo americano, muito contribuiram as imagens da ilha antes da vitória de Fidel Castro: os hoteis só para americanos, a subserviência de Fulgêncio Bautista frente ao patrão ianque (a tal ponto que este a considerava excessiva...) a existência de inúmeras *boites* cheias de «mulheres belas e baratas», as grandes riquezas cubanas nas mãos de estrangeiros e, como consequência de tudo isto, a ignorância, a miséria, a prostituição, a degradação, o suborno, o crime...

Chamamos a atenção dos leitores para a próxima emissão desta rubrica que continuará com o processo da guerrilha na América Latina.

MIAMI:
PORTA DA LIBERDADE
CUBA:
A LIBERDADE DA PORTA

E já agora, se me permitem.
Um pequeno desabafo.
Sabe-se como a censura prévia mutilava os trabalhos dos jornalistas. Muita gente ignora, no entanto, como a censura chegava ao requinte de colocar o jornalista de dizer publicamente o contrário daquilo que tinha dito ou provocar uma perigosa ambiguidade. Neste aspecto a Imprensa era uma verdadeira e sofisticada câmara de tortura.

Quero hoje, já que estávamos a falar de Cuba, apresentar um exemplo do que acabo de dizer. Repare-se no texto parcial da nota crítica referente a um documentário sobre a vida dos refugiados cubanos em Miami intitulado *Miami, a Porta da Liberdade.* Dado que Fidel autorizava a saída desses refugiados o título da nota crítica vinha a ser: *Miami: a Porta da Liberdade. Cuba: a Liberdade da Porta.* Escusado será dizer que a segunda parte do título foi cortada.

Segue-se o texto. Os trechos em normando significam os cortes da censura:

. (...) o filme mostra-nos com exuberância a alegria dos cubanos quando desembarcaram em Maimi: abraços, beijos, risos, brincos nas orelhas, malas a tiracolo, etc. Todos lamentam certamente as dificuldades e a vida negra que se leva em Cuba, depois da implantação do socialismo. Todos certamente recordam, com lágrimas nos olhos, os saudosos tempos de Fulgêncio Bautista. *Tempos de felicidade para todo o povo cubano, tempo em que o trabalho não era uma palavra vã para a honra e proveito da nação, tempo em que todos participavam na construção de uma vida de grandeza, de prosperidade, de glória. Havia carne, havia fruta, havia flores, havia, em suma, alegria de viver para todo o povo cubano. A Nação, fortemente armada, velava a todo o custo pela sua segurança, viessem as ameaças de onde viessem: da Costa Rica ou dos Estados Unidos.*

Durante o dia aquele povo de Cuba era um autêntico formigueiro em que cada indivíduo contribuía para o enriquecimento e bem-estar da Nação. E de noite? De noite, as pessoas da ilha, especialmente as mulheres, divertiam-se nos inúmeros recintos e «boites», transformados em verdadeiros caça-dólares. O champanhe, as danças, as músicas, os bailes regionais, os trajes coloridos, as serpentinas de mil cores, as canções românticas ou cheias daquele ritmo afro-cubano tão do agrado dos turistas ávidos de sensações novas, tudo isso animava as noites da ilha de uma alegria esfusiante perdida ah, para todo o sempre, depois que Fidel Castro assumiu o Poder, alegria que os refugiados encontrarão em Miami, «A Porta da Liberdade» e onde se poderão preparar activamente para novas acções semelhantes às da Baía dos Porcos. Consequentemente toda esta devoção e dedicação pela figura incomparável de Fulgêncio Bautista. Pessoalmente não consegui resistir ao fascínio. Recordo a sua figura, há anos, aqui na Livraria Bertrand quando, já no exílio, tranquilamente, procurava a doce companhia dos livros culturais e artísticos, companheiros fieis de toda a sua vida *dedicada à Felicidade e ao Progresso da Nação. Estivesse lá ele em Cuba e outro galo lhes cantava. Olé!*

. «Ficamos pois a saber como vivem nos Estados Unidos alguns milhares de emigrados cubanos. *Que sejam muito felizes.*»

. Aqui está, meus amigos, como por obra e graça da Censura Prévia me transformei em admirador de Fulgêncio Bautista. Surpresas.

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

Sessões do Partido Socialista

O Partido Socialista promove a partir desta noite as seguintes sessões: às 21 e 30, na Figueira da Foz, colóquio do padre Sampaio sobre «Poder Político e Religião»; amanhã, às 2 e 30, na Sociedade Filarmónica Operária Amorense, em Amora, sessão de esclarecimento em que serão oradores João Guterres, Etelvina Lopes de Almeida, Marcelo Curto e João Cilia; depois de amanhã, às 21 e 30, na Picheleira, um comício em que usarão da palavra Manuel Serra, Marcelo Curto e Vitor Gil: e no mesmo dia, às 21 e 30, sessão de esclarecimento na Sociedade dos Combatentes nos Prazeres.

UMA VOZ QUE SE OUVE

Continuação da pág. 3

razões. Uma delas é a falta de verba. Algumas vezes tenho escrito aos delegados do Instituto Nacional de Trabalho a pedir-lhes que mandem a sua fiscalização e este ou aquele ponto e tenho recebido a resposta de que não há verba para pagar as despesas dos fiscais — isto apesar de ser certo que a verba para pagamento dessas despesas provêm do Fundo de Desemprego, instituição para a qual o operário desconta incessantemente 2 por cento das suas férias. Lastimo que este facto aconteça, privando os operários da protecção com que seriam libertados da má conduta de tantos patrões. Mas a fiscalização não é eficaz também porque os operários ocultam a verdade aos fiscais. Eles sabem que no dia em que disserem o que se passa serão irremediavelmente despedidos e nenhuma outra fábrica os aceitará. Preferem portanto ser ludibriados a contarem com clareza e lealdade o que se passa ou o que se tem passado «...» Por terem dito a verdade tem sido muitos despedidos. E até já foram alguns por mo terem dito a mim».

Isto foi em 1939. Isto foi há 35 anos. Ninguém na Assembleia Nacional poderia duvidar da verdade das palavras do padre Abel Varzim, mas também ninguém ignorava que o padre Abel tomava, desde logo, o caminho do exílio.

com
AN SMYRNER
MONICALUNDI
EDDI ARENT
BEPPO BREM
ETC.

Reali.
ROIFOLSEN

O CLUBE DA ALEGRIA

APETITOSO CONJUNTO DE SITUAÇÕES PICANTES À VOLTA DAS «GAROTAS DESCASCADAS» DUM CLUBE MUITO ESPECIAL

HOJE, às 21.45 — ESTREIA

AVIS

TEATRO MONUMENTAL
TELEFONE 555133

Vasco Morgado apresenta
UM SUSEXO EM LISBOA!
O ÚLTIMO FADO EM LISBOA
com
BADARÓ
ALINA VAZ/SANDRA/DAVID SILVA
CARLOS QUEIROZ/CRISTINA CASSOLA
NUNO EMANUEL/ANA LE MATTRE

*

BALLET DI
FERNANDO REINA

Colaboração da Estrela Internacional
VIOLETA MONTENEGRO

EL AMERINDIO / BARRY BURGESS

*

o corpo sem censura de
POUPÉE LA ROSE
vedeta do Crazy Horse Saloon de Paris

*

O SHOW RUSSO DE
VAHÉ DJERRAHIAN
em
"DANÇAS E CANTARES DA URSS"

HUMOR, LINDAS MULHERES E MÚSICA NUM
SEXERCÍCIO TEATRAL!

TEXTO E ENCENAÇÃO DE BADARÓ
MUSICA DE CORREIA MARTINS
MONTAGEM DE EDUARDO CRUZEIRO
FIGURINOS DE PINTO DE CAMPOS
DIRECÇÃO DE CENA DE SPINA

UM ATREVIMENTO ERÓTICO-MUSICAL

ESTREOU ONTEM e ESGOTOU

HOJE À NOITE 20.45 E 23 H.

COMPRE BILHETE ANTES QUE ESGOTE!

INTERDITO A MAIORES DE 18 ANOS

RESTAURANTE
Dom

CALÇADA DO CARRICHE
LOTE 45

LISBOA T. 795051

EMENTA SEMANAL

Domingo — Cozido à Portuguesa
Segunda-feira — Filetes à Regional
Encerrado à Terça-feira para descanso
Salas próprias para Banquetes, para 300 pessoas
Quarta-feira — Cabrito recheado à Dom Jaime
Quinta-feira — Feijoada à Transmontana
Sexta-feira — Bacalhau à Dom Jaime
Sábado — Caril de marisco
Todos os dias — Coelho à Dom Jaime

— AR CONDICIONADO —

ESPECTÁCULOS

"Jaime"(de António Reis) no Festival de Edimburgo

O notável filme «Jaime», de António Reis, que brevemente entrará em circuito comercial em Paris, e no Japão, vai ainda este mês representar Portugal no Festival de Edimburgo. O convite ou melhor o anúncio da selecção foi transmitido para a capital francesa a Rui Nogueira adjunto de Caillois e delegado ali do Festival do Jovem Cinema de Toulon.

O Festival de Edimburgo que é o que agora nos ocupa, tem grande importância nos meios artísticos europeus. Não se compõe só de cinema, pois apresenta também espectáculos de teatro e bailado, e concertos. «Jaime» passará para a crítica no dia 24 e para o público dois dias depois:

Entretanto António Reis prepara já outro filme, «Nordeste», a rodar integralmente em Trás-os-Montes, a partir de Novembro. Tal como «Jaime», não terá «estrelas» — são os populares da região que o enchem com as suas vivências, como a octogenária de Miranda do Douro que contou ao poeta-realizador velhas histórias do fabulário nordestino, ou o ferreiro também octogenário fabricante amoroso de punhais «celtas».

«Nordeste é apoiado financeiramente pela Tóbis e pelo Fundo de Cinema — mas neste último caso, se o apoio tardar, António Reis ficará praticamente um ano parado, o que seria de lamentar. Decorrem também negociações com a R. T. P. para o mesmo efeito.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Artur Matos Cabral. Rua Padre Castano Baptista, n.º 22 - Cave CASCAIS

EDINBURGH INTERNATIONAL FILM FESTIVAL

FILM HOUSE
3 Randolph Crescent
Edinburgh EH3 7TJ

Tel. 031-225 1671
Telegrams
FILMFEST EDINBURGH

Rui Nogueira.
Delegue Parisien du Festival du
Jenne Cinema de Toulon.
25 Rue Jussieu,
75005 PARIS.
France.

Title of Film JAIME ANTÓNIO REIS

Date 31.7.74

We are pleased to inform you that your film will be shown on Monday August 26th. at 6.30 in the Cameo, Edinburgh.

Any representative you may care to send will be welcome here on that date.

Kenan A. Harvey

pp. Director
Edinburgh International Film Festival

Cursos de férias da Costa do Sol

Professores de prestígio internacional têm a seu cargo as classes dos XIII Cursos Musicais Internacionais de Férias, promovidos pela Junta de Turismo da Costa do Sol e que decorrem de 26 do corrente a 15 de Setembro.

Os referidos professores são: Sandor Végh — classe de violino e música de câmara —, Helena Costa — classe de piano —, Raul Sanchez — classe de guitarra clássica —, Yvonne Lefébure — classde de piano — e António Janigro na classe de violoncelo.

Deste modo os XIII Cursos Musicais Internacionais da Costa do Sol oferecem, durante o mês corrente e a primeira quinzena de Setembro, um corpo docente aos artistas de todo o mundo que se deslocarem ao nosso País para os frequentar.

CINEMA NO MUNDO

«BODAS DE PORCELANA»

«Como poderá subsistir um grupo de amigos depois de algumas horas de franqueza total? Ou, por outras palavras, estará a nossa sociedade preparada para uma liberdade sem freio? Quais são as fronteiras entre o amor e a amizade? A hipocrisia não é menos perigosa do que a verdade» — estas são algumas questões que o filme de Roger Coggio «Les Noces de Porcelaine» põe ao espectador, mas às quais, segundo o realizador, não dará resposta.

Mylene Demongeot, Josephine Chaplin, Françoise Giret, Christine Lelouch, Paul Guers, Michel de Ré, André Oumansky, Jean-François Remi e Pierre Balise são alguns dos actores que vão fazer parte do elenco. O início das filmagens está marcado para o fim do mês corrente.

NINO E O GATO

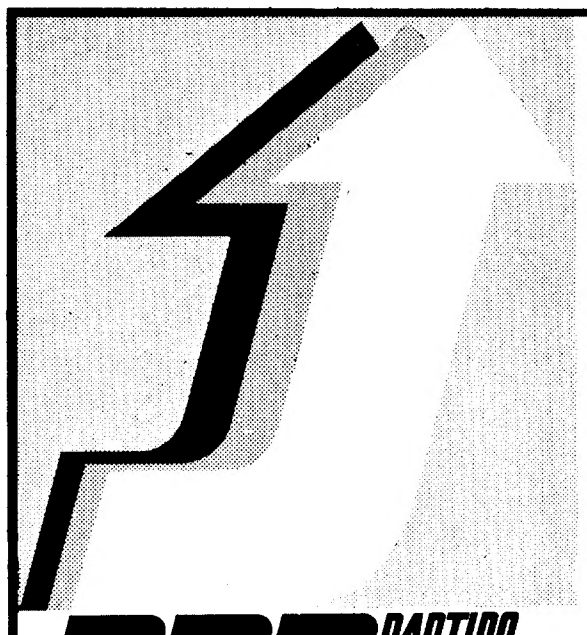
Alberto Bevilacqua procede a uma série de provas de fotogénia a diversos gatos seleccionados, na sequência dos preparativos para o seu filme «Marcello e Wolfango», extraído do seu livro «L'ochio del gatto».

O gato escolhido será amigo e confidente de Nino Manfredi, o protagonista. Entretanto, continuam a chegar às mãos de Bévilacqua numerosas fotografias de gatos candidatos ao papel.

RESPONSABILIDADE

Continuação da pág. 3

Sabemos que as medidas agora tomadas teriam de o ser. Só esperamos que Vasco Gonçalves não venha só dar más notícias. Queremos vê-lo mais vezes, com a mesma verdade e a mesma responsabilidade, anunciar coisas que toda a gente entenda como boas.



PPD PARTIDO POPULAR DEMOCRÁTICO

COMÍCIO DO EMIGRANTE

HOJE, Terça-feira, dia 20, às 21,30 horas
NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS DE
LEIRIA

TEMAS:

★ ESCLARECIMENTO SOBRE A ACTUAL SITUAÇÃO POLÍTICA PORTUGUESA

★ LINHAS DO PROGRAMA DE ACTUAÇÃO DO P. P. D. — O PARTIDO DA SOCIAL-DEMOCRACIA

CAIBARETÍSSIMO

TODAS AS BEBIDAS
QUE QUISER
DAS 22,30 H. EM DIANTE

UM ESPECTÁCULO
DE MUSIC-HALL
(O SHOW COMEÇA ÀS 23,30)

RESERVAS PELO TELEFONE
28 37 50

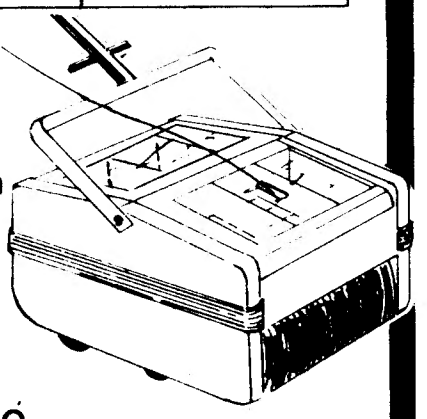
PRAÇA DE TOUROS DE CASCAIS
PÓRTICO N.º 11

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

PAVIMENTOS LIMPOS!

ALCATIFA VINYL
MADEIRA CIMENTO
MOSAICO TIJOLEIRA

GRASMANN



lava
enxuga
encera
lustra
em 1 SÓ OPERAÇÃO!

PEÇA UMA DEMONSTRAÇAO!

modelos:
domésticos
industriais

varequipe

Lisboa Av Joao XXI-66 r/c D-T.773292-773630
Porto R.Serpa Pinto 247 T.496316

NACIONAL

Costa Brás vai aos Açores empossar os novos governadores civis

O ministro da Administração Interna, tenente-coronel Costa Brás, parte amanhã para os Açores, a fim de dar posse aos novos governadores dos distritos de Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta, respectivamente dr. António Borges Coutinho, dr. Oldemiro Cardoso de Figueiredo e capitão-tenente Rui Vasco de Vasconcelos e Sá Vaz. Os actos decorrerão, pela ordem indicada, amanhã, na quinta e na sexta-feira.

Os novos governadores de Évora e Faro serão empossados na próxima semana, nas referidas capitais, em cerimónias igualmente presididas pelo tenente-coronel Costa Brás.

OS NOVOS CHEFES DOS DISTRITOS

O novo governador da Horta, capitão-tenente Sá Vaz, nasceu em Folgosinho (Gouveia) em 1936. Fez cinco comissões de serviço no Ultramar, possui a Cruz de Guerra de 2.ª classe e desempenha actualmente as funções de capitão do porto da Horta e delegado da J. S. N. no distrito.

O dr. Oldemiro Figueiredo, novo governador de Angra do Heroísmo, é natural desta cidade e tem 58 anos. Formado em Coimbra, reside na Praia da Vitória (Terceira). Participou na campanha eleitoral de Nórton de Matos e pertenceu ao M. U. D. O seu nome foi indigitado para o cargo pelo Movimento Democrático local.

O novo governador de Ponta Delgada, dr. Borges Coutinho, é natural de S. Miguel, tem 53 anos e formou-se em Coimbra (Direito). Foi candidato a deputado pela C. D. E. de Ponta Delgada nas eleições de 1969.

Natural de Ponte de Sor e formado em Medicina igualmente por Coimbra, o dr. João Alves Pimenta, nomeado governador civil de Évora, tem 43 anos e é director clínico do Hospital da Misericórdia daquela cidade. Fez uma comissão em Angola como médico militar.

O novo chefe do distrito de Faro, dr. Luís Filipe Madeira tem 33 anos, é natural de Alte (Loulé), exercendo advocacia nesta vila. Formou-se em Coimbra. Foi candidato a deputado, pela C. D. E., nas eleições de 1969.

"O salário do medo"

O Cineclube Imagem realiza hoje, pelas 21 e 30, uma sessão na Cinemateca Nacional (Palácio Foz), na qual será exibido o filme «O Salário do Medo», de H.G. Clouzot.

A C. P. INFORMA:

Festas a Nossa Senhora dos Remédios em Lamego

Serviço especial para RÉGUA

Por ocasião das Festas a Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego, nos dias 28 de Agosto a 9 de Setembro, estão à venda em todas as estações e apeadeiros desde Porto (São Bento) até Barca de Alva, Duas Igrejas-Miranda, Bragança, Chaves e Arco de Baúlhe, bem como nas estações de Famalicão, Barcelos, Viana do Castelo e Braga, bilhetes especiais de IDA E VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de RÉGUA.

Teatro Maria Matos

A R. T. P. apresenta
«PORTUGUÊS, ESCRITOR, 45 ANOS DE IDADE»
de **Bernardo Santareno**
Todos os dias
às 21.45 horas
Domingos, «matinées»
às 16 horas
Segundas-feiras
descanso da Companhia
AR CONDICIONADO
Bilhetes à venda
Telef. 71 70 17
Interdito a menores de 13 anos

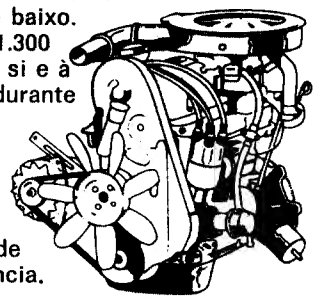
AGUARDENTE VELHA
Niepoort
a prova está na prova

LUSOFRIO
REPARAÇÕES FRIGORÍFICAS
Telef. 77 62 87 — LISBOA

Atenção, condutores! Os factos falam pelo Ford Cortina.

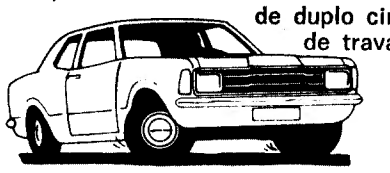
Facto: Maior economia

O preço inicial é baixo. O consumo é baixo. O motor de 1.300 cm3 leva-o, a si e à sua família, durante 100 Km por apenas 8,5l de gasolina. E entre as revisões são 10 000 Km de plena eficiência.



Facto: Melhor comportamento na estrada

Direcção mais precisa, barras estabilizadoras e via mais larga para óptimo comportamento na estrada. O sistema de duplo circuito de travagem,



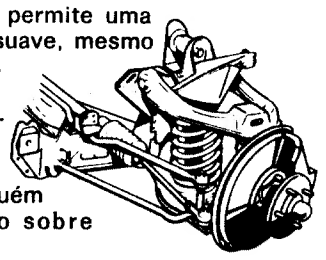
servo-freio e disco à frente garantem que o carro pára mesmo.

Facto: Mais espaço para a família

Pernas, ombros e joelhos têm espaço à vontade, à frente e atrás. Bancos bem almofadados (os da frente reclináveis) e um porta-bagagens com 324 dm3 úteis. Ideal para famílias de 4 ou mais pessoas.

Facto: Condução mais suave

No Ford Cortina, a combinação da suspensão helicoidal com amortecedores telescópicos permite uma condução suave, mesmo nas piores estradas. Suave e confortável. É que no Ford Cortina ninguém vai sentado sobre as rodas.



Facto: Marcha mais silenciosa

Houve o maior cuidado em isolar o compartimento dos passageiros de qualquer ruído mecânico, do vento ou da estrada. Isoladores de som estão colocados nos pontos «estratégicos». E mais: as portas e as janelas são rigorosamente ajustadas.

Facto: Maior segurança

A garantia de segurança que o seu sistema de travagem e a sua suspensão oferecem, o Ford Cortina acrescenta: coluna de direcção compressível em caso de impacto, colocação racional dos instrumentos num painel espessamente almofadado, bancos envolventes, posição de condução correcta e portas traseiras com fecho de dupla segurança.

Vá ver ao seu concessionário Ford toda a gama de modelos Cortina: 1.300 L, 1.600 XL, 2.000 GT, 2.000 E e 1.600 «Leva Tudo».

Ford Cortina - Um carro de facto!

Ford
FORD À FRENTE!

ECONOMIA

A HORA É DE TRABALHO

Em Portugal: como e quando reivindicar menos trabalho

. Aproveitando uns dias de folga no trabalho, lá fomos até à «terra das nossas origens»... como bens «sentimentais» contactámos os amigos de infância. Já há muito tempo que não havia o prazer desse contacto, pelo que (era forçoso) o 25 de Abril monopolizou as nossas conversas. Surgiram «mini-sessões» de esclarecimento (mútuo, claro...) sobre os temas mais variados: política, partidos políticos e figuras políticas; sindicalismo e relações laboriais; economia portuguesa e internacional, etc.

Mas, de todos os temas abordados, um houve que nos fez gastar muito tempo e saliva: **a economia portuguesa face à generalizada reivindicação da diminuição do horário de trabalho.**

Falou-se do exemplo dos países europeus mais afectados pela destruição da última Grande Guerra (nomeadamente a Alemanha e a Holanda) que, num esforço colectivo gigantesco, não só recuperaram as perdas como também tomaram a vanguarda do desenvolvimento. Para tal foi necessário **trabalho, muito trabalho...**

Falou-se, igualmente, nos países socialistas onde o mesmo esforço, por via do trabalho colectivo, vigorou e vigora, levando-os a atingir um elevado índice de desenvolvimento, a despeito de terem de arrostar com dificuldades bem maiores pela ausência de «ajudas»capitalistas (do Plano Marshall, por exemplo).

Mas depois de muito se falar alguma coisa se concluiu e essa foi a de que, mais que nunca, em Portugal é necessário trabalhar.

Todos sabemos que o trabalhador necessita de tempos livres para viver e para se cultivar; todos sabemos que há muita gente que pouco ou nada faz, por oposição a muitos «sacrificados», aos quais, afinal, não obstante os magros salários auferidos, também têm a sua quota parte no lento caminhar da nossa economia. Tudo isto é sabido. Mas mais importante que isto é o **ter de se saber** que no actual momento português, economicamente grave, de duas uma: ou se aumenta a produtividade (da terra, dos materiais, das máquinas, e da mão-de-obra) ou não se deve restringir anarquicamente a jornada de trabalho.

Explicando melhor:

. 1. Produtividade da terra — se utilizando melhores sementes, melhores métodos de cultivo e mais fertilizantes é possível elevar de 2 para 3 quintais a produção dos cereais por hectare de um terreno determinado teremos então que a produtividade da terra, do ponto de vista agrícola, terá aumentado de 50 por cento;

. 2. Produtividade da mão-de-obra — se um trabalhador produzia 30 peças por dia e agora, ao serem adoptados métodos de trabalho mais aperfeiçoados, logra produzir 45 peças, a sua produtividade igualmente aumentou 50 por cento.

Passa-se o mesmo em relação aos conceitos de produtividade dos materiais e das máquinas. Esta noção de produtividade não é mais que a relação entre o produzido e utilizado para produzir pelo que, elevar a produtividade, significa produzir mais com o mesmo consumo de recursos, ou seja, ao menor custo possível por unidade produzida. E disso beneficiará toda a comunidade.

Todavia, o reapetrechamento industrial necessário no nosso País para efectivar esse aumento de produtividade, bem como o «saneamento» dos métodos e das mentalidades habituadas a protecções de toda a ordem (o que provocou a sua estagnação e o seu amorfismo) não é coisa que, **de imediato,** se consiga.

Todo um processo deverá ser posto, **desde já**, em prática, visando o rápido incremento da nossa produção; e aqui os trabalhadores têm uma palavra a dizer pois se o necessário (ingente) incremento dessa produção não se puder obter, para já, pela conjugada acção do melhoramento dos índices vas várias produtividades, só através da quantidade de trabalho essa elevação se poderá verificar.

Defendamos o justo salário para quem trabalha, sem explorações de qualquer ordem. Mas, igualmente, lutemos contra os oportunismos ou as inconsciências daqueles que desejam **muito ganhar** sem **nada fazer!...** É que nós não somos ricos, antes pelo contrário!

. O actual momento português aponta no sentido bem definido, sem ambiguidades e sem hesitações, do aumento da produção. Só através do incremento da capacidade produtiva, pela conjugação do esforço total, a democracia será consolidada, evitando-se a gestação de engulhos opositores ao processo de libertação nacional.

Isto é importante para fixar...

Apresentamos abaixo um quadro, procedente da O.I.T., e referente ao 2.º trimestre de 1974, que poderá ilustrar a nossa «colocação» no contexto mundial, quanto a horário de trabalho.

S.M.

HORAS DE TRABALHO POR SEMANA

ACTIVIDADE ECONOMICA	PAÍSES																					
	Áustria	Burundi	Libéria	Marrocos	Bolívia	Brasil	Costa Rica	Estados Unidos	Uruguai	Venezuela	Hong-Kong	Israel	Bélgica	Espanha	Alemanha	Grécia	Hungria	Itália	Noruega	Holanda	Roménia	Grã-Bretanha	Austrália
1. Indústrias Metalúrgicas de base e Produtos Metalúrgicos	42	45	—	48	48	—	48	40,0	48,0	—	48	45	40	48	—	—	—	—	—	—	48	—	40
2. Indústria Química	42	45	48	48	48	48	48	40	48,0	44	44	45	40-42	48	40,0	—	—	—	—	—	48	—	40
3. Comércio por grosso	42	48	48	48	48	48	48	38,5	48,0	44	44,50	45	4	48	40,0	48	48	40	42,5	4 ,25	48	40	—
4. Comércio a retalho	42	48	48	48	48	48	48	—	48,0	44	48,50	45	40	48	40,0	48	48	40	42,5	4 ,00	48	40	40
5. Bancos	4	45	48	48	48	30	48	36,5	32,5	44	44	43	40	42	4 ,3	39,42	—	—	—	40,00	48	—	40

EUFORIA E CRISE (... à maneira de ascensão e queda?...)

. Poder-se-á dizer que se começa a vislumbrar uma política económica portuguesa para este Governo Provisório, definido e estruturado para fazer cumprir o «programa do Movimento das Forças Armadas?».

Saem diplomas legais e fazem-se afirmações que levam à convicção de que o Governo tomou clara consciência da gravidade da situação herdada do fascismo, excedendo as mais negras perspectivas o que se tem vindo a «apurar» à medida que faz o «balanço e contas», justificando-se, portanto, a necessidade de trazer para a crua luz da realidade que defrontamos o que vai sendo detectado.

Lembremos, por exemplo, as afirmações do Primeiro-Ministro na «festa dos emigrantes» em que transpareceram as preocupações maiores que um improviso trazem ao de cima. E a situação económica lá «saltou», com a gravidade — em «dia de festa!» — de um muito sério aviso para as medidas que se virão a tomar. É verdade que também havia uma intenção de procurar uma colaboração dos emigrantes portugueses para a continuidade das suas remessas, se possível engrossadas e orientadas para preenchimentos de funções de investimento para que nunca encontrámos grande vocação «os nossos homens e grupos com poder económico e que, neste momento, menos que vocação estarão a «fazer-se esquecidos». Politicamente.

E por aqui podíamos começar. Dizem-nos que «há falta de liquidez», mas perguntamos como aparecia essa liquidez quando se tratava de acorrer à subscrição de acções o que se fazia com intuitos bem mais especulativos que de aplicar poupanças investindo... Dizem-nos, também, que existirão de 18 a 20 milhões de contos que estariam adormecidos, nas gavetas, à espera de melhores dias (!?) que poderão ser provocados por essa própria imobilização, e perguntamos se não será de pensar em os **mobilizar** ultrapassando esquemas e métodos que são de aliciamento através de uma procura de vir ao encontro dos interesses e reivindicações, talvez crescentemente exigentes, dos detentores dessa liquidez.

Dizem-nos, ainda, que neste aspecto há muita gente que está seriamente «atrapalhada». Teria sido tentada por ganhos fáceis e rápidos jogando na especulação bolsista e parabolsista, e estão bloqueados e com compromissos assumidos que têm de cumprir. Esta situação de crise de muitas economias particulares é tanto mais grave quanto as suas vítimas gozaram de facilidades quando as procuraram. Daqui dizerem-nos que, à euforia de muitos meses antes do 25 de Abril, se segue uma fase de crise, o que justifica o título que escolhemos para esta nota.

Por outro lado, essa mesma situação e sua evolução, que leva a haver quem diga que se passou da euforia à crise, permite colocar claramente a questão da economia e das economias portuguesas. É que essa euforia de que falam era, simultaneamente, a crise agravada para muitos outros portugueses, para os portugueses cuja vida e posição na sociedade portuguesa nos leva a identificá-los com a palavra trabalhadores. Pois para os trabalhadores portugueses esse período de euforia de alguns compatriotas era o de agravamento da crise dos trabalhadores ao mesmo tempo que a crise de que se queixam ou que só sofrem (sem se queixarem) quem chegou à euforia, corresponde à alteração de condições que possibilitarão melhores perspectivas na luta dos trabalhadores para sairem da sua prolongada e agravada crise na situação económica. Importa acrescentar que os últimos meses do fascismo foram meses de claro aprofundamento do desiquilíbrio da distribuição de rendimentos e de polarização de poder económico, resultado também dessa possibilidade de alguns (a título pessoal ou grupos poderosos) especularem e conquistarem maior poderio económico.

E que aconteceu, nesta viragem que fez a passagem da euforia à crise, nestes primeiros tempos em que se delineia uma evolução?

No plano das pessoas cujos rendimentos, ou sua perspectiva, se aumentavam mais desequilibrando uma distribuição reconhecidamente antisocial, as possibilidades de acesso e continuação das acções (!) em que estavam metidos, ficou coarctada. No plano dos grupos económicos, a polarização do poderio económico pode dizer-se um facto, e as disponibilidades para continuar o «jogo» não foram desviadas para a actividade de investimento, aguardando como já referimos, se é que não conseguiram desviar-se para outras direcções.

Relativamente aos trabalhadores uma possibilidade reivindicativa e sobretudo organizativa foi o resultado primeiro da viragem. Depois, de acordo com princípios definidos, a criação de um nível mínimo de salário, a garantia de uma atitude diferente relativamente às suas posições de luta de classe. Daqui resultaram imediatas melhorias de situação económica de alguns dos mais desfavorecidos. Mas as perspectivas da actividade económica são preocupantes, o que poderá ter reflexos sobre as melhorias já conseguidas tornando-as precárias e dificultando o seu alargamento a mais camadas da população.

E depois aparece tudo ligado. A herança que tivemos foi verdadeiramente «um osso» e ele tem vindo a revelar-se mais duro de roer à medida que se procura meter-se-lhe o dente. E a conjuntura internacional de «estagnaflação» em nada ajuda o que terá de ser estabilidade e desenvolvimento económico com progresso social. A inflação atacava-nos, como estigma de sistema em que estamos e com o agravamento de condições particulares como a guerra colonial, e as medidas de tipo social que se tiveram de tornar prioritárias não vieram ajudar. Por outro lado, a necessária revisão na forma de estabelecimento dos preços, particularmente os agrícolas, se indispensável correcção ao que era reflexo de uma política francamente pouco séria, não pode ser feita sem a repercussão de agravamento directo nos preços de produtos indispensáveis e de largo consumo.

O FUNDO DE ABASTECIMENTO E OS PREÇOS (COMENTÁRIO GERAL E A PROPÓSITO)

O que neste momento, como observadores atentos da evolução da política (e da) economia portuguesa, nos assalta quase como desagradável aviso ou lampadazinha de alerta é a dúvida sobre se não se estará a deixar perder uma oportunidade de procurar soluções diferentes das que poderíamos chamar «clássicas», se não estaremos, a partir da especificidade da situação portuguesa a aplicar esquemas conhecidos de outras tentativas de controlar a economia capitalista, de dominar a inflação à maneira de tentar diminuir uma febre (com aspirinas) sem se atacar a causa funda de que essa febre não é mais que um efeito.

Repare-se que um aumento de preços em produtos de grande consumo corresponde a travar o componente consumo e nos estratos da população cuja **propensão ao consumo** levaria a aplicar as já verificadas melhorias salariais nesses produtos, e lembre-se que as medidas de contenção dos grandes consumos, dos consumos de primeira necessidade são medidas de conhecidos esquemas de tentar dominar a inflação, cuja eficácia o menos que se pode dizer é que... não têm dominado nenhuma inflação, fenómeno-efeito que não se «domestica», que não se tem «domesticado», antes pelo contrário, com as terapêuticas que não vão às causas. Como é óbvio.

Repare-se também que nos aparece muito «ortodoxo» a dicotomia que leva a ver-se referida com frequência a necessidade de libertar meios que estão consignados a manter preços e a «subsidiar consumo» para se ganhar capacidade de investimento, para se estimular a produção interna. É mais do que evidente que a produção interna tem de se incrementar mas podemos perguntar se, para o seu incremento, não é absolutamente indispensável o incremento do consumo interno. E não deixemos passar sem dizer que o que se considera dirigido «essencialmente ao subsídio do consumo» pode ser considerado como tendo sido dirigido essencialmente ao subsídio de uma produção que no quadro de uma política económica, não aproveitou tanta ajuda (auto-ajuda...) para poder suportar confrontos com preços exteriores. Porque é preciso ter em conta que não se pode estimular uma produção se ela parte da possibilidade de aparecer, na oferta, com preços mais altos, enquanto, no consumo, a possibilidade de fazer face a esses preços se limita em salários muito mais baixos, usando as mesmas referências quer para os preços na oferta, quer para os salários na procura.

Mas é esta a herança, é esta a situação a defrontar! Por isso mesmo nos dá o sentimento de insatisfação verificar que parece estarem a atacar-se os problemas com medidas e esquemas onde não se encontra originalidade, onde talvez falte «qualquer coisa», que terá a ver com a disposição firme de não aceitar a premissa de que há falta de liquidez, que a falta de recursos para uma intervenção mais decisiva no investimento — «nomeadamente na construção civil» — vem do défice do Fundo de Abastecimentos É verdade indiscutível que o que se consignava a uma política de «remendos», e falseadora de uma actividade económica um pouco mais sã, faz falta para muita intervenção que há a fazer, mas é preciso ver bem de frente que há outros locais onde «dormem» recursos que fazem falta no investimento, e que não pode ser uma outra solução de recurso ou remendo que poderá vir fazer esquecer a imobilidade desses recursos. O que eventualmente se possa libertar do que a pesadíssima herança deixou só será útil (nova política!) se tiver um impacto bem diferente de vir tapar buracos que há quem se «entretem» a abrir ou a deixar abertos. E tudo isto é política, além de ser economia!

Nem optimismo desatento ou panglossiano nem alarmismo que justifique o que merece ser reflectido e comentado. Política de verdade — a que nada estamos habituados, mas começamos a treinar — parece-nos ter de ser informar com verdade mas também, procurar e ponderar TODA a informação. E **ponderar** quer dizer dar-lhe o peso da sua importância social e de força política.

SÉRGIO RIBEIRO

A DISPUTA DO MORTO

JOSUÉ DA SILVA

Sábado, dia 17 de Agosto de 1974, dezasseis horas e quinze minutos.

A urna contendo o corpo de Victor Bernardes, abatido a tiro por elementos da PSP durante a madrugada do passado dia 15, no Rossio, começou a sair da capela 2, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa. Cinco minutos depois, mal a urna, transportada aos ombros dos verdadeiros amigos do morto, dos que com ele vivo comungaram problemas comuns e sede de ideais, acabara de ser colocada no carro funerário, ouviu-se um urro medonho.

Abro já um parêntesis para afirmar que me escapam muitas coisas daquilo que as pessoas normalmente denominam «política». Claro que conheço o aforismo: na política, como no amor, tudo vale. Só que eu discordo (agora e antes do «25 de Abril») de certos trunfos usados por determinados agentes políticos. Porque, a mim, também um vivo pode servir como pretexto de um determinado acto político. Mas não sou, concerteza, capaz de usar um cadáver seja qual for o fim em vista. Considero que, além de tétrico, é abjecto.

Mas foi o que aconteceu. **Alguém** resolveu disputar um cadáver a **alguém**. Em plena praça pública, como quem vai ao açougue roubar uma boa posta de carne para satisfação da gula familiar. E com que violência o exigiram! Ignoro se é a política que de vez em quando dá em droga, ou se é a droga que de vez em quando vira política. A verdade é que continuei a ignorar, mesmo quando pretendi tirar conclusões em torno do olhar alucinado, fanatizado, em pleno transe, de alguns dos jovens que se colocaram diante dos carros, furando pneus, amolgando «capots», tentando partir pára-brisas e procurando esmurrar os que, sensatamente, lhes aconselhavam calma. E o urro repetia-se: O POVO VAI A PÉ! Mas que POVO? Que se saiba, hoje já não se fazem enterros senão a motor, pelo menos nos centros urbanos. E, também que se saiba, não foi por aí que começaram as revoluções. O que quer dizer: o «slogan» foi arranjadinho para a hora «H». Um intuito de provocação ou de má táctica dos coordenadores do movimento que, à falta de outros elementos de base (o que virão a pagar caro, a curto ou a longo prazo, digo, politicamente falando) agora resolveram armar em cangalheiros. Estou a vê-los, já que mortos-mártires escasseiam nas suas fileiras, a passarem as noites à porta de futuros defuntos e, mal se defuntem, os pobres, toca de levá-los através das ruas das cidades, gritando: ESTE TAMBÉM E NOSSO.

Mas se eles queriam porventura falar do POVO, do verdadeiro, do autêntico POVO, daquele a que pertencia o Victor Bernardes e a que pertence o autor deste apontamento, estavam enganados: porque esse povo não compreende cer-tos **arrebatamentos** que não passam, afinal, de prepotências tão sofridas, que ninguém tem dúvidas em repudiá-las. Quem são **eles**, para chegarem a uma situação destas e ordenarem e imporem e estigmatizarem e, sem rebuço, chegarem à violência para conseguirem os seus fins? Quem são? Isso era fácil para as juventudes hitlerianas dos anos trinta-quarenta, para os camisas-negras mussolinescos de uma Itália felizmente ultrapassada, para as forças repressivas que nos atormentaram durante quase cinco décadas. E ainda foi fácil, no passado sábado, em Lisboa. Só porque os que estavam com o morto (familiares, amigos e correligionários) decidiram entre si não embarcar nas provocações, não responder à violência.

A essa violência responderia o POVO, o verdadeiro POVO, vindo do bairro circundante do cemitério dos Prazeres, que além de defender a urna juntamente com os amigos do morto, até ao local da sepultura, lhes queimou as bandeiras à saída. Sem palavras de ordem, sem incitamentos, sem manobras obscuras. Foi ele, POVO, quem tomou a iniciativa e escolheu as bandeiras que deviam ser queimadas. Teria eu visto mal ou eram mesmo bandeiras com a sigla MRPP e semelhantes?

Houve, porém, acontecimentos que não podem passar em claro, como o da agressão de que foi vítima um colega nosso dos jornais, à entrada do cemitério dos Prazeres... por um grupo comandado por um outro nosso colega da Imprensa. Faço a acusação, porque adversários políticos, tenho muitos. Mas longe de mim, sejam quais forem as circunstâncias, de me julgar com direito a olhar um camarada como inimigo. A não ser que ele me prove que é um fascista declarado. Ou que eu o tenha de descobrir como tal, oculto noutra espécie.

NACIONAL

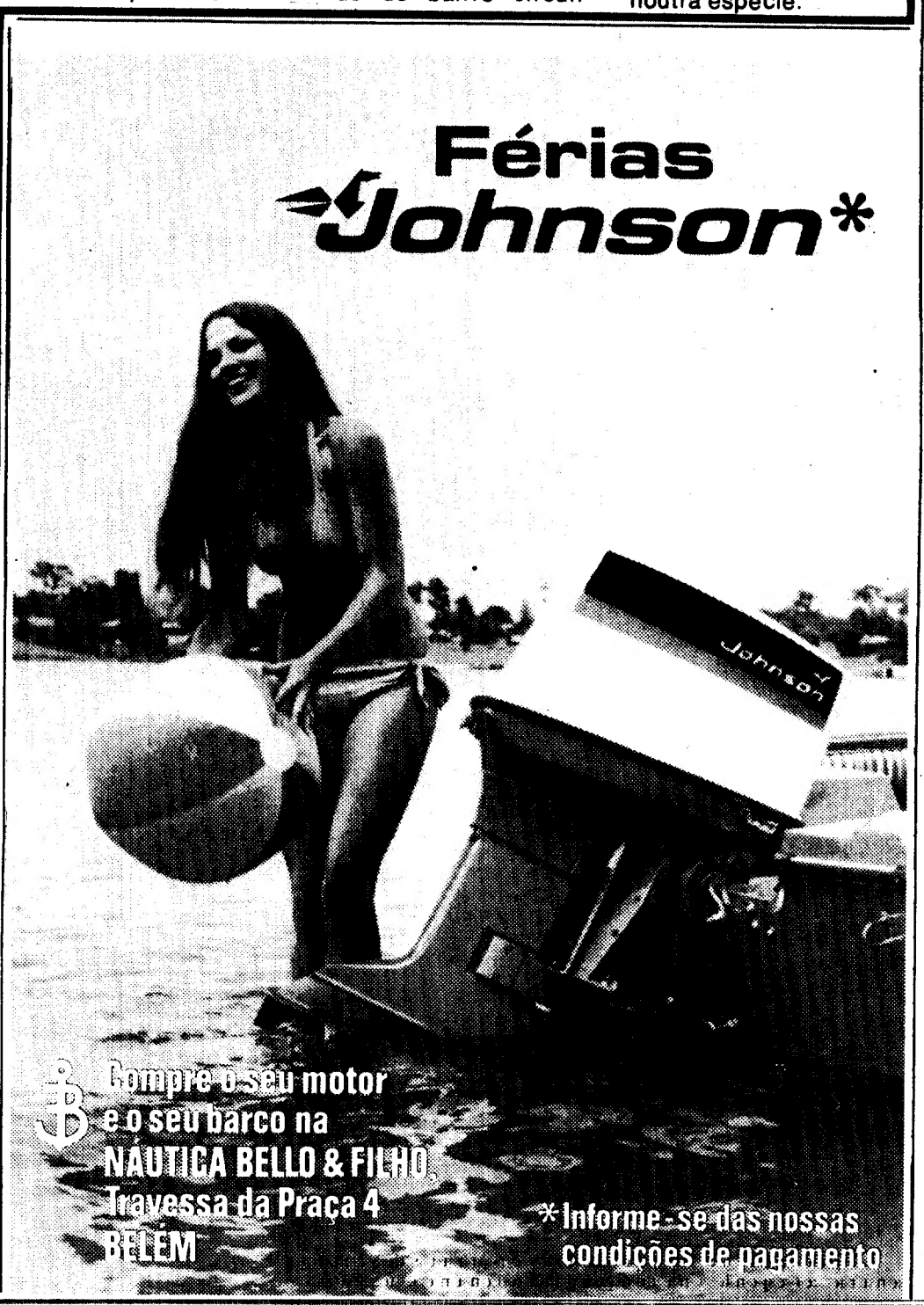
RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS TUNÍSIA - PORTUGAL

Começo de uma nova fase nas relações luso-africanas: a Tunísia decidiu restabelecer relações diplomáticas com Portugal, anunciou um informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros daquele país.

É a primeira nação africana a adoptar tal medida.

Num comunicado que distribuíu, o governo da Tunísia declara que a decisão é consequência directa do reconhecimento, por Portugal da República da Guiné-Bissau, e das declarações oficiais do Governo de Lisboa, admitindo o direito dos territórios sob administração portuguesa à autodeterminação e à independência.

As relações entre os dois países estavam suspensas desde o dia 3 de Agosto de 1963.



GERAL

BAIRRO DO ACÁCIO (PORTO):

A tuberculose dentro de barracas

O Bairro do Acácio existe Fica na cidade do Porto Qualquer pessoa interessada em conhecer mais profundamente o que estava por detrás dos discursos dos dirigentes fascistas em matéria de «política habitacional» pode começar por aqui Hipotecado a um merceeiro local, o Bairro do Acácio é um antro de imundície e doença onde os marodores chegam a dormir, durante anos, sentados em cadeiras por falta de espaço

Ao fundo da Travessa da Maceda, deixando a Rua de S. Roque da Lameira, fica o n.º 107. Não é uma porta, é a abertura de um tunel sob uma velha casa que acaba em terreiro. Em volta deste amontoam-se uns quantos barracões em ruínas que servem de habitação a cerca de duzentas pessoas. Ao sair do bairro, depois de entrar em algumas «casas», qualquer estranho tem a sensação de deixar atrás de si um pesadelo. Pesadelo que é um negócio para a prepotência serena e cínica dum procurador, senhor absoluto da vida e da saúde de toda aquela gente.

COGUMELOS DEBAIXO DA CAMA

— **Quando viemos para aqui já sabíamos como isto era, mas as rendas são altas e os salários baixos, tivemos que vir. Disseram-nos que mais ano menos ano nos transferiam para outro lado porque este bairro estava condenado a desaparecer. E com isto já aqui vivo há mais de vinte anos.**

As pessoas já sabiam. O problema é exactamente esse: a falta de recursos e de casas acessíveis obriga as populações a recorrer aos inúmeros «bairros do Acácio» que se escondem por detrás das casas da cidade do Porto. Ao longo de dezenas de anos o trabalho que essas pessoas deram ao País não lhes conferiu o direito a uma habitação.

A população destes bairros, como acontece no do Acácio, trabalha nas mais diversas actividades, geralmente mal remuneradas: carregadores, empregados da limpeza, ardinas, vendedores ambulantes, serventes, etc. Há também, em número razoável, operários de diversos ramos da indústria, desde metalúrgicos a operários da construção civil. O nível de instrução é muito baixo e os jovens começam a trabalhar muito cedo e sem qualquer qualificação especial. O número de analfabetos é elevado. O que é significativo é que a situação da maioria é praticamente a de desemprego oculto. Com efeito, esse desemprego anda disfarçado em actividades quase sempre incertas, sem garantias nem protecção legal.

As condições sanitárias do Bairro do Acácio são o pior possível e honram perfeitamente a «política de saúde» do regime fascista. Eis as palavras do morador Adriano Peres Rodrigues:

— **Não há aqui um só quarto de banho. Temos uma entulheira ao ar livre. As pessoas usam baldes, que ficam com a porcaria dentro do barraco e despejam-nos na entulheira. No Verão não se pára aqui dentro com o cheiro, moscas e mosquitos. Nesta altura muitos usam aquela latrina aberta, quase sem portas. A porcaria vai correndo a descoberto junto às casas. Um morador tem uma filha que sofre dos pulmões e não a pode ter cá por causa do cheiro e do lixo. Com este perigo da cólera estamos mesmo preocupados. Quer dizer, nós aqui andamos com o quarto de banho nas mãos... Somos quase duzentos.**

Um outro morador chegou junto de nós com um pequeno cogumelo na mão:

— **Isto cresce debaixo da minha cama por causa da humidade. Cogumelos, ervas e bicharada, baratas, centopeias, sardaniscas, ratos, sapos e até cobras. Já foi achada uma cobra dentro dum barraco. Os bichos vivem com a gente nos barracos.**

QUEM FICARÁ IMPUNE?

As crianças do Bairro do Acácio, em número de várias dezenas, são profundamente afectadas com o ambiente que as rodeia («quando as crianças mexem no lixo é um cheiro horrível, aquilo está tudo podre»). Entregues a si próprias, as mais velhas tomando conta dos bebés, ficam-se todo o dia dentro do barraco escuro onde se dorme, se cozinha e se discute ou fora do barraco fazendo da lixeira o seu jardim infantil. E os barracos como são? Um dos que vimos tem cerca de doze metros quadrados, fica abaixo do nível do chão e serve de moradia a um pai tuberculoso (quase sempre na cama) à sua melher e a oito filhos. A luz do dia não chega ao canto onde se encontra a cama do doente. Ao todo duas camas, «cozinha», por detrás da porta de entrada. O doente era chapeiro de automóveis e recebe da Caixa sessenta por cento do seu antigo salário. Os filhos mais velhos (16 e 18 anos) já trabalham. A filha a seguir perdeu um trabalho que tinha («sofre da cabeça, não encara as coisas em condições»). A mulher perguntava-nos: «Acha que isto é casa para nós todos?» Mas, certamente, a sua pergunta queria ser outra: Quem ficará impune se, em breve as crianças apanharem a doença do pai?

A imundície corre junto ao muro

Indicada pela seta a entrada para a cave onde vive um casal (marido tuberculoso há três anos) e oito filhos

Os moradores do Bairro do Acácio disseram-nos que numa barraca vive uma mãe com quatro filhos. Por falta de espaço a mãe dorme há anos sentada numa cadeira, embrulhada num cobertor.

Noutra das barracas que visitámos vive um casal e quatro filhos. Um buraco no tecto do espaço acanhado: «caiu uma vez um calhau, por pouco não acertava na cabeça do filho que tinha aqui no berço». A um canto existe uma escada que dá acesso ao «quarto» das filhas mais velhas (14 e 15 anos): um cubículo por cima da cama dos pais. Tudo isto apoiado em madeiras podres:

— **Só estou a ver quando isto assapa tudo em cima de nós. Às vezes acordamos assaranpatados julgando que isto vai cair. O senhorio não faz obras, só pede aumento de renda, o meu marido ganha 100$00 por dia, é servente de madeiras.**

Perguntámos a esta moradora, sra. Maria Filomena Diogo, a razão por que foi viver para ali:

— **Na casa onde estávamos o dinheiro era todo para a renda, já tinhamos filhos e o meu marido ganhava trinta e dois escudos por dia. Viemos então para aqui. Depois disseram-nos que isto ia ser arrasado e teríamos casas novas. Afinal estou aqui há doze anos.**

EXPLORAÇÃO DA MISÉRIA

No Bairro do Acácio tudo depende de uma única pessoa. As barracas, a doença e o cheiro infecto, além do próprio terreno, estão hipotecados ao merceeiro Mário Pinto Beça, com estabelecimento aberto no túnel que dá acesso ao bairro.

— **O sr. Mário não faz obras, só fala em aumentos de renda quando pedimos um pequeno conserto. Às vezes dá uma borradela de cal, põe um sarrafo no tecto, fica tudo na mesma, a chuva a entrar, mas mesmo assim já ele fica a receber mais qualquer coisa de renda por mês...**

As rendas pagas pelas «casas» do bairro do sr. Mário vão de 100 a duzentos e cinquenta escudos por mês, e mais. Algumas sobem a 500, 550 e 700$00 mensais. Para toda a gente existe, no pátio central, uma torneira com água:

— **Pagamos 15$00 por mês para ter água. O sr. Mário autorizou alguns a fazer uma conduta para casa e esses pagam 20$00 pela mesma água. Mas quando abrem a torneira falta a água aqui na bica do pátio.**

Existe no bairro um barraco estreito com uma bica que serve de «chuveiro» aos quase duzentos moradores. Todavia, os 15 ou 20 escudos pagos ao merceeiro não dão direito ao banho:

— **Pagamos também cinco tostões por cada banho. Estamos horas na bicha, às vezes já passa das dez da noite e ainda há gente na bicha do banho desde a tarde. Quem tem que fazer vai embora.**

E através de todos estes exemplos do quotidiano no Bairro do Acácio que podemos avaliar das condições de vida dos seus moradores. Com efeito, é total a dependência em que estas pessoas se encontram. Dependência que faz do agregado um submundo vigiado e controlado por processos muito subtis. Com a miséria material surgiu a degradação humana e social a que estão sujeitos e de que começam a dar-se conta:

— **As pessoas acabam por ficar sempre nas mãos do sr. Mário, não podem pagar a mercearia noutro lado por falta de dinheiro e ele aqui fia, fia sempre, é uma facilidade para os moradores e depois, por outro lado, vêm as recusas de obras, o aumento de renda por uma borradela de cal, etc. É sempre assim com todas as coisas... Vamos ficando por aqui anos e anos.**

Vejamos ainda estas declarações dos moradores:

— **A renda atrasada já tem sido multada com cem escudos. Em que lei está esta pena? As pessoas não têm possibilidades de arranjar casa noutro lado, sujeitam-se a tudo. Nós fizemos aqui uma reunião, depois uma manifestação na Praça da Liberdade e entregámos uma petição na Câmara. Pois o sr. Mário agora não recebe antes do dia oito a renda das pessoas que fazem parte da comissão do bairro. Faz pressão sobre nós. Põe no recibo a data do dia um embora se recuse a receber antes do dia oito.**

— **No dia 15 de Maio entregámos uma exposição na Câmara. Uma semana depois fomos lá saber e ninguém foi capaz de achar o documento, ninguém já sabia dele. Sabe o que o sr. Mário nos disse então aqui? Gabou-se à nossa frente de ter conseguido com que a nossa exposição desaparecesse. Que não andássemos a perder tempo com exposições... Com isto tudo as pessoas aqui ainda estão com medo.**

No meio do Bairro do Acácio existe uma barraca de madeira que serve de depósito para cerca de trinta garrafas de gás. O depósito pertence também ao merceeiro e procurador. Nas barracas contíguas as pessoas cozinham com petróleo:

— **Só estamos a ver quando o petróleo pega fogo e o barraco das garrafas de gás começa a arder. Nós reclamámos e o sr. Mário disse-nos que a Direcção dos Combustíveis já o havia autorizado a ter cá até doze garrafas. Como é que é?, bastava uma garrafa para destruir isto tudo.**

NÓS CONSTRUIMOS

As informações dadas por um dos elementos da comissão de moradores, durante uma reunião a que assistimos agora no Bairro do Acácio, deixavam antever o sentido do esforço e da luta iniciada pelos seus habitantes: **Queremos que a Câmara compre o terreno e nos ajude a reconstruir o bairro. Vamos entrar em contacto com o arq. Nuno Portas para o Governo nos ajudar a construir casas em que se possa viver. Casas com ar para se respirar e que não ameacem desabar em cima de nós.**

Este problema, que é comum a muitas zonas da cidade do Porto, encontra assim por parte das populações um propósito de solução. Solução em que querem participar as populações interessadas, contrariando o processo habitual de transferir as pessoas para locais distantes do seu trabalho como sucedeu com os «ghetos» conhecidos pelo nome de «bairros camarários». A comissão do Bairro do Acácio vai proceder a um inquérito, barraca por barraca, para dar a conhecer a sua verdadeira situação.

Mas, entretanto, há ali problemas urgentes: a doença e a ameaça da cólera que os moradores começam a recear. No Bairro do Acácio há gente na cama com tuberculose, dormindo com crianças num espaço onde quase se não cabe de pé. Até que ponto podem os portugueses consentir que vá a negligência dos serviços de saúde do País?

Os antigos senhores desta terra, a começar pelos discursantes da Câmara Municipal do Porto, nunca souberam que as vidas dessas quase duzentas pessoas, mais do que o chão e as barracas, eram objecto de uma hipoteca. Hipoteca exercida com a observância das leis e das formalidades que eles criaram para manter na miséria e na doença o povo que vive nos «bairros do Acácio» que enchem a cidade. E que hoje continuam a ser, como o foram durante dezenas de anos, locais onde a violência se pratica sem interrupção. Violência impune materializada na miséria e na doença. A prova é que o Bairro do Acácio existe. Número 107 da Travessa da Maceda, em S. Roque da Lameira.

ESTRANGEIRO

A paz depende do poder da defesa norte-americana

-na opinião de Gerald Ford

. CHICAGO, 20 (R) — O presidente Gerald Ford declarou que a paz dependia do poderio das defesas da América, mas insinuou também que estava preparado para se comprometer na recomendação de reduções no orçamento da defesa.

No primeiro discurso proferido fora de Washington desde que assumiu a presidência, há 11 dias, Ford disse aos veteranos das guerras estrangeiras (VFW), em Chicago, que apoiaria todas as medidas sensíveis com vista a reforçar a prontidão de combate das Forças Armadas.

Funcionários da Casa Branca declararam que o presidente estava a indicar estar decidido a comprometer-se na redução de 5000 milhões de dólares nos gastos com a defesa, recomendada a semana passada pela poderosa comissão orçamental do Senado.

Aquela redução foi proposta num orçamento que totaliza 87.000 milhões de dólares.

Ford declarou à poderosa e conservadora VFW que as defesas da América continuavam a ser a espinha dorsal da segurança colectiva.

Os Estados Unidos e os seus aliados têm de manter o seu poderio e a sua decisão, e ele não ofereceria aos adversários potenciais qualquer oportunidade de tentação — salientou.

«Tal como a América manterá a sua força nuclear dissuasora, jamais recuaremos nas negociações com vista a controlar e a reduzir, ao que esperamos — esta ameaça para a humanidade», acrescentou Ford.

Ford advertiu que os Estados Unidos estavam a lutar pela sua vida económica, que a inflação era brutal e que não hesitaria em utilizar o seu veto para controlar os gastos excessivos do Governo. Acentuou, porém, estar aberto à conciliação e ao compromisso relativamente aos benefícios dos antigos soldados, que, segundo uma comissão conjunta da Câmara dos Representantes e do Senado, deveriam ser aumentados em 23 por cento.

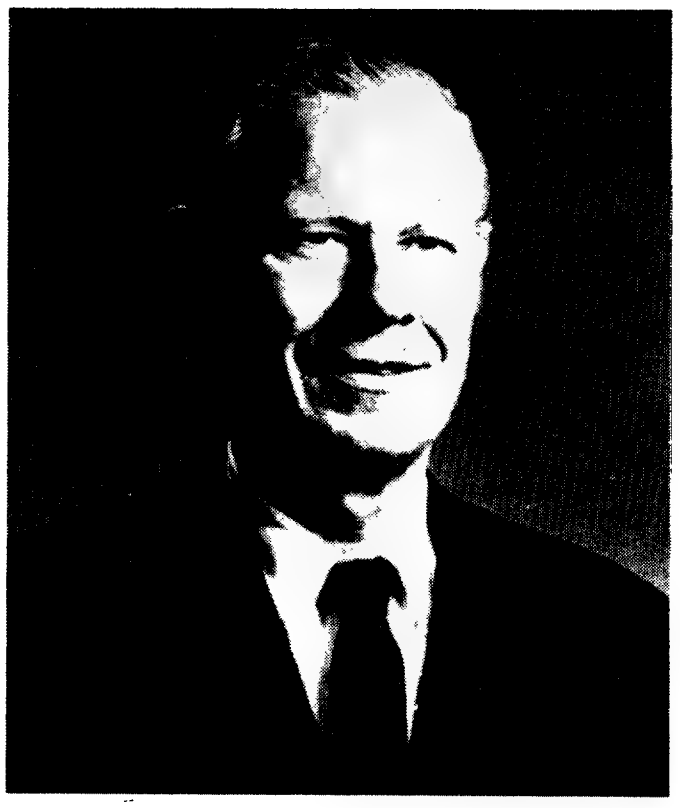
O antigo presidente Nixom advertira que vetaria um aumento, recomendado anteriormente, de 18 por cento, com o fundamento de que era inflacionário.

Numa referência impregnada de humor aos escândalos Watergate da era Nixon, o presidente Ford prometeu eficiência na Administração dos veteranos.

«Não gosto de «Red Tapes» ou de quaisquer outras «Tapes», disse. (Red Tape significa burocracia, mas a palavra Tape isolada quer dizer gravação).

Ford indicara anteriormente pretender regressar a Washington, logo que possível, para continuar a dar forma à sua Administração, sendo concedida prioridade urgente à selecção de um novo vice-presidente.

Segundo anunciou, vai dar amanhã a conhecer a sua escolha para o cargo número dois do país.



A morte do embaixador

O embaixador americano em Chipre, Roger Davies, foi morto por manifestantes cipriotas gregos, que, em número de dois mil, atacaram e incendiaram a Embaixada dos E.U.A. em Nicósia. Foi o próprio presidente, Glafkos Clerides, quem anunciou a morte do diplomata, exprimindo o seu pesar, e declarando que aquele acto não servia a causa do país. Os manifestantes, que pretendiam protestar contra a tolerância americana em relação à invasão turca da ilha, queimaram uma efigie de Henry Kissinger, secretário norte-americano de Estado. Segundo testemunhas, citadas pela AFP, os fuzileiros americanos ripostaram, atirando contra a multidão. Davies, de 53 anos, natural da Califórnia, formou-se na Universidade deste Estado em Berkeley, em 1942. Serviu no Exército durante a Segunda Guerra Mundial e entrou para a secretaria de Estado em 1946. Falando árabe fluentemente, Davies passou a maior parte da sua carreira ocupado com assuntos do Médio Oriente e serviu em vários postos na Arábia Saudita, na Síria, na Líbia e no Iraque. Estava em Nicósia há menos de dois meses. (Telefoto UPI-Teleimprensa).

Turista em Espanha morto a tiro

. CASTELLON DE LA PLANA (Espanha), 20 (A.N.I.) — Um polícia atingiu mortalmente uma jovem francesa, durante uma desordem num parque de campismo municipal — informou a polícia.

Odile Ivette Aimmé Dubois, de 23 anos, morreu depois de a polícia ter sido chamada para apaziguar uma contenda entre campistas franceses embriagados, durante a qual a vítima feriu uma irmã com uma faca.

Quando um polícia tentou tirar-lhe a faca, ela atacou-o e aquele tentou tirar a pistola. Na luta que se seguiu Odile foi ferida e morreu mais tarde no hospital provincial.

Foi o segundo tiro fatal, alegadamente acidental, da polícia nas últimas três semanas. A 2 de Agosto, numa aldeia do sul da Espanha, foi morto um homem e outro ferido quando a polícia dispersou um grupo de manifestantes, que protestavam contra a insuficiência da água.

Indústria aeronáutica no plano de nacionalização do Partido Trabalhista

. LONDRES, 20 (R) — O Partido Trabalhista britânico apresentou hoje o seu mais recente plano de nacionalização, propondo que os dois principais fabricantes de aviões do país sejam englobados, depois do pagamento de compensação reduzida, num novo órgão denominado British National Aerospace Corporation (B. N. A. C.).

As propostas foram aprovadas pelo partido e por três dirigentes sindicais, e não equivalem ainda à política oficial do governo trabalhista.

Um documento do Partido argumentava que o Governo não era apenas o maior fornecedor de fundos à indústria britânica da aviação, mas também o seu principal cliente. A maioria dos aviões de fabrico britânico destinam-se às Forças Armadas do país ou às linhas aéreas nacionalizadas.

O documento exortava a uma promoção de vendas com vista a conquistar para a Inglaterra uma parte maior dos mercados mundiais, que actualmente dependem em grande parte do equipamento americano.

Um ataque planeado e coordenado aos mercados mundiais revitalizaria a indústria, salienta o documento.

De acordo com o plano trabalhista, a B. N. A. C. adquiriria o controlo da British Aircraft Corporation e da Hawker Siddeley. Ao mesmo tempo, adquiriria os principais bens na produção, por estas duas companhias, de armas teleguiadas.

A B. N. C. A. não assumiria o controlo da Rolls Royce Aero Engine que foi nacionalizada pelo governo conservador em 1971. O plano trabalhista isentaria também a companhia Short Brothers Aircraft na Irlanda do Norte.

Um aspecto do documento trabalhista parece certo que irá enfrentar forte oposição. No que respeita a compensação, afirmava que esta era normalmente baseada no valor actual na bolsa. Mas o documento sugeria que qualquer fórmula de compensação à indústria da aviação deveria ter em conta os enormes fundos públicos para ela canalizados nos últimos anos.

MULTINACIONAIS E CULTURA

. CIDADE DO MÉXICO, 20 (ANI) — Começou no princípio deste mês na capital mexicana uma reunião dos directores das editoras latino-americanas, a fim de combater a acção das multinacionais no domínio da cultura.

Segundo a «Prensa Latina» os editores das publicações mais importantes dos países latino-americanos participam nas conversações.

O director da casa editora mexicana «Fundos de Cultura Económica», Francisco Javier Alejo, indicou que os assuntos tratados compreendem a expansão das casas editoras fundadas originalmente por ingleses, franceses e italianos, mas que, de facto, são uma manifestação da expansão das multinacionais norte-americanas e europeias.

Entre os problemas debatidos, continuou Alejo, figura também a crescente exploração das casas editoras europeias e norte-americanas, que elevaram de uma maneira exagerada o preço das traduções de livros em espanhol.

Modernizar as leis do divórcio

. PARIS, 20, (R.) — O divórcio por consentimento mútuo poderá tornar-se uma realidade em França ao abrigo das propostas que muito em breve vão ser apresentadas pelo Ministério da Justiça.

A actual lei francesa torna o divórcio um longo, e frequentemente oneroso, processo, em que uma ou ambas as partes têm de se provar estarem em falta antes da concessão do divórcio.

O ministro da Justiça, Jean Lecanuet, declarou que a actual lei conduz a «representação humilhante por parte dos casais que não se dão e pretendem separar-se». Acrescentou, numa entrevista concedida à Rádio a noite passada: «Temos de modernizar as leis do divórcio, sem ao mesmo tempo encorajar a destruição da família».

Lecanuet, ao anunciar que proporia a liberalização das leis do divórcio nas próximas semanas, salientou que o Governo continuava a estudar o modo de tratar dos casos em que apenas um dos cônjuges pretendia o divórcio.

Conferência sobre a população: alguns dados à margem

. BUCARESTE, 20 (ANI) — Miscelânia de factos sobre a população mundial divulgados a propósito da conferência sobre a população ontem inaugurada em Bucareste: se colocássemos todas as pessoas do Mundo perpendicularmente umas sobre as outras, obteríamos um cordão humano que dava para chegar à Lua e regressar, 12 vezes.

Os cinco países mais povoados do Mundo são a China, 787 milhões de pessoas, União Indiana, 550 milhões, União Soviética, 245 milhões, Estados Unidos, 207 milhões, Indonésia, 125 milhões.

Mais de metade da população mundial, cerca de 2,1 biliões, vive na Ásia. A Europa, sem contar com a União Soviética, possui 466 milhões, a África 354 milhões, a América do Norte 327 milhões, a América do Sul, 195 milhões e a Oceânia 20 milhões.

A Alemanha Federal possui a mais baixa taxa de natalidade do Mundo (12,8 por mil), e a Suazilândia a mais elevada (52,3 por mil).

A Nigéria, o Alto Volta, o Sri Lanka (Ceilão), a União Indiana, o Khmer (Camboja), a Jordânia e o Paquistão são os únicos países onde os homens têm maiores possibilidades de longevidade do que as mulheres.

Xangai é a mais populosa cidade do Mundo, com quase 11 milhões de habitantes (10.820.000) em 1970, seguida por Tóquio (8.841.000), Nova Iorque (7.895.000), Pequim (7.750.000) e Moscovo (7.050.000).

Nos países menos desenvolvidos, a população urbana deverá exceder o triplo da actual no fim do século.

A meio de 1973, a população mundial excedia os 3,8 biliões. Se o crescimento continuar à média actual de mais de dois por cento por ano, chegar-se-á aos oito biliões em menos de quatro décadas.

Mais de metade dos 550 milhões de pessoas existentes na União Indiana tem menos de dezoito anos e um em cada cinco tem menos de seis anos de idade.

Apesar dos desesperados esforços da União Indiana em fazer diminuir o índice de nascimento de 25 por mil, este continua ainda em 42 por mil.

O índice de óbitos é de 17 por mil, o que traduz um aumento natural de 25 por mil, ou seja 2,5 por cento de média de crescimento anual.

O Governo desse país calcula que o seu aumento anual de população (recentemente mais de 12 milhões por ano), exige mais 12.500 escolas, 400.000 professores, 2,5 milhões de habitações e quatro milhões de empregos por ano.

Por altura do ano 2000, segundo esta média de crescimento anual, a população do Mundo duplicará, atingindo praticamente os 7800 milhões. Segundo os peritos a Terra suportará talvez 15000 milhões.

Na Tanzânia existe um médico para cada 20.000 pessoas, no Nepal um para cada 40.000, no Iémene um para cada 60000.

Nos países mais desenvolvidos existe, em geral, um médico para cada 1000 pessoas.

Se o Mundo não abrandar a taxa de crescimento populacional, uma criança nascida hoje e que viva até aos setenta anos, poderá conhecer um Mundo com 15 biliões de pessoas. Um neto deste poderá partilhar o planeta com mais 60 biliões de seres humanos.

CENTROS DE FÉRIAS
EM APARTAMENTOS OU CHALETS EM
BAVIERA
ALGARVE
MADEIRA
ESPANHA
ESCÓCIA
CÓRSEGA
DESDE 4$500 POR DIA PESSOA
INFORMAÇÕES NA MUNDIRAMA
R.DO CRUCIFIXO Nº33/LISBOA 2
TELEFS. 323633
324296
328856
363294
MUNDIRAMA
PEÇA PROGRAMA
PASSAPORTES

ESTRANGEIRO

Assaltantes do Watergate foram assaltados

LAKE WALES (Flórida), 20 (F.P.) — Watergate voltou a ser assaltado.

Dois dos arrombadores do edifício do Watergate, Bernard Barket e Eugénio Martinez, foram, com efeito, por sua vez, vítimas dum bando de gatunos.

Os dois homens, que se tinham confessado culpados e já cumpriram as penas a que foram condenados, tinham-se lançado na Flórida numa operação imobiliária a que deram o nome de Watergate Hills.

Pois foi, na realidade, o seu estaleiro que foi assaltado durante o fim-de-semana, tendo desaparecido dali nove mil dólares de material.

A CRISE DE CHIPRE

Kissinger renova o seu apelo para o recomeço das negociações

WASHINGTON, 20 — (R) — O secretário de Estado norte-americano, dr. Henry Kissinger, afirmou que o Governo turco considerava como negociável a linha de demarcação entre forças turras e cipriotas-gregas.

Declarou ontem, à noite, numa conferência de Imprensa que o primeiro-ministro da Turquia, Bulent Ecevit, indicara que agora estaria disposto a negociar uma redução da zona da ilha ocupada pelos turcos. A Grécia resistirá, porém, a diligências de Washington para se recomeçar as conversações de paz.

Contudo, as delcarações do dr. Kissinger não conseguiram calar alguns congressistas, que estão a insistir para que o Governo exerça mais pressão sobre a Turquia para retirar as suas forças de áreas cipriotas-gregas em Chipre.

Uma emenda, que suspenderia todo o auxílio militar norte-americano à Turquia, será apresentada quando a Comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes chegar à fase pertinente do seu estudo da lei de assistência ao estrangeiro, hoje ou amanhã.

A medida é patrocinada por Benjanim Rosenthal, presidente da Subcomissão de Assuntos Europeus da Comissão Sobre Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes.

Ontem, a Subcomissão teve uma disputa com o subsecretário de Estado, Arthur Hartman, que defendia a continuação do auxílio à Turquia, a despeito da recusa desse país em aceder aos apelos dos Estados Unidos de moderação em Chipre.

Na soa conferência de Imprensa, o dr. Kissinger, renovando o seu apelo para que recomecem as conversações de paz em Chipre, disse ainda: «Nessas negociações, cremos que será necessário a Turquia, como a potência mais forte em campo, mostrar flexibilidade e preocupação com as sensibilidades gregas, tanto quanto ao território como aos efectivos das forças militares na ilha».

O secretário de Estado defendeu a política norte-ameircana em Chipre e advertiu que os Estados Unidos não seriam pressionados por meio de violência, como o assassínio, de ontem, em Nicósia do embaixador Rodger Davies.

Contudo, a política de Washington, está a ser alvo de críticas no Senado: um senador comparou o que se passa em Chipre com a orientação seguida pelos Estados Unidos ne Vietname.

O senador Clairbrone Pell, membro da Comissão de Relações Externas, que apresentou, na semana passada, legislação para suspender o auxílio à Turquia e à Grécia, declarou: «Somente no Vietname, os Estados Unidos desperdiçaram mais de 50 mil vidas dos seus filhos e 100 mil milhões de dólares (cerca de 2 400 000 000 contos ao âmbito actual) do seu Tesouro para desafiar o direito do povo vietnamita de encontrar, sem coerção, uma solução política.

Iremos agora abandonar esse princípio em Chipre?» — perguntou.

Demissão colectiva do governo de Seul

SEUL, 20 (EFE-ANI) — O gabinete sul-coreano apresentou a demissão colectiva por causa do atentado contra o presidente Park Chung-Hee que custou a vida a sua esposa — informa um comunicado governamental.

O primeiro-ministro Kim Jong Pil e o seu gabinete seguiram assim a atitude tomada pela secretária do presidente, pelo chefe da guarda presidencial e por outras personalidades que decidiram resignar os seus postos «por não terem podido impedir o atentado».

Combates nos arredores de Danang e Saigão

SAIGÃO, 20 — (F.P.) — A pequena localidade de Vinh Long (2000 habitantes), ao sul de Danang, caiu nas mãos dos comunistas, anunciou um porta-voz militar do alto comando de Saigão. Os combates foram travados no sábado e no domingo.

Uma outra localidade. Thuong Duc, igualmente ao sul de Dana, foi perdida em 7 do corrente.

Na frente sudoeste de Danang, os pára-quedistas recentemente enviados para este sector, tiveram recontros com os comunistas a oeste das cidades de Da Dai I oc e Duc, onde era necessário «alargar o perímetro de segurança», disse o porta-voz. O balanço dos combates elevou-se a 17 comunistas mortos, e 4 mortos e 38 feridos do lado dos governamentais.

A aviação governamental, acrescenta, só por si matou 69 soldados comunistas no mesmo teatro de operações.

O nível das actividades militares manteve-se elevado durante todo o fim-de-semana no conjunto do território. Perto de Ben Cat, ao norte de Saigão, as forças governamentais colocaram fora de combate ontem 22 soldados da Frente Nacional de Libertação, tendo do seu lado sofrido apenas um ferido.

A IGREJA CHILENA NÃO CELEBRA O GOLPE DE ESTADO

SANTIAGO DO CHILE, 20 (EFE-ANI) — A Igreja Católica chilena não celebrará actos ou cerimónias especiais durante o próximo dia 11 de Setembro, ao cumprir-se o primeiro aniversário da tomada do poder pelas Forças Armadas e carabineiros.

A decisão foi dada a conhecer ontem através de uma comunicação oficial feita pelo episcopado nacional, ao qual preside o cardeal-arcebispo de Santiago, monsenhor Raul Silva Henriquez.

O comunicado indica que a decisão foi adoptada com a finalidade de «reafirmar nesta ocasião a vontade da igreja de realizar a sua missão evangelizadora e de serviço à comunidade, sem implicações com a política vigente».

AO COMÉRCIO E PÚBLICO EM GERAL

A Empresa de Aguas do Vimeiro, Lda., torna público o seu agradecimento a todos os clientes em geral, pela compreensão em relação aos atrasos observados nos seus serviços de distribuição causadores do irregular abastecimento do mercado.

Estas dificuldades têm sido provenientes do excesso de consumo das Águas do Vimeiro, que ultimamente se tem verificado em todo o País.

Aproveitamos a oportunidade para publicar a última análise bacteriológica das nossas águas que se encontram à venda em todo o País, envasilhadas em 7 tipos de diferentes capacidades, naturais e gaseificadas desde os garrafões de 5 litros até à mini-garrafa de 0,140, dose individual para uísque.

CÂMARA PESTANA INSTITUTO LISBOA

S. R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
DIRECÇÃO-GERAL DO ENSINO SUPERIOR E DAS BELAS-ARTES
INSTITUTO BACTERIOLÓGICO CÂMARA PESTANA

Of.º N.º _____
P.º N.º _____
L.º N.º _____

Análise bacteriológica de água requisitada
por Empresa das Águas do Vimeiro, Lda.

Água colhida da nascente da fonte principal das Termas a 31-7-74

Número de colónias por ml:

Contagem em gelose após 48 horas de incubação a 37ºC — 0 colónias por ml

Título colibacilar: superior a 100

Conclusão: A análise revelou tratar-se de água bacteriològicamente pura no momento da colheita.

Instituto Bacteriológico Câmara Pestanana, em 5 de Agosto de 1974.

O Subchefe de Serviço,

GERAL

ANGOLA: ATROCIDADES, ESPERANÇAS, FUGAS

LUANDA, 20 (L.) O comando de sector do Cuanza Norte distribuiu um comunicado dirigido á população, em que dá conta da captura de 37 meliantes que actuavam na região Lucala-Vila Flor-Samba Lucala (a cerca de 250 quilómetros de Luanda), e informa que foram obtidas confissões sobre diversos assassínios. As vítimas depois de amarradas e regadas com petróleo, foram queimadas vivas, havendo a registar um homicídio com arma de fogo, de um comerciante europeu e de seus dois filhos mestiços, todos esquartejados, e, ainda, a morte a tiro de oito africanos.

O documento assinala que «na série de crimes praticados é difícil distinguir onde acaba a política e começa o terrorismo ou campeia a feitiçaria: uns, são militantes de movimento emancipalistas, outros são apenas bandidos puros, constando do conjunto dois soldados africanos, recentemente desertados, que já estavam a trabalhar como desertores».

Entretanto, elementos afectos aos três movimentos de libertação angolanos, agindo, segundo parece, por iniciativa própria, têm percorrido ultimamente alguns templos protestantes de Luanda, numa missão de paz, incitando os fiéis à calma e pedindo a colaboração de todos os homens de boa vontade no sentido de que, com os seus esforços, contribuam para que cesse o clima de discórdia que tem assolado ao nairros suburbanos da cidade, com vista à construção de uma Angola onde todas as raças cominhem de mãos dadas.

O CONGRESSO DO M. P. L. A.

LUSAKA, 20 (L.) - Consideram os observadores que a excessiva duração do congresso do M. P. L. A. parece significar que não cessou, ainda, a luta pela direcção do movimento, cujos representantes, em numero de quatrocentos se encontram reunidos há mais de uma semana numa localidade nas proximidades de Lusaka.

Não há qualquer informação oficial sobre os debates, pensando-se, contudo, que o principal objectivo da reunião seja anular as divergências existentes a nível de chefia.

Algumas informações referem que o actual dirigente do movimento angolano dr. Agostinho Neto terá sofrido fortes ataques por parte das bases do movimento, admitindo-se a possibilidade da sua substituição pelo rival mais directo Daniel Chipenda.

PONTE AÉREA

CIDADE DA PRAIA, 20

Um intenso movimento de transporte de cabo-verdianos entre Luanda e a ilha do Sal principiou anteontem e prolongar-se-a pelos próximos três dias em aviões dos TAP, especialmente fretados para o efeito.

Um serviço de acolhimento e apoio, montado pelo Governo de Cabo-Verde, funcionou para receber as trezentas e sessenta e seis pessoas, noventa por cento das quais mulheres e crianças, que chegaram a bordo de um «Boeing 747-Jumbo». Para a ilha de Santiago, foram transportados duzentos dos recém-chegados, numa ponte aérea de quatro voos, ao mesmo tempo que outras tomavam lugar nos navios «Augusto Castilho» e «António Enes» com destino, respectivamente, as ilhas de São Vicente e do Fogo.

Equipas de médicos e enfermeiros ocupavam-se da detenção de possíveis casos de paludismo e de diarreia entre as crianças.

Hoje, amanhã e depois são esperados no Sal grupos de cento e sessenta pessoas cada um.

Os repatriados afirmam que a situação se tornou últimamente difícil para os cabo-verdianos residente em Angola, especialmente nos musseques de Luanda, onde, muitos foram vítimas de violências, pilhagens e fogo posto nas suas residências e estabelecimentos comerciais.

SAVIMBI: «TODOS SÃO PRECISOS»

LUANDA, 20 - (L.) - «A situação de Angola, dizem, é grave. Mas não é» afirmou numa entrevista ao Rádio Clube do Huambo o líder da UNITA, dr. Jonas Savimbi, que acrescentou: «Angola só será grande com uma projecção no continente, no mundo, se os angolanos souberem, antes de mais nada, esquecer o passado. Ouvi dizer que certos europeus estão a partir. Partem porquê? Porque deixam Angola? Angola foi sempre de todos. E terá de ser de todos. Porque fogem? Porque abandonam Angola? Não há razão para deserção nesta altura em que todos nós somos precisos para mostrarmos a nossa maturidade.»

Theodorakis deverá chegar hoje a Lisboa

E provável que Mikis Theodorakis, o compositor de vanguarda grego convidado para o Festival Internacional do Algarve, chegue ainda hoje a Lisboa. De facto, apesar de se desconhecerem as razões da sua falta de comparência, segundo nos foi informado junto da Embaixada da Grécia, o músico tomou, ontem, um avião de Atenas para Paris, donde deverá seguir para Lisboa. O seu atraso e, sobretudo, as tentativas infrutíferas para contactar com ele, foram bastante comentadas pelos organizadores do Festival e pelos representantes da Imprensa cobrindo a iniciativa turística cultural, até por se desconhecerem as razões impeditivas da sua ausência. Esta terá, certamente, sido também notada pelo ministro Mário Soares e por alguns dirigentes políticos portugueses, com quem Mikis Theodorakis, convidado oficial do Governo, deveria ontem ter almoçado.

Ex-pide detido em Rio de Moinhos

Um ex-agente da extinta P. I. D. E.-D. G. S. foi anteontem detido em Rio de Moinhos, e entregue às autoridades locais, por haver encabeçado uma operação provocatória num comício do P. C. P. ali recentemente efectuado. Durante a cena de provocação foram praticados distúrbios e cometidos algumas agressões. Vários automóveis de participantes sofreram estragos apreciáveis.

Entretanto, em Lisboa, rondas suspeitas vigiam ultimamente a sede do Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas, associado ao M. D. P. A apreensão das actividades é natural, tanto mais que, com ou sem ligação a estes factos, foi roubado o automóvel de uma delas estacionado junto à sede.

AGRESSÕES EM MONDIM DE BASTO...

MONDIM DE BASTO, 20 — Elementos provocadores agrediram aqui, no final de uma sessão de esclarecimento do M. D. P., local, três dos oradores drs. Leal da Costa e Alfredo Cruz, e comerciante sr. Teixeira da Silva.

O M. D. P. e o Partido Socialista aprovaram uma moção de condenação das agressões, mas o certo é que o ambiente se mantém instável para os democratas mondineneses.

... E EM MONFORTE

MONFORTE, 20 — Um grupo reaccionário provocou nesta vila um acto de agressão na pessoa do activista do M. D. P. José Maria Trindade Cid. Foram identificados como agressores o produtor agrícola António José Correia Santos, de Elvas, e o guarda florestal auxiliar Afonso José Elvas, contra os quais impende queixa na G. N. R. de Monforte e junto do representante do M. F. A. em Portalegre.

S. R.

MINISTÉRIO DA COORDENAÇÃO ECONÓMICA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Albufeira, Loulé e Silves, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve a que se refere o processo 8/53384, do arquivo 5460, para o estabelecimento nas freguesias de Paderno, Boliqueime e Algôs, concelhos de Albufeira, Loulé e Silves, de uma linha aérea a 60 kV Loulé-Tunes, com 23 892 metros da subestação da C. P. E. em Tunes à subestação da C. E. A. L. em Loulé.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 11 de Julho de 1974.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

S. R.

MINISTÉRIO DA COORDENAÇÃO ECONÓMICA

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção - Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Aljustrel, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela Companhia Eléctrica do Alentejo e Algarve, a que se refere o processo 8/53410, do arquivo 5460, para o estabelecimento na freguesia e concelho de Aljustrel, de uma linha aérea a 30 kV, com 2169 metros, do poste n.º 136 da linha a 30 kV Beja-Aljustrel ao posto de transformação sito na Herdade do Monte das Lanças, de António Catita.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Agosto de 1974.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Soares Dames, R. Alm. Cândido dos Reis, 6 — MONTIJO

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E AMBIENTE
SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONSTRUÇÃO DE POSTOS CLÍNICO E ASSISTENCIAL EM AGUALVA-CACÉM

1. — Faz-se público que se encontra aberto concurso para a realização da seguinte empreitada:

   Empreitada n.º 9/74 de «Construção de Postos Clínico e de Assistência Social em pisos térreos, no Agrupamento de Casas Económicas de Agualva-Cacém».

   Preço base ..... 2 193 036$00
   Caução provisória ..... 54 825$90
   Prazo de execução ..... 180 dias

   Alvará exigido: 1.ª Subcategoria da Categoria 1 e da classe e subclasse correspondente ao valor da proposta.

2. — Os processos do concurso podem ser consultados todos os dias úteis, às horas normais de expediente, na Direcção dos Serviços de Obras — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 87-7.º — Lisboa, podendo os interessados obter cópias dos mesmos através do Centro de Documentação, sito na mesma Avenida, n.º 5-3.º andar, sendo da inteira e exclusiva responsabilidade dos interessados a verificação e comparação das cópias com os elementos dos processos patenteados.

3. — O acto público do concurso realizar-se-á na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 87-8.º andar — Lisboa e terá lugar pelas 15 horas e 30 minutos, do dia 10 de Setembro de 1974, devendo as propostas dar entrada na Repartição Administrativa, na mesma Avenida, n.º 5-7.º andar, até às 17 horas e 30 minutos do dia 9 de Setembro, ou até uma hora antes da hora do concurso, se enviadas pelo correio, sob registo.

Fundo de Fomento da Habitação, 17 de Agosto de 1974

PEL' O DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE OBRAS
Mário Fernando Costa Santos de Sá
Mário Sá
Engenheiro

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E AMBIENTE
SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA A CONSTRUÇÃO DE 479 FOGOS EM ÉVORA

1. — Faz-se público que se encontra aberto concurso para a realização das empreitadas 7/74 de «Construção de 479 fogos em Évora IV grupo» com a possibilidade de concorrer a parte da obra, segundo o sistema de empreitadas que se descrevem, no quadro seguinte:

EMPREITADA N.º	PREÇO BASE	CAUÇÃO	PRAZO (EM DIAS)	DESCRIÇÃO N.º DE FOGOS
7/74/N.1	17 746 400$00	443 660$00	390	89
7/74/N.2	17 317 390$00	432 934$80	390	86
7/74/N.3	17 974 730$00	449 368$30	390	82
7/74/N.4	18 057 060$00	451 426$50	390	89
7/74/N.5	27 988 770$00	699 719$30	420	133
7/74/N.1.2	35 063 790$00	876 594$80	400	175
7/74/N.3.4	36 031 790$00	900 794$80	480	171
7/74/N.1 a 4	71 095 580$00	1 777 389$50	660	346
7/74	99 084 350$00	2 477 108$80	750	479

Será condição para admissão a concurso o ser possuidor de alvará da 1.ª Subcategoria da Categoria 1, e da classe e subclasse correspondente ao valor da proposta.

2. Os processos dos concursos podem ser consultados todos os dias úteis, às horas normais de expediente, na Direcção dos Serviços de Obras — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 87-7.º — Lisboa, podendo os interessados obter cópias dos mesmos através do Centro de Documentação, sito na mesma Avenida, n.º 5-3.º andar, sendo da inteira e exclusiva responsabilidade dos interessados a verificação e comparação das cópias com os elementos dos processos patenteados.

3. O acto público do concurso realizar-se-á na Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 87-8.º andar — Lisboa e terá lugar pelas 15 horas e 30 minutos do dia 15 de Outubro de 1974, devendo as propostas dar entrada na Repartição Administrativa, na mesma Avenida, n.º 5-7.º andar, até às 17 horas e 30 minutos do dia 14 de Outubro, ou até uma hora antes da hora do concurso, se enviadas pelo correio, sob registo.

Fundo de Fomento da Habitação, 17 de Agosto de 1974.

Pel'O DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE OBRAS
Mário Fernando Costa Santos de Sá
Engenheiro

NACIONAL

TURISMO

José Vacondeus

Férias para portugueses em Portugal: sete dias por menos de 600 escudos

No passado dia 13 a TV entrevistou dois funcionários da Direcção-Geral de Turismo, a dr.ª Helena Torres Marques e José Carrasco. Acontece que, na última página de turismo que publicamos regularmente, todas as terças-feiras, neste jornal, tinha sido feita uma referência a toda a nova equipa que parece ter vindo dinamizar o sector turístico do nosso País. Afirmámos, então, que o conjunto humano que tinha sido chamado a prestar o seu contributo em tão importante departamento do Estado merecia o apoio de todos, de quantos, no sector privado, ansiavam, passados mais de três meses sobre a data da nomeação do I Governo Provisório, por ver alguma coisa feita, de positivo, de concreto, de palpável.

Mas as declarações prestadas naquela entrevista provocaram uma reacção por parte de vários elementos do sector privado do turismo. Foram doze as cartas recebidas nesta Redacção, comentando o conteúdo das declarações prestadas. Numa delas, talvez na mais agressiva, vai o seu autor ao ponto de afirmar: «Minimizou-se, aos olhos do público, a insofismável crise do turismo, tentado-se negar os seus graves reflexos na indústria hoteleira, nas actividades turísticas, no comércio em geral e na nossa Balança de Pagamentos. Pretendeu-se entreter o contribuinte com o paliativo da campanha de turismo interno, anunciando-se sensacionalmente uma semana de férias portuguesas por 500 ou 600 escudos, sem se indicar onde e quando. Tentou-se fazer crer que o programa anual de Verão «Conheça a Madeira», lançado em 1971 com voos fretados pelo principal grossista português e aproveitado em 1974 — mas antes do 25 de Abril — por mais quatro operadores nacionais, sem qualquer apoio das entidades oficiais ou da TAP, foi a primeira grande iniciativa dos antigos e actuais técnicos da D.G.T. para a reconversão dos hábitos de férias dos portugueses».

E termina o autor daquela carta com as seguintes perguntas: «Até quando? E até onde? Turismo orientado em «part-time»? E a RTP continua a beber da mesma fonte...».

Parecia importante ouvir e reproduzir a entrevista que estaria a provocar tanta celeuma. A Radiotelevisão Portuguesa colaborou. Eis o conteúdo das declarações prestadas:

Helena Torres Marques — *Há, com efeito, uma crise de turismo internacional. Esta crise deriva da crise económica. Um agravamento dos preços, agravamento particularmente nítido ao nível dos transportes que faz com que os produtos chamados turísticos tendam a subir de preço e, naturalmente, as pessoas saem menos para o estrangeiro. No nosso País, onde o turismo externo era particularmente importante, as acções eram dirigidas, sobretudo, para esse turismo pois receava-se que fossemos muito afectados. Felizmente, a crise não tem sido tão grave como, em princípio, era possível supor, mas há que tomar uma série de atitudes imediatamente por forma a tratar outros mercados que possam, entretanto, fazer evitar a crise. Ora o mercado que está aqui ao pé de nós, que nunca foi tratado, é o mercado interno. É o mercado dos nacionais, de nós todos que fazemos turismo.*

Locutor — Mas, todos nós sabemos que existiu a campanha de «Conheça Portugal desconhecido»...

H.T.M. — *Essa campanha teve, como efeito, levar os portugueses a fazer férias no estrangeiro. Dizer na televisão «Conheça o Portugal desconhecido, visite o seu agente de viagens» e, ao mesmo tempo, não criar o produto que os agentes de viagens vendam a preços que os nacionais possam comprar não tem efeitos nenhuns. O que é que acontecia? O português chegava ao agente e encontrava que os preços que podia pagar era o Sul de Espanha, era Maiorca, era onde ele quisesse... Tudo, menos Portugal.*

Ora bem, o que é que nós estamos a fazer? Estamos a organizar um programa que sirva para que os portugueses passem férias em Portugal a preços que sirvam o turista normal português. Vamos lançar imediatamente uma campanha que se chama «Faça férias portuguesas».

José Carrasco — *De uma forma geral, as campanhas até aqui eram baseadas, prática e exclusivamente, na publicidade. Não é que não existissem praias, que não existissem hotéis, mas não existiam circuitos comerciais que pudessem dar aos portugueses essas férias ou a possibilidade de as terem. Nós, agora, o que conseguimos foi, em estreita colaboração com o sector privado, a criação de estruturas de comercialização que possibilitem os portugueses, ou alguns portugueses, a fazer férias. E assim, em relação a determinadas regiões, nós vamos lançar programas acessíveis a extractos bastante largos da população portuguesa por forma a permitir aos portugueses começar a gozar férias em Portugal tal como os estrangeiros o faziam antigamente ou era só acessível, praticamente, aos estrangeiros. O primeiro ensaio foi a Madeira, pois a crise naquela região era mais forte, foi lançada uma campanha em colaboração com todos os agentes de viagem portugueses e com os hoteleiros daquela ilha e os resultados foram notáveis, rapidamente os portugueses responderam e a Madeira regista, neste momento, em época baixa — neste momento lá é época baixa — resultados bastante melhores do que no ano passado. Portanto, os hotéis estão mais cheios este ano do que estavam, no mesmo período do ano anterior, não obstante a crise internacional que se regista.*

L — O que eu queria perguntar-lhe era se existe alguma região do Continente visada especialmente. Parece-me que não...

J.C. — *Vai ser sobre a totalidade do território continental, mas por áreas. Por exemplo, o Norte, o Centro do País ou o Sul, ou ainda o interior, mas a preços que irão ser sensacionais. Preços que poderão ser, por exemplo, uma semana a partir de 600 escudos, quinhentos e tal escudos...*

L. — Um assunto que gostaria de focalizar e que me parece urgente e necessário em face de uma nova faceta política em Portugal: é, justamente, o turismo social.

J.C. — *Ora bem, é forçoso que se esclareça, isto não é ainda turismo social. Isto é a primeira parte de uma orientação das estruturas existentes, da possibilidade conciliatória de tornar possível, ao maior número de portugueses, as férias em Portugal. O turismo social, para nós, é uma coisa bastante mais complexa, será não só a deslocação, como é normalmente entendido em turismo, mas será a ocupação dos tempos livres ligada a aspectos culturais, desportivos, de recuperação física, etc. e transcende muito o simples departamento do turismo...*

H.T.M. — *Eu posso acrescentar alguma coisa, se me permitem. É que nós já estamos a trabalhar nisso. Assim que a nova equipa — ia dizer tomou conta — dos serviços oficiais do turismo, pois foram dadas directrizes diferentes. Foi já criada uma comissão, de âmbito interministerial, que reúne pessoas do trabalho, da segurança social, da acção social escolar, dos desportos e do turismo. Vamos todos trabalhar em conjunto tendo em vistas lançar, o mais rapidamente possível, programas de férias que se estendam a todos os trabalhadores em geral e, não só, queremos apanhar a camada dos estudantes, queremos apanhar a terceira idade. É talvez um programa ambicioso, mas nós somos jovens, estamos todos com ideias de fazer muita coisa, temos ideias já concretas e estamos já a trabalhar para obter rapidamente resultados.*

L — Isso, aliás, é tão importante porque, até agora, acontecia que uma mínima, muito mínima, percentagem de portugueses podiam, efectivamente, gozar as suas férias, aquilo a que se chamar sair do seu local habitual de habitação e afinal fazerem umas férias, aquilo que é, afinal, o merecimento de um ano de trabalho. Naturalmente que esta é uma conversa aliciante, especialmente para aqueles que, neste momento, pensam começar ou aqueles que vieram das suas férias. Um tema aliciante, naturalmente, que não se pode tratar num curto espaço de tempo. Dele falaremos naturalmente, e noutras oportunidades, noutras ocasiões...

Propositadamente e para não desvirtuar o sentido e o significado das afirmações feitas na entrevista televisiva, reproduzimos na íntegra e por escrito o que foi dito. Provavelmente, a reacção desfavorável às declarações proferidas resulta da circunstância de não terem sido suficientemente claros os dois funcionários da Direcção-Geral do Turismo. Falar de uma semana de férias para portugueses por pouco mais de quinhentos escudos, sem explicar como, nem onde, poderá parecer uma promessa difícil de cumprir mas, até ser divulgado concretamente o programa, não haverá razões para críticas, excepto, talvez, no que se refere à espontaneidade da afirmação.

Mas os dois elementos do departamento oficial do turismo referiram-se a uma íntima colaboração com o sector privado. Tudo leva a crer que, desta vez, nada será programado, estudado, posto em prática, sem primeiramente serem ouvidas as forças vivas e autênticas do turismo nacional, muito embora não esteja criada a tão almejada Comissão Nacional de Turismo.

CAETANO VISTO POR M.M. MÚRIAS

"O ESTADO NOVO SUICIDOU-SE"

Quer o leitor saber o que aconteceu ao Estado Novo, segundo Marnauel Maria Múrias? Suicidou-se!

Esta tese, muito corrente nos meios de extrema-direita peninsulares (e dizemos «peninsulares» porque a primeira reacção do tipo foi publicitada num pasquim espanhol chamado «**Fuerza Nueva**»), merece sete gordas páginas no último número de «**Resistência**», quinzenário dirigido pelo sr. António da Cruz Rodrigues, que o vende ao preço avulso de 12$50. Quanto a M. M. Múrias, poderíamos multiplicar as referências. Uma basta: trata-se de um dos mais pertinazes propagandistas da linha dura salazarista-caetanista, como tal titular de várias benesses dentro do regime deposto.

Posto o que, passemos a transcrever alguns passos do artigo «O Marcelismo», vindo a lume com o antetítulo «Para a História do Nosso Tempo». Reza assim, por exemplo:

SALAZAR — «O êxito da sua política financeira em 1928, a política externa dos anos trágicos da II Grande Guerra, que salvaguardou a neutralidade; a firmeza impassível da resistência africana; a habilidade com que, durante quarenta anos, congraçou e pôs a colaborar as diversas forças políticas que apoiavam o Estado Corporativo — granjearam a Salazar um prestígio e uma força política excepcionais neste país sentimentalmente anarquista que, durante quase um século, incapaz de se autodisciplinar, vivera em situação endémica de guerra civil. A determinação, a frieza, a visão histórica com que Salazar olhava e resolvia os problemas, impuseram-no à consciência da Nação; a sua proverbial honestidade, a austeridade e a isenção faziam-no respeitado, até pelos adversários. Em função do interesse nacional sacrificava amigos e adversários, visceralmente devotado à Pátria, por ela se consumiu até ao último sopro».

CAETANO — «Marcello Caetano, esse, foi sempre um hesitante. Humanamente é a antítese do seu antecessor: — jamais esqueceu um agravo pessoal; sacrificou tudo para chegar onde chegou e baixar onde baixou. Agiu precipitadamente na circunstância e esqueceu-se dos princípios. Monárquico integralista desde os bancos do liceu, dirigiu nos últimos anos vinte, uma das mais violentas e pitorescas revistas reaccionárias daqueles tempos heróicos — a «Ordem Nova» — folhetozinho que, no frontespício, em agressivo **normando**, se confessava escandalosamente **antiliberal, antidemocrática, anticapitalista, anticomunista, antitotalitária, antimaçónica, etc., etc., etc.**

Professor universitário, era geralmente considerado pelos discípulos um excelente pedagogo e um cientista de mérito. Administrativista, é responsável pelo ainda vigente Código Administrativo e pelo Estatuto do Funcionário Público — dois textos que, ao longo das últimas décadas, aniquilaram quase todas as nossas antigas franquias regionais completanto a obra destrutiva de Mouzinho da Silveira e ajudando, muito gravemente, à edificação do Estado centralizado e burocrático em que se degradou o sonhado Estado Corporativo, descentralizado e desburocratizado, autogestionado e organicamente electivo, que, mais ou menos influenciado pelo ideário integralista, mais ou menos catolicizante, a Constituição de 1933, embora de raíz democrática, intentara institucionalizar.

Como administratista e estadista Marcello Caetano renegou o seu incipiente maurrasianismo. Como político, pouco a pouco, foi-se deixando enlear pela ambição do poder, pela ânsia de vir a desempenhar um papel histórico — **pela glória de mandar, pela vã cobiça dessa vaidade que se chama fama.**

Detestava Salazar. As centenas de cartas que, pela vida fora, principalmente depois de 1945, escreveu à maioria dos políticos portugueses, constituirão, reunidas, um dos mais extraordinários acervos desse anti-salazarismo frustrado que a certa altura se apossou de poucos mas importantes homens da antigo regime. Acompanhei muito de perto o fenómeno — e um dia hei-de atestá-lo documentalmente — até porque a sua análise tem a maior relevância para o bom entendimento histórico da crise larvada que, agravando-se através dos anos, desembocou no 25 de Abril. Falta-nos agora perspectiva temporal para o poder valorar cientificamente. Algumas achegas, porém, se devem dar — e essas têm de ser críticas, e ainda muito subjectivas.

Em 1945, forçado a abandonar a pasta das Colónias que sobraçara durante cerca de dezoito meses, Marcello Caetano ocupou a Presidência da Comissão Executiva da União Nacional. Aí, preparou-se, não sem uma certa impaciência, para suceder a Salazar. Somando uns poucos de discípulos a certa geração da Mocidade Portuguesa que ele disciplinara como Comissário Nacional da Organização constitui uma pequena claque de jovens que a partir de então, aderindo espectacularmente à União Nacional, passou a formar, dentro do regime, um grupo de pressão, o marcelismo, que, colocado um muitas posições estratégicas, principalmente na Informação, foi abrindo caminho para o Palácio de S. Bento, rodeando, primeiro, o Presidente Craveiro Lopes, cercando, depois, o Presidente Thomaz, de modo a ficar-se, no momento exacto, com a aparência pública e política de que, sem Marcello Caetano, o regime se afundaria, e que os marcelistas, na panóplia das forças dominantes, constituíam a força mais poderosa, a mais esclarecida, a mais dinâmica, a mais moderna e (coisa espantosa para o antigo director da «**Ordem Nova**) a mais liberalizante».

Seguem-se notas sobre as eleições presidenciais de 1949 e 1951, menos saborosas, mas, vá lá, contando que Salazar (1949), ao ouvir gritar no Largo da Misericórdia o seu nome «para a Presidência», topou a manobra (Salazar na chefia do Estado equivalia a Caetano na do Governo, **apud** M. M. Múrias), «recuou precipitadamente, coradíssimo» — e dois dias depois Carmona era anunciado como candidato.

CRAVEIRO E CAETANO

«O general Craveiro Lopes era considerado um homem sério. Indicado para a Presidência da República pelo ministro da Guerra, coronel Santos Costa, breve se desentendeu com este. Imediatamente os marcelistas aproveitaram a sota e embarcaram com bom vento. Recolocando-se em boas situações, pouco a pouco dominaram alguns sectores, comandados por aqueles que, nos anos 40, tinham aderido à União Nacional. O chefe, entretanto, fora eleito presidente da Câmara Corporativa. Exercia influência, colocava adeptos, delineava estratégias, aproximava-se mais e mais de Belém, contactando intimamente com o Presidente da República.

Em 1955, Craveiro Lopes insiste com Salazar para nomear Marcello Caetano ministro da Presidência. Uma nova Comissão Executiva da União Nacional, constituída na sua melhor parte por jovens marcelistas, vai dominar o confronto eleitoral de 1957 que se avizinhava. Distribuira-se o jogo: alijaram-se dos postos vários salazaristas intolerantes, começara uma luta pelo poder, que se julgava o último «round».

Surgiram os primeiros desentendimentos visíveis entre Craveiro Lopes e Salazar. A máquina política do regime afrouxava de andamento, a própria máquina administrativa começava a gripar. A estrela montante de Marcello Caetano brilhava no futuro, as oposições democratícias, muito apoiadas nas diversas internacionais, mostravam-se aguerridas, melhor organizadas, muito mais conscientes da sua própria força e das fraquezas do regime.

Quando em 1958 se tratou de escolher o candidato govenamental às eleições presidenciais, as fendas no edifício eram notórias».

CAETANO ENFIM SÓ

Depois de Craveiro veio Tomás, depois de Salazar morto politicamente veio Caetano. Caetano enfim só. Eis a versão do articulista de «**Resistência**»:

«A experiência Marcello Caetano inicia-se sob o signo do anti-salazarismo. Logo nos primeiros dias da sua governação os jornais se desbocaram em críticas a Salazar e, na televisão, onde em Março, contra a opinião do próprio Marcello, se colocava Ramiro Valadão, a figura e o nome do antigo Presidente do Conselho eram cuidadosamente esquecidos, não fosse o velho recuperar do acidente cerebral e reinstalar-se no palacete da Rua da Imprensa. A um jornalista estrangeiro, dizia em 1969 certo membro do Governo que, desde há longos anos, muito anteriores à demissão de Salazar, era Marcello Caetano, quem governava através dos seus acólitos, instalados nos lugares-chaves.

O anti-salazarismo sensível e latente da atmosfera política, dividiu quase imediatamente as gentes do regime. A abertura liberalizante da nova Comissão Executiva da União Nacional, presidida pelo dr. José Guilherme de Melo e Castro, antigo subscretário do Estado de Assistência de Salazar, permitiu criar uma pequena seita neocapitalista e social plutocrática na Assembleia Nacional; escorada na influência de dois filhos de Marcello Caetano e de dois ou três membros do Govero, fundava-se a **SEDES**; o «Expresso» saía como órgão da oposição tecnocrática, tendo como redactor político um filho do dr. Baltazar Rebelo de Sousa, ministro das Corporações, e via a censura amenizar-se graças a tal ligação. A chamada Direita tinha as maiores dificuldades em se mover e em se organizar, a maior parte dos seus importantes personagens ligados à alta finança, epicuristas agradáveis que só não queriam maçadas».

ESCÂNDALOS

Aqui vale a pena seguir a par e passo M. M. Múrias:

«Acontecia, porém, que o regime politicamente se estruturava na Direita. Ante um Governo de tendências liberalizantes, as massas de apoio imobilizaram-se: organizaram-se grandes manifestações **espontâneas**, é certo; todavia a classe política mantinha-se desconfiada, não deixando ir por diante o processo esquerdizante. O próprio Marcello Caetano, autoritaríssimo, não se dispunha às reformas de fundo reclamadas por todos; hesitante, como sempre, deixava em meio a maioria dos projectos, mudava os nomes às instituições, não lhes mudando a essência, cada vez mais embaraçado pelos grandes interesses plutocráticos e especulativos recém-nascidos, por uma política económica e financeira onde, nitidamente, se desenhava a sombra sinistra do nepotismo e da corrupção. Algumas das maiores fortunas portuguesas fizeram-se nos últimos cinco anos: — a Esquerda e a Direita revoltavam-se contra os escândalos semipolíticos que ressaltavam da maioria das acções de fomento.

A especulação bolsista tomou aspectos desesperados. Manobrada por meia dúzia de **meneurs**, a alta fictícia do papel desviou as pequenas poupanças dos investimentos imediatamente reprodutivos. A massa monetária foi-se concentrando inevitavelmente nos grupos mais poderosos que, mesmo sem conscientemente o desejarem, se viam arrastados para um crescimento redundante que os engrandecia desmesuradamente, tornando-os menos eficientes e úteis, tornando-os anti-sociais. A inflação corria a galope».

UM HOMEM QUE SALTITAVA

«Houve momentos em que por pura inépcia dos serviços se verificaram graves faltas no abastecimento público, em que a taxa de inflação subiu catastroficamente, em que o público começou a sentir-se concretamente lesado. Caminhava-se com passo seguro para uma situação perigosíssima a que a política salarial demagogica não conseguia pôr termo, estado de descontentamento larvado que atingira, de alto a baixo, toda a escala social. Marcello Caetano virava as costas à Nação — e nem as suas preocupadas «Conversas em Família» acalmavam os ânimos exaltados.

«Como se isto não bastasse, no Ministério da Educação Nacional o prof. Veiga Simão saltitava loucamente ao som da mais franca demagogia. As lutas da grande Imprensa generosamente subsidiada incensavam-no com constância pertinaz: — fechadas muitas escolas por não ser possível manter a disciplina, abriam-se em papel selado centenas de muitas outras, sem que houvesse professores para as guarnecerem, sem que as estruturas didácticas e pedagógicas estivessem preparadas para o monstruoso esforço. Milhões de contos eram lançados assim para o mercado em pura perda, não se calando nem os discentes, nem os docentes, Esquerda e Direita unidas para acusarem o ministro de demagogia pura».

«BANG!» UM TIRO NA CABEÇA

A girândola final de M. M. Múrias passa por um lamento sobre a actuação do ministro Sá Viana Rebelo («conduzia uma política divisionista e pouco realista») e por uma alfinetada ao ministro dos Estrangeiros «inexperiente e divertido» — Patrício.

Transcrevemos novamente em substância:

«Mais: — com as Forças Armadas batendo-se heroicamente em África, o ministro Sá Viana Rebelo conduzia uma política divisionista e pouco realista, sacrificando os quadros, satisfazendo uns para descontentar outros, não concedendo às Forças Armadas aquele mínimo de condições logísticas e frontais necessário para a condução da guerra, já agora desapoiada diplomaticamente por um ministro dos Negócios Estrangeiros inexperiente e divertido.

«Quando apareceram os primeiros manifestos do Movimento das Forças Armadas, as pessoas conscientes sentiram que o fim se aproximava. O marcelismo colhendo os frutos do seu hesitantismo, do oportunismo, da sua fraqueza congénita, dissolvia o Estado Novo. Só Marcello Caetano e Afonso Marchueta impávidos, insensíveis à tempestade, um discursando semana após semana, o outro com algumas das mais notáveis peças da oratória lusíada, recebendo sociedades recreativas e medalhas comemorativas.

O regime desfazia-se no desprezo e na irrisão. Iniciado pelas Forças Armadas num 28 de Maio para findar com a inépcia, a corrupção e a anarquia dos sucessivos governos da I República, era liquidado pelas Forças Armasdas num 25 de Abril para acabar com o mesmo estado de coisas, exageradíssimo pelo gigantismo estatal e pela multiplicação dos interesses que, quarenta anos de estabilidade, tinham permitido criar, com muitos erros e injustiças, mas com extraordinárias virtudes».

Conclusão: «O Estado Novo suicidou-se...».

CURSOS

● MECANOGRAFIA

PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO

Sistemas: IBM e UNIVAC

máq. 029-059-129-1701-1710

Início dos cursos: 23 Agosto

Informações e matriculas no:

EXTERNATO CONTINENTAL

Tel. 364272

R. do Arsenal, 100 - 1.°

AMENDOIM DE ISRAEL

GRADO

SABOROSO

NUTRITIVO

Com Amendoim de Israel mais

VITALIDADE

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções

Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, [illegible] — LISBOA

Telef. 726603 Telef. [illegible]

EXCURSÕES C. P.

• Viagem «Histórica» no «Comboio Histórico»

DIAS: 17/18 — 24/25 de Agosto

— Aloj. Hotel de 1.ª (Porto) e almoço baseado na «cozinha centenária» de Amarante.

LISBOA, desde ... **890$00** PORTO .. **390$00**

• URGEIRIÇA-SERRA DO CARAMULO

DIAS: 17/18 de Agosto

— Aloj. Hotel de 1.ª (Urgeiriça) e passeio pela Serra do Caramulo, com visita ao Museu do Automóvel.

LISBOA ...... **750$00** PORTO ...... **700$00**

• NOITES DO MINHO

DIAS: 24/25 de Agosto

— Desfolhadas, ceia típica e passeio ao longo do bucólico rio Lima. Aloj. Hotéis de 1.ª em Viana.

LISBOA, desde **940$00** PORTO, desde **690$00**

• BOM JESUS-CANIÇADA-GERÊS

DIAS: 24/25 de Agosto

— Aloj. Hotel em Braga e passeio às Termas do Gerês.

LISBOA .... **890$00** PORTO .... 640$00

• BEIRA ALTA

DIA: 25 de Agosto

— Passeio até aos miradouros de Loriga, com almoço regional em Seia.

LISBOA .... **390$00** PORTO .... **340$00**

Folhetos e informações:

LISBOA — Estações de Lisboa-Rossio e St. Apolónia.

» — E. G. T. — Rua do Arsenal, 124.

PORTO — Estação de Porto-S. Bento.

Reservas rápidas — LISBOA Telef. 36 75 29

» » — PORTO Telef. 5 70 61

OU NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

DESPORTOS

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Benfica: a equipa galopante

por NEVES DE SOUSA
(nosso enviado especial)

. No contra-relógio da verdade, quando correu o pano sobre a (talvez) última Volta a Portugal em Bicicleta, escrevia-se direito por linhas tortas: a turma do Benfica, vencendo tudo o que estava em equação no prato das finanças (tabela geral, classificação por formações, tabela pontual, prémio «Philishave», referente a metas-volantes e, ainda, o prémio de montanha) demonstrou que era, verdadeiramente, a única que alinhara para a corrida bem preparada e convenientemente estruturada.

Apenas sofreu um percalço: a eliminação de José Madeira, o homem dos mil trambolhões. No restante, colocou sete corredores entre os primeiros onze, o que é notável e bem reflecte como tanto o Tavira como o Sporting ficaram perfeitamente siderados ante o peso da produtividade dos profissionais da Luz, inegavelmente a usufruirem o maior lucro de toda a sua história. E, não foi apenas por-

de alguns tostões e de umas dúzias de segundos provindos de bonificações. O antigo portista somente fez valer a sua velocidade na pista de Sangalhos e no Autódromo do Estoril, o que bem reflecte apatia nos momentos cruciais das chegadas em linha. Quanto ao antigo «coelima» Fernando Ferreira, nada mostrou em matéria de reforço para o Sporting: ficar à frente de Leonel Miranda já nada quer dizer no momento actual.

Quanto ao Ginário de Tavira, que foi dirigido pelo antigo ciclista António Graça, reflectiu o espírito e o modo de pensar do seu orientador que, através de toda a sua carreira, foi sempre demasiado cauteloso e extremamente precavido, sem audácias nem golpes de impulsividade. O Tavira limitou-se a rolar e a beneficiar do fraquíssimo andamento dos «leões» e dos «portistas» para, após o abandono da Coelima, se fixar na subalternidade atenta de um Benleque de candidatos aos grandes êxitos. Bem podem, sem dúvida, criticar os dirigentes que cometeram tal «atrocidade»: e implicá-los ao pagamento (imediato e integral) dos dinheiros de que foram «espoliados».

Mas, deixemos isso para outro dia: falemos antes dos vinte profissionais que atingiram Alvalade. E, aqui, uma palavra de toda a relevância para Fernando Mendes que, na ausência de Agostinho, conquista campeonato nacional e «Volta» sem qualquer entrave sério. No contra-relógio decisivo fez aquilo que se impunha: correr o mais rápido possível. Não teve culpa alguma da falência de António Martins e de uma leve quebra de Dinis Silva: aliás, as conquistas que rubricou falam bem do modo como se redimiu, a partir da oposição firme.

Por falarmos em Tavira: atenção ao moço César Aires, de uma esmagadora dignidade e de um ofuscante aprumo na defesa do emblema ou símbolo que defende. Ao lado dos portistas Albano Costa e Manuel Silva, dos seus companheiros Carlos Vitorino e Luis Dores, fica bem na jóvem guarda revelada nesta controversa e insólita «Volta a Portugal». Todavia, o Ginásio de Tavira teve outros valores em saliência: Jorge Fernandes esteve presente nas cartadas jogadas por Brito da Mana, o dirigente algarvio que jogou entre o coração e a vontade, entre a realidade e o utópico. José Maria Nunes e Aldemiro Nascimento completaram o quadro da simpática colectividade tavirense, a bem necessitar de apoio público para melhoria de instalações e mais largos voos futuros.

O fracasso sportinguista custou milhares de contos, pois não devemos esquecer que a secção ciclista do clube de Alvalade gasta todo o seu dinheiro com olhos postos no campeonato nacional (a que renunciou) e na «Volta a Portugal» (em que não justificou mais que meia dúzia de centavos). Sabemos (disse-o o dr. Nunes dos Santos) que todo o ciclismo sportinguista vai ser objecto de atenta análise, inclusive ponderando-se se valerá a pena prosseguir nos moldes convencionais e entregue a orientação semelhante. De qualquer modo (e até conclussões desse estudo pelos directivos «verde-brancos») fica-se atónito como o grupo orientado por Manuel Graça apenas colocou Firmino Bernardino (quarto lugar) no bloco dos doze melhores ciclistas desta «Volta». Falência pura e simples de todos os demais, incompensível perante a frescura de Vítor Rocha no termo da competição mas explicável pela paradoxal veterania do ainda jovem Leonel Miranda, pela inclusão de António Teixeira (que vive apenas para se «defender» dos «barulhos»), pela inclusão de jóvens sem experiência nem sonho de aventura. Em suma: uma tremenda «dèbacle», a mais catastrófica da história do ciclismo naquelas paragens.

Para completar esta observação do modo de comportamento das três formações (e vinte interpretes) que completaram a «Volta» do dissídio Norte-Sul, duas palavras para dirigentes de blocos lisboetas: Amilcar Cantarinha e José Soares, sportinguista e benfiquista, tiveram sempre uma posição coerente e lógica perante os destrambelhamentos nervosos de outros chefes de delegações. Fica bem esta citação: não fora o seu equilíbrio, a sua ponderação e o respeito que merecia a palavra dada pelos seus clubes à organização da corrida, e a «Volta» teria ficado sepultada pelas diatribes cometidas na estrada para a Mealhada, por cinco cabeças inacreditavelmente acéfalas, totalmente destituídas de bom senso e de noção das responsabilidades assumidas quando da «entronização» à frente de vinte e sete pedalantes que merecem integralmente a nossa palavra de compreensão pela prepotência de que foram vítimas.

A «Volta» foi tremendamente influenciada pelas passagens de nível: em Soure, a tardia «neutralização esteve na origem de faltas de respeito (de corredores e dirigentes) que não foram repri- ... das pelos orientadores da prova.

Na Serra da Estrela, houve o costume: empurrões e ajudas aos ciclistas que pertenciam aos clubes dos «fanáticos» (na imagem o impulso-extra a Dinis Silva é flagrante) ao mesmo tempo que se trocavam murros bravios entre apaniguados de cores diferentes, cada qual mais ávido de derrubar um «opositor» e «auxiliar» um «amigo».

que Agostinho se recusou a vir participar na corrida que os «leões» ficaram grudados ao terreno: a partir do instante em que lançaram na «fogueira» dois incipientes amadores (José Amaro e Armindo Barradas) ainda por cima mal rodados, estava desfeita a força eventual do conjunto, pois Manuel Gomes (dos «sprints» fulgurantes) raramente foi colocado em boa posição nos pelotões que se aproximavam da meta de chegada e, como ninguém corrige a sua nata tendência para «adormecer» nas caudas de coluna, perderam os «verde-brancos» soberba oportunidade de aumentarem o seu escasso pecúlio

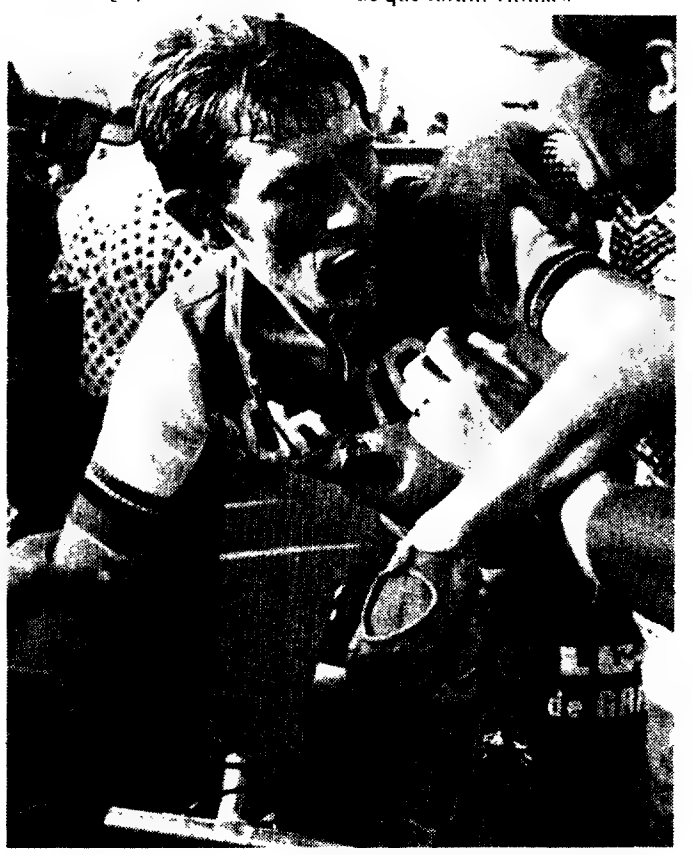
fica demasiado poderoso para admitir qualquer diálogo.

Falemos, agora, dos vinte nomes que terminaram a «Volta», sem podermos tirar do pensamento a injustiça feita pela Coelima a José Martins e cometida pelo F. C. do Porto em relação (especialmente) a Custódio Gomes, Albano Costa, Manuel da Silva e Joaquim Andrade, este último que, com tanta dificuldade e tamanho brio, tentava esquecer a tremenda queda sofrida antes do risco branco de Tavira. Foram cinco homens que deixaram grande saudade na Mealhada, quando da infeliz e totalmente absurda retirada dos seus emblemas do

da primeira passagem por Lisboa, de uma crise de forma derivada da recente intervenção cirúrgica a que fora submetido. Elogio, assim, a Mendes, a quem os companheiros ajudaram de tal maneira na fase inicial da corrida que, estamos em crer ali cimentaram o espírito de equipa mais apaixonante da competição.

Dinis Silva foi a grande confirmação e António Martins a espantosa revelação. Joaquim Leite jogou (e ganhou) na cartada da montanha, em que Firmino Bernardino roçou o fracasso. Américo Silca (que o Sporting infantilmente deixou fugir para Vilamoura) consolidou nessa etapa o domínio global dos «encarnados», enquanto Venceslau Fernandes pareceu abúlico e José Luis Pacheco sempre embrenhado em filosóficos pensamentos clericais. Mas, no todo, não restaram quaisquer dúvidas: o Benfica (treinado por Francisco Valada) brincou como lhe apeteceu nos momentos que decidiram a corrida: ida para o Algarve, Serra da Estrela, Montejunto e contra-relógio até Lisboa. Uma espécie de passeio turístico pouco valorizado a partir do instante em que Coelima, Ambar e Porto regressavam a penates, em que o Sangalhos ficava na estrada, em que tanto o Louletano como o Salgueiros mostravam que eram figuras nulas e tanto Tavira (assoberdado) pela defesa a César Aires) como Sporting (obcecado e traumatizado por asneiras consecutivas) nada representavam no terreno

Custódio Gomes: a impensada atitude do dirigente portista que comandou a turma das Antas vale-lhe a perda de 60 notas de conto.



Joaquim Andrade: para que lhe valeu o esforço?

Os "mundiais" de ciclismo

Em Montreal (Canadá) a soviética Tamara Garkouchina conserva o título de campeã mundial de ciclismo feminino (perseguição) batendo na final a sua compatriota Valentina Smirnova. Em terceiro ficou a holandesa Keetie Van Oosten e depois a americana Mary Jane Reoch.

O campeão holandês Roy Schuiten ganhou o título mundial da corrida de perseguição individual para profissionais. Schuiten (de 23 anos) cobriu os cinco quilómetros do percurso em 6. 04. 71 s. contra 6. 12. 58 s. do belga Ferdinand Bracke (de 35 anos) duas vezes campeão mundial. A medalha de bronze foi para outro holandês, Reine Pijnen, de 27 anos, com 6. 08. 47.

A Siemens e a Philips criam novas actividades em Portugal

Por iniciativa das Organizações Philips e Siemens, que internacionalmente cooperam no mercado de discos, foi constituída em Portugal, a Phonogram Portuguesa, Música e Video, S.A.R.L.

A esta nova Empresa fica pertencendo a exclusividade de distribuição e venda de discos, cassettes, video-tape, etc., das marcas Philips, Deutsche Gramophon, Polydor, Fontana, Mercury e outras.

A Sociedade cujo capital inicial é de 4 mil contos, cuja importação já foi devidamente autorizada pelo Banco de Portugal, será elevado ao dobro até 31 de Dezembro de 1975. A escritura celebrou-se no passado dia 30 de Julho, no 14.º Cartório Notarial de Lisboa.

DESPORTOS

Coimbra com futebol na Primeira Divisão

Pronto: acabou-se o imbróglio. De discussão em discussão, com maior ou menor contestação, muitas folhas de papel à mistura de orações (mais ou menos) inflamadas, o caso tem solução. Depois de viagens entre direcções e conselhos, de leis manuseadas a bel-prazer por todas as partes (des) interessadas, temos o Académico a substituir, em Coimbra, a secção de futebol da Associação Académica, com cátedra assente no grupo de primo divisionários. Termina, assim, um «problema» que quase chegou a degenerar em protesto de uma cidade, que se dizia isolada por «vontade expressa de homens sem formação». O futebol português pode dormir tranquilo: Coimbra continuará a chutar a bola ao mais alto nível. E, para que nos comecemos a habituar ao novel clube da cidade dos doutores, aqui temos o seu emblema, por sinal quase decalcado do que distinguia a formação dos «estudantes».

REGISTO

. PAÇO DE ARCOS: dia do «Patrão Lopes», com regatas a 31 do corrente e 1 de Setembro.

MALVEIRA: circuito ciclista (33.º da sua história e segundo internacional) a 1 de Setembro, com a presença (assegurada) de Pingeon, Mortensen, Alain Valanker e Domingo Peruana. Ciclismo e futebol num espectáculo previsto para a pista «Túlio Pereira».

ODIVELAS: treinos das equipas de futebol dirigidos pelo técnico Janos Zorgo, que será responsável pelas turmas de todas as categorias.

CAPTAÇÃO: no Império Clube de Portugal (Calçada da Picheleira, em Lisboa) estão abertas as inscrições para quem quiser jogar futebol pela colectividade. O mesmo se processa no Boa Hora Futebol Clube (parque desportivo na Rua Aliança Operária, na capital).

ANDEBOL: com base num protesto do Sporting, continua sem homologação o Campeonato Regional Lisboeta de Juvenis, da 1.ª divisão.

OPERÁRIO: o Clube Operário de Futebol (Calçada do Monte, Lisboa) abriu a inscrição para sócios e simpatizantes que queiram actuar nas suas equipas de futebol. Outra notícia da colectividade: foi criado, para os associados um bilhete especial de 7$50 para os encontros a efectuar no seu terreno.

TIRO AO ARCO: partem para Zagreb, a 22 do corrente, os componentes da equipa portuguesa que vai disputar o «europeu» da modalidade. Nomes: Armando Moreira Dias, João Inácio, Carlos Ferreira e Carlos Vieira.

ASSEMBLEIA: do Clube Desportivo da Graça, na noite de hoje, para eleição dos novos corpos gerentes. Simultaneamente, encontra-se ao dispor dos interessados a demonstração de aptidões por quantos queiram jogar futebol pelo clube. É só aparecer lá pelo campo.

PUGILISMO: será de 100 mil dólares (cerca de 2500 contos) a bolsa do pugilista colombiano António Cervantes («Kid Pambele»), que no dia 3 de Setembro põe o seu título dos «meios-médios ligeiros» (versão da WBA) em jogo, frente ao japonês Xiniski Kadota. O pugilista colombiano iniciou os treinos e mostra-se optimista no resultado da peleja, dizendo que procurará a vitória por Ko, desde o primeiro momento, pois «não quero que se cometa uma injustiça comigo no Japão». A bolsa de «Kid Pambele» é considerada sem precedentes na história da categoria dos «meios-médios ligeiros».

BENFICA E SPORTING EM SEVILHA

Em Sevilha, às 22 horas, começa hoje o torneio em que participam o Sporting e o Benfica. O primeiro embate da prova disputa-se entre o Sevilha e o Benfica, cuja turma deve alinhar inicialmente com Bento, Artur, Humberto, Barros, Adolfo, Toni, Eusébio, Simões, Nené, Jordão e Moinhos. A equipa dirigida por Pavic conta, porém, com outros jogadores para qualquer eventualidade: Vítor Martins, José Henrique, Malta da Silva, Jaime Graça e Ibraim.

Por seu turno, o Sporting (que se esqueceu em Lisboa dos presentes que adquirira para oferecer a diversas entidades locais) jogará amanhã com o Bétis, sem o seu mais cotado jogador, Yazalde que, por não ter contrato firmado, se escusa a efectuar a viagem. Os «leões» fizeram assim, deslocar os seguintes jogadores: Damas, Matos, Manaca, Alhinho, Carlos Pereira, Baltasar, Bastos, Vagner, Nelson, Tomé, Márinho, Chico, Dinis, Dé, Joaquim Rocha, Inácio e Valter. O treinador Di Stefano ainda não definiu o «team» que jogará amanhã.

ESPINHO

O brasileiro Bené, que alinhou ultimamente pelo F. C. Porto, firmou compromisso com o Sporting de Espinho. Entretanto, chegaram ao clube da Costa Verde outros dois brasileiros que vêm treinar á experiência, sob a direcção do técnico Fernando Caiado: o ponta-de-lança José Alberto e o quarto-defesa Washington.

DECEPÇÃO

O Olhanense foi derrotado pelos Linares modesta turma da segunda divisão espanhola, por 1-2. Houve golos anulados aos olhanenses e, para cúmulo, um tremendo «sururu» de que resultaram expulsões: do espanhol Tecit e do brasileiro Guaracy, este ao serviço da equipa dirigida por Manuel de Oliveira.

REFORÇO

Mário Wilson, filho do técnico do Vitória de Guimarães, é um dos elementos com que o Académico de Coimbra conta para a sua campanha futebolística ao alto nível. Outros jogadores que treinam sob as ordens de Francisco Andrade: o leixonense Alberto, o «atlético» Prieto e o beira-marense Armando.

BELENENSES

Os «azuis» lisboetas vão a caminho de Granada, devendo pernoitar hoje em Cordoba. Comitiva do Belenenses: os dirigentes Barcínio Pinto e Mário Coelho, o treinador Peres Bandeira, o massagista João Silva, o roupeiro Sousa e os jogadores Melo, Figueiredo, Pietra, Sambinha, Freitas, Cardoso, Pereira, Eliseu, Quaresma, Godinho, Isidro, Ernesto, Ramalho, Pincho, Gonzalez e Quinito.

LEIRIA

O União de Leiria disse adeus ao profissionalismo enveredando pelo campo do **«não-amadorismo»** para o seu **«plantel»** de jogadores, agora robustecido com os contratos de Graça (ex-Marrazes) e Tuna (ex-Peniche). Entretanto, há dispensas: Milton, Arnaldo José, Zinho, Joce, Usielt, Catinana e Espírito Santo.

TOMAR

Durante uma temporada o belenense Barrinha jogará pelo União de Tomar, cedido pelo clube de Lisboa.

PORTO

Aviva-se o interesse do F. C. Porto no concurso do belenense Ruas, que não chegou a acordo com o Farense, também disposto a recrutar o guarda-redes de diversas jornadas «azuis» no ano transacto.

FARENSE

Reforços para o Farense: dois jogadores que militavam no Lusitano de Vila Real o extremo esquerdo Domingos e o avançado-centro Jagues.

ESPOSENDE

Sidónio, que esteve vários anos no Varzim é o novo treinador do Esposende.

ORIENTAL

Parreira foi emprestado pelo Belenenses ao Oriental.

VARZIM

Outras duas dispensas do Varzim: o médio José António e o avançado Carlos Alberto.

O Atlético ao trabalho: Fernando Vaz em conversa com os jogadores alcantarenses, no decorrer do primeiro treino, ontem efectuado já com bola a rolar no relvado da Tapadinha.

Futebol brasileiro

O Flamengo venceu o América, por 2-1, no jogo da quarta jornada do Campeonato Carioca de Futebol, em disputa da «Taça Guanabara». Este encontro ficou assinalado por um facto pouco vulgar: o médio direito do América (Ivo) corria em perseguição da bola, em direcção à baliza do Flamengo. O árbitro Luís Carlos Félix, acompanhando a jogada, corria em diagonal. O árbitro e o jogador chocaram, cabeça com cabeça e ambos ficaram K.O., tendo de ser socorridos pelos médicos e massagistas dos dois clubes.

Os outros resultados da jornada foram os seguintes: Botafogo-São Cristovão, 2-0; Fluminense-Olaria, 3-1; Bonsucesso-Campo Grande, 1-0; Vasco da Gama-Portuguesa, 2-0 e Bangu-Madureira, 0-0.

Classificação por pontos ganhos: América, Fluminense e Vasco, 6; Bonsucesso, 5; Madureira, 4; Flamengo, Botafogo e São Cristovão, 3; Portuguesa, Bangu e Campo Grande, 2 e Olaria, 0.

Notícias do F.C. Porto

A direcção do F. C. Porto vai efectuar um inquérito à actuação da sua secção de ciclismo (profissional) na «Volta a Portugal».

A nadadora Célia Machado recebeu a «carta de desobrigação».

O atleta Vital e Silva, recém vindo de África, pediu a desvinculação ao Sporting para passar a fazer Atletismo nas Antas.

Está a decorrer um inquérito à deslocação a Lisboa das equipas senior e júnior de hóquei em campo.

Os clubes que jogam futebol na primeira divisão nacional reuniram-se na secretaria do Benfica para «considerarem inconveniente e inoportuno alterar o número de participantes no nacional», como se pretende trazer a terreiro no próximo congresso federativo. Ao mesmo tempo, manifestaram às Associações o desejo de serem estudadas as orgânicas das várias provas a que concorrem e, sobretudo, que na próxima época a «Taça de Portugal» seja jogada a duas «mãos» (exceptuando, obviamente, a final) logo a partir do momento em que nela intervenham os primo divisionários. Na importante e esclarecedora reunião, que decorreu à porta fechada, estiveram representantes do Sporting, Benfica, Belenenses, Atlético, Espinho, Académico, Farense, Leixões, Tomar, Vitória de Guimarães e Vitória de Setúbal, tendo remetido telegramas Cuf, Boavista e F. C. Porto. Faltaram duas colectividades interessadas nos temas abordados: o Oriental e o Olhanense.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Airoso Borges. «Café Restaurante Borges» — TIRES

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Mário Regueira, Mercearia Pérola — TERMAS DE MONFORTINHO

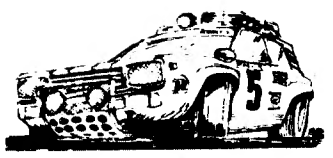
VENDEDORES

Para propriedade turística e urbana, bem relacionados, para trabalhar zona de Lisboa. Carta à Polinveste, Pr. Mouzinho de Albuquerque, 76-2.º S — Porto.

"PART-TIME"

Trabalhe connosco pois se quiser pode ganhar 40 000$00, ocupando só algum do seu tempo livre. Ambos os sexos. 5.º ano. Tel. 650749/653169. Das 17 às 18 h.

À VENDA EM TODO O PAÍS MAIS UM NÚMERO DE motor

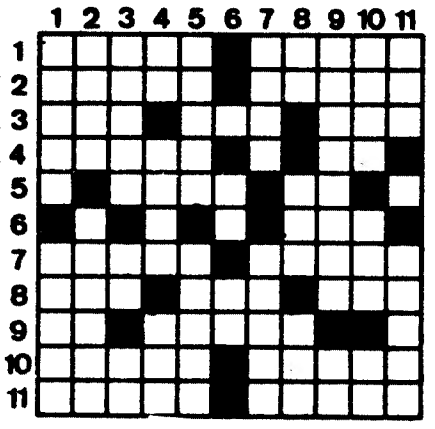


GERAL

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10865



HORIZONTAIS:

1 Estimais. Separar.
2 Natureza animal. Ave trepadora.
3 Fruto da ateira. Alcool de melaço. Pelos de certos animais.
4 Sugar o leite materno. Associação ou confraria cristã na India.
5 Mau cheiro. Renque.
6 Tempo do verbo ser. Vão.
7 Ultimo. Fundador do Islamismo.
8 Chefe etíope. O mesmo que ion. Solitários.
9 Preposição latina que designa movimento. Guarnecera de asas.
10 Aparência (fig). Zombaria.
11 Queimae. Aragens.

VERTICAIS:

1 Dispõe em camadas. Débil.
2 Freguesia do concelho de Castelo Branco. Ditos engraçados (fig).
3 Em má hora (ant). Nosso Senhor. Sua Santidade.
4 Prefixo de negação. Termina. Mau cheiro.
5 Sensata. Macias.
6 Em partes iguais.
7 Prensa de penteeiro. Defunta.
8 Sufixo que designa estado. Apologia. Sapo do Amazonas.
9 Arlequins. Letra grega (invs.).
10 Jarro (planta). Espádua. Aqui.
11 Freguesia do concelho de Penafiel. Pronome demonstrativo. (pl).

Resolveu completamente.....

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7023

HORIZONTAIS:

1 Récua de sete camelos ou mulas. Inveja.
2 Afia. Serra de Portugal.
3 Covil. Caminharás.
4 Arara. Filha de Labão. Nome de mulher.
5 Induzira.
6 Peça metálica que se coloca na extremidade da pena para escrever.
7 Notifica. Carrego.
8 Bário (sq). Viração. Satélite de Júpiter. Alumínio (sq).
9 Camareira. Primeira parte do nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Pegadeira.
10 Undécimo mês do calendário árabe. Dois mil e cem em romano.
11 Espécie de andorinha. Pães de milho.

VERTICAIS:

1 No Oriente espécie de pombo. Choupana.
2 Fruto da amoreira. Zombai.
3 Tanger. Oásis.
4 Renque. Descrédito. Batráquio.
5 Rádio (sq). Coelho pequeno.
6 Trilha. Papagaio da Amazónia também chamado vanaquiá.
7 Aqui. Seduzes (fig).
8 Terceiro. Macaco americano. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
9 Bramir. Patrão.
10 Mexerico (fig). Aparência.
11 Pronome demonstrativo. Cidade da Jugoslávia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10864

HORIZONTAIS:

1 Gota. Pata.
2 Rio. HOMEM.
3 Ar. Vil. Mama.
4 Nómadas. Ror.
5 Elar. Ban.
6 Essa. Erin.
7 Aditas. Oh
8 Rodara. Te.
9 Era. Sua. Pr.
10 Gesto. Da.
11 Om. Imo. Seus.

VERTICAIS:

1 GRANDE. Rego.
2 Oiro. Orem
3 To. Mesadas.
4 Valada. Ti
5 Lida. Ir. Mo
6 Larotas.
7 Ah! Um.
8 Tom BESTA.
9 Amarar. DE.
10 Demónio. PAU.
11 Amarinhar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7022

HORIZONTAIS:

1 Corro. Virgo.
2 Ares. Dior.
3 Sés. Cap. Alô.
4 Impo. Asna.
5 Air. Tia.
6 Ut. Orear. Ar.
7 Rubra. Disco.
8 Troas. Ao. Om.
9 Ocar. Será.
10 Tas. Nós. Lar.
11 Asoto. Isara.

VERTICA

1 Cás. Murtosa.
2 Orei. Turcas.
3 Resma. Boato.
4 Rs. Piorar.
5 Corras. Nó.
6 V. A. Fó.
7 Patada. Si.
8 Id. Sírios.
9 Riana. Ela.
10 Gola. Açorar.
11 Oro. Aromara.

Provérbio: HOMEM GRANDE, BESTA DE PAU.

televisão

HOJE

1.º Programa (21.30)

Noite de Cinema

«A RAPOSA»

Integrado no ciclo Jenifer Jones a RTP apresenta esta noite o filme realizado por Michael Powell e Emeric Press Gurger intitulado «A Raposa»

2.º Programa (22.00)

MÚSICA E LINGUAGEM

Programa dedicado a Schubert e apresentado por João de Freitas Branco

SIEMENS ESTORIL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e «Laurel e Hardy»
13.00 Escrever é lutar
13.15 O Rapaz do elefante
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Almanaque
14.15 Logo à noite
14.25 Fecho

2.º Programa

19.30 Minijornal
19.35 TV Infantil
19.45 Música comtemporanea
20.15 Em foco
21.00 Telejornal 2.ª edição
21.30 Noite de cinema «A Raposa»
23.15 Telejornal 3.ª edição
23.20 Fecho

2.º Programa

20.00 Abertura e desenhos animados
20.15 O Rapaz do elefante
20.40 Escrever é lutar
21.00 Panorama
22.00 Musica e linguagem
22.30 Telejornal
23.00 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Bozo o Palhaço»
13.00 O médico para toda a gente
13.15 A Tal rapariga
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Fronteiras do amanhã
14.20 Logo à noite
14.25 Fecho

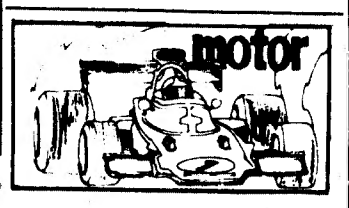
2.º Período

19.30 Minijornal
19.35 TV Infantil
20.00 Em defesa da saúde
20.15 Das artes e das letras
21.00 Telejornal 2.ª edição
21.30 Os políticos do século XX Lenine
22.15 Os Boussardel
23.15 O Teatro e as máscaras
23.35 Telejornal 3.ª edição
23.50 Fecho

2.º Programa

20.00 Abertura e desenhos animados
20.15 A Tal rapariga
20.40 O médico para toda a gente
21.00 Encontro com o Mundo
21.50 A Mala de Hamburgo
22.30 Telejornal
23.15 Fecho

baterias TUDOR pilhas
NOVOS SERVIÇOS DE VENDAS E ARMAZÉM
R. PROF. REINALDO DOS SANTOS 28-A—TELEF. 788183-4-5



urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco ou moderado de Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	20º
P. DOURADAS	
COIMBRA	22º
PORTALEGRE	19º
LISBOA	22º
FARO	24º
FUNCHAL	22º

TEMPERATURAS EXTREMAS

MÁXIMA
Elvas .....33,0 º

MÍNIMA
Penas da Saúde ....3,8 º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	15,0º
Atmosfera	21,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.42	*4,2 m*	11.16	*0,5 m*
18.02	*4,3 m*	23.44	*0,6 m*

Dia 21

6.25	*4,0 m*	11.58	*0,7 m*
18.46	*4,1 m*		

Dia 22

7.09	*3,9 m*	0.26	*0,8 m*
19.32	*3,8 m*	12.43	*1,0 m*

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo, vento frado ou moderado de Norte soprando em regime de nortada na Faixa Costeira Ocidental durante a tarde, pequena descida de temperatura.

AMANHÃ

NASCER ÁS 6.55
OCASO ÁS 20.24

DIA 24 | DIA 1 | DIA 9 | DIA 16

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário - Rádio Estudantil
17.00 Musica coral
17.20 Temas de educação
18.00 Cantos de luta
18.30 «Forças Armadas»
19.05 Programa infantil música variada
20.00 Jornal da noite perspectiva do rock
21.30 «Que quer ouvir?»
22.00 «A grande música negra» por José Duarte
23.00 «Trailer» de música erudita de um dia para o outro
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa)
23.00 Programa em MF 1 de Lisboa - Rádio Estudantil
00.00 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa

16.00 Uma obra... duas interpretações
16.57 Música de câmara
17.15 Curiosidades musicais
17.45 Intercâmbio musical
18.30 Gravações históricas
19.00 Música de bailado
19.30 Canções: Canções de Tchaikowsky por Galiana Vishnevskaia (sop); Quatro canções de Hugo Wolf por Anneliese Rothenberg (sop)
20.00 Jornal da noite
21.30 Concerto BWV em lá menor, de Bach, pela Orquestra «Pro Música»
22.00 Recital pelo violoncelista Stphen Deak ao piano Regisna Cascais — Suite Hebraica, de Ernest Bloch e 4 Visages, de D. Milhaud
22.30 O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco
23.05 Música sinfonica
23.40 Música sacra de Verdi
01.00 Fecho

Programa estereofónico — MF 2

21.15 Música ligeira variada
22.00 Música de ballet
23.37 Os grandes solistas
00.41 Música de câmara — Música japonesa dos nossos dias

01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa Movimento
20.40 Rádio Teatro
21.03 Alegria no trabalho
21.32 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Variando para agradar
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Rádio Rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita 1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gó-Gó
00.02 Em órbita - dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Tri'S
18.22 Palavra do dia no final: terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença
19.30 Página 1
21.04 Igreja é plural
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Voz de Lisboa

Das 06.00 às 10.00 e das 14.30 às 17.00

Rádio Graça

Das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 02.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 12.00 às 14.30 e das 17.00 às 19.30

Rádio Peninsular

Das 19.30 às 22.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO J 1
TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Nogueira, Rua de Alcântara, 5-A (Telef. 637563)
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (Telef. 886126)
ALVALADE
Líbia, Av. da Igreja, 4-B (Telef. 711681); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Telef. 710621)
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-B (Telef. 681515)
ARCO DO CEGO
Previdência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Telef. 770324)
AREEIRO
Lusitana, Av. de Roma 18-A (telef. 725443); **Paes**, Rua Abade Faria, 22-A (Telef. 723965)
ARROIOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Telef. 49479)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zita, Praça das Casas Novas, lote 66 - Telef. 310172)
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Telef. 638132)
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço, 69-C (Telef. 703697); **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Telef. 780841)
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297 (Telef. 687475); **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Telef. 683438)
CONDE BARÃO
Açoreana, Largo do Conde Barão, 2 (Telef. 661330)
ESTEFÂNIA
Délio, Rua Açores, 32 (Telef. 52388)
ESTRELA
Linaida, Rua Ferreira Borges, 30 (Telef. 660955)
LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B
PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (Telef. 610280)
PENHA DE FRANÇA
Europa, Av. General Roçadas, 22-A (Telef. 843880); **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Telef. 844361)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Berne, Avenida de Berna, 44-A (Telef. 773568); **Oliveira Viegas**, Rua do Viriato, 29-A (Telef. 48966-553601)

TURNO J 2
(Até às 22 horas)

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Telef. 638256); **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Telef. 634721)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, (a Praça Paiva Couceiro), 7-A (Telef. 843571)
ANJOS
Antolin, Av. Almirante Reis, 88-B (Telef. 821773)
AREEIRO
Marbel, Av. de Roma 131-A (Telef. 776235); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Telef. 710331)
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176 (Telef. 362687)
BAIRRO DA LIBERDADE
Zénel, Rua A, 182 (Telef. 651840)
BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220 (Telef. 321342-325553)
BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (Telef. 782606)
CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua Maria Pia, 514 (Telef. 687949)
CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117. (Telef. 553308)
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Telef. 869831)
ESTRELA
Neves, Rua da Bela Vista, 35 (Telef. 661251)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 33-A (Telef. 791131)
MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (ao Bairro do Grilo (Telef. 382470)
OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina). (Telef. 310581)
PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (à Calçada dos Barbadinhos). (Telef. 832580)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Telef. 720703-728395)
S. BENTO
Micael, Rua de S. Bento, 380 (Telef. 662162)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sá da Bandeira, Rua Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (Telef. 41961-54672)

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Almeida Nifo, Av. Comb. G Guerra, 64 (Telef. 212070)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho B. das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, Quinta das Parreiras, 29-A (Telef. 261186)
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hanger, 3 (Telef. 260008)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I-Lote 146-B - Janeiro (Telef. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes 25 (Telef. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Telef. 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, loja 1-Reboleira (Telef. 938424)
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-a (Telef. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Telef. 972530) **Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACEM
Araújo e Sá, Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Telef. 2940781)
MEM MARTINS
Química, Est. Mem-Martins 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 2930832)
COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 204250)
ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Telef. 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A (Telef. 2040141)
BARREIRO
Higiénica, R. D. Manuel I, 178 (Telef. 2073017)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Telef. 2767356)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Telef. 230035)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETÚBAL
Lisboa, R. dr. Paulo Borba (Telef. 22248); **Saião**, Av. Portela (Telef. 22709)
SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (Telef. 2218580)

PORTO

2.º TURNO

SUB TURNO A

Batalha (da), Praça da Batalha, 26; **Campo (do)**, Praça da República, 118; **Costa Cabral**, Rua Costa Cabral, 1832; **Fonte da Moura**, Rua de Tânger, 1463; **Invicta**, Rua do Bonfim, 330; **Mira Paulo**, Rua Castelo de Numão, 37.

SUB TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292; **Fátima**, Rua Oliv. Monteiro, 475; **Garantia**, Rua Fernandes Tomás, 696; **Gomes**, Rua Matias de Albuq. 243; **Sá**, Rua Vale-Formoso, 181; **Sarabando**, Largo dos Lóios, 36.

COIMBRA

TURNO C

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (Tel. 23033); **Figueiredo**, R. da Sofia, 107-109 (Tel. 22837); **S. José**, Arcos do Jardim, 41 (Tel. 24697)

EXPOSIÇÕES

BELAS ARTES — Perspectiva-74 e gravuras (das 4 às 20 h).

BLOCO (CASCAIS) — Colectiva (das 16 às 20 h).

ESCOLA PRIMÁRIA DA DAMAIA — Colectiva de pintura e tapeçaria (das 21 às 23 h)

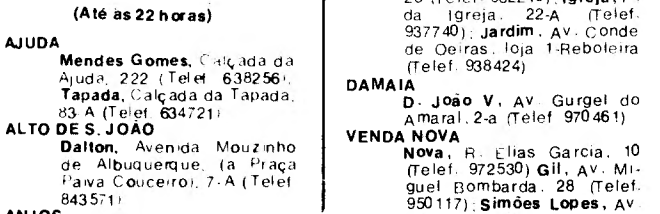
CASINO ESTORIL — Pinturas de Vamona Navelcar (das 15 às 3 h).

FOTO CLUBE 6X6 — Trabalhos de Alfredo Cunha (3.as e 6.as-feiras, das 21.30 às 24h.)

GALERIA 111 — Colectiva de gravuras, litografias e serigrafias (das 10 às 13 e das 15 às 19 h)

GRUPO AMIGOS DA COSTA — Trabalhos de Barbara Guerreiro (das 15 às 19 e das 21 às 24 h).

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Bernardette Stern, serigrafias de Acácio Assunção e António Brito Caiola (das 5 às 20 h).



cinemas

LISBOA

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
O célebre filme de Eric Rohmer uma crónica de amor livre! A COLECCIONADORA com Hayde Politoff, Patrick Bauchau e Mijanou

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
15.ª Semana! Colorido
Julie Christie e Donald Sitherland AQUELE INVERNO EM VENEZA o acto de amor ... como jamais foi visto no écran «The Sun»

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Um filme impressionante! O ABOMINAVEL DR. PHIBES

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
3.ª Semana!
Marisa Mell e Carlo Giuffre na comédia BELA, RICA, COM PEQUENO DEFEITO FÍSICO. PROCURA CAVALHEIRO

OXFORD (CASCAIS)
16.00 e 21.45
Não aconselhável a menores de 13 anos
Semana do Cinema Proibido»
REJEANNE PADOVANI realização de Deny Sarcand com Luce Guibault, Jean Lageunesse e Roger Lebel

CINEARTE (T. 660446)
21.30
Interdito a menores de 18 anos
Colorido
CHAMARIZ DE SAIAS realização de Torgny Wickman

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
O filme que apaixonou as mulheres UMA HISTÓRIA PERVERSA com Marisa Mell e Jean Soler. Sinistro mistério de um crime de adultério premeditado para condenar um marido à morte

RESTELO (T. 21 30
21.30
Grupo D (18 anos)
Uma história brejeira e divertida que a malícia não pode dar A BELA CASTA SUSANA com Terry Torday, Glen Saxon e Harald Leipnitz

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana!
Um filme de Elio Petri INQUERITO A UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA com Gian Maria Volonté e Florinda Bolkan

IMPERIO (T. 555134)
15.15, 18.30 e 21.30
Não aconselhável a menores de 18 anos
Lee J. Cobb, Barbara Hershey e Lola Falana O PREÇO DO SILÊNCIO um filme de William Wyler
Amanhã
18.30
Maiores de 21 anos
«Sessão Calssica»
O problema da educação sexual numa obra de extraordinário interesse HELGA com Ruth Gassmann e Ascard Hummel

CASINO ESTORIL (T. 264521/234946)
15.30, 18.30 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor
A RAIVA DO TIGRE com Wang Yu, Pan Yint-Tse, Chiao Chiao e Chang Pei-Shan

ALVALADE (T. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo A (6 anos)
Colorido
Walt Disney apresenta PATO DONALD E C.ª a grande parada das férias

AVIZ (T. 47163)
21.45
Grupo D (18 anos)
Estreia Colorido
O CLUBE DA ALEGRIA com Ann Smyrner e Eddi Arent
15.30 e 18.30
Grupo B (10 anos)
A NOVA VIAGEM DE SINBAD

EUROPA (T. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo B (10 anos)
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law

ESTÚDIO 444 (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Não aconselhável a menores de 13 anos
4.ª Semana!
DR. ESTRANHOAMOR com Peter Sellers e George C. Scott num filme de Stanley Kubrick

SATÉLITE (T. 562632)
3.ª Semana!
15.30, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos nMarcello Mastroianni, Ugo Tognazzi, Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA) um filme de Marco Ferreri
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

MONUMENTAL (T. 555131)
15.00 e 21.30
Grupo B (10 anos)
70 m/m
Jean-Pierre Cassel, Sarah Miles, Stuart Whitman e Terry Thomas OS GLORIOSOS MALUCOS DAS MAQUINAS VOADORAS

PHATE (Tel. 821 923)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos
Pela primeira vez a espantosa versão integral de BLOW-UP (história de um fotógrafo)
Vanessa Redgrave- Sarah Miles e David Hemmings. A obra-prima de Antonioni. Grande Prémio do Festival de Cannes (Metro Arrois)

ESTÚDIO (T. 555135)
3.ª Semana!
15.30, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos Marcello Mastroianni, Ugo Tognazzi, Philippe Noiret, Michel Piccoli e Andrea Ferrol LA GRANDE BOUFFE (A GRANDE FARRA) um filme de Marco Ferreri
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ROMA (T. 727778)
15.30, 18.30 e 21.45
Não aconselhável a menores de 18 anos
Technicolor
BILLY JACK com Tom Laughlin

BERNA (T. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Technicolor
Jerry Lewis e O ESTOIRA VERGAS

TIVOLI (T. 570595)
15.15 e 21.15
Grupo B (10 anos)
Technicolor 70 m/m
O maior filme de todos os tempos! OS DEZ MANDAMENTOS

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo B (10 anos)
OS MALUCOS DA CASERNA em complemento HERCULES E A RAINHA

S. JORGE (T. 54154/54153)
15.15, 18.15 e 21.30
Interdito a menores de 18 anos
2.ª Semana!
O ULTIMO TANGO EM PARIS
Aviso ao público: este filme contem cenas eventualmente chocantes
Direcção dos Serviços de Espectáculos

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
A NOVA VIAGEM DE SINBAD com John Philip Law

POLITEAMA (T. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana da divertida audácia em «sensualidade»
EMPRESTA-ME O TEU MOTORISTA com Lando Buzzanca num super-macho. Que tinha ele a mais para ser desejado pelas mulheres?

VOX (T. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
12.ª Semana! Color
Laura Antonelli e Alessandro Momo em MALÍCIA

LONDRES (T. 801313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Interdito a menores de 18 anos
Colorito
O filme de Luis Buñuel finalmente em Portugal BELLE DE JOUR com Catherine Deneuve

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«O Último Fado Em Lisboa»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«A Paixão»

MARIA MATOS
21.45 (13 anos)
«Português, Escritor, 45 anos de Idade»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«A Influência dos Raios Gama No Comportamento das Margaridas»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Projecção Privada»

OLÍMPIA
19.00 (18 anos)
«Os Últimos Corsários»

CINE-MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Drácula Tem Sede de Sangue»

ESPLANADA CASTANHEIRA
21.30 (10 anos)
«A Queda do Império Romano»

SACAVEM
S. José
21.00 (18 anos)
«A Engrenagem»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Desforra Apache»

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Stadium
21.30 (18 anos)
«40 Anos, Idade Perigosa»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (18 anos)
«Bonitas Demais Para Serem Honestas»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«A Espreita do Sarilho»

ESTORIL
Esplanada
21.30 (18 anos)
«A Chave do Cinto da Castidade»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Cinturão Negro Contra a Mafia»

ESTORIL
Casino
15.30, 18.30 e 21.30 (14 anos)
«A Raiva do Tigre»

ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«Sou Eu O Culpado»

Oxford
16.00 e 21.15 (13 anos)
Rejeanne Padovani»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
21.30 (18 anos)
«Se Deus Fosse Mulher»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.30 (18 anos)
«O Misterio do Lago»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (14 anos)
«Alma a Nu»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (10 anos)
«Os Dois Policias»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível Almadense
21.15 (14 anos)
«Asilo Político»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Uma História Perversa»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Com Jeito Vai... Na Pândega e Regresso Ao Passado»

PASSOS MANUEL
21.30 (14 anos)
«A Balada do Soldado»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Duelo ao Sol»

OLIMPIA
21.30 (18 anos)
«Outono Escaldante»

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Venha Tomar Café Connosco»

ESTÚDIO
21.30 (10 anos)
«Adivinha Quem Vem Jantar»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Aquele Inverno em Veneza»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Último Tango Em Paris»

JULIO DINIS
21.30 (13 anos)
«Paraíso Ao Sol»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Cinturão Negro Contra a Máfia»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Curvas Nas Férias»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Os Centuriões»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Um Homem de Ferro»

BOMBEIROS VOLUNTARIOS
21.45 (10 anos)
«Vamos A Isto Rapazes»

BARS BOITES estabelecimentos diversos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.**
Zorina, vedeta inglesa de «sexy»

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. **T. 229189.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais. **T. 26461/264526/264506/264521/264946.**

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 46384.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

GERAL

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

A L.U.A.R. É DO ALGARVE

No Parque Alameda, em Faro, aconteceu no sábado, a primeira apresentação pública da L. U. A. R. depois de muitos anos de ilegalidade forçada. Tudo se passou num clima de festa. Foi abolido o sistema de comício tradicional. Às seis da tarde, cerca de duas mil pessoas (na sua maioria jovens) espalhadas no enorme recinto arborizado ansiavam por ver, ouvir, conviver. Era para isso que ali se encontravam.

Havia bebidas e comidas. Grupos sentados na relva à conversa. Vendiam-se jornais de várias organizações políticas. E «posters», emblemas, discos. Uma exposição de fotografia sobre movimentos de libertação das colónias subordinada ao tema «Massacres, Educação e Saúde» foi alvo do interesse geral.

Os serviços de ordem da L. U. A. R. cumpriam a sua função: atentos às manobras provocatórias que poderiam surgir. Já se tinham verificado uns incidentes desagradáveis com o aparecimento de inscrições insultuosas para uma organização revolucionária que se bateu de armas na mão contra o fascismo. Houve mesmo ameaças: de escavacar, de destruir. No entanto, tudo correu bem. Salvo umas avarias repetidas no som e na luz. Não sabemos se por casualidade ou se de facto houve mão naquilo.

Antes do início das intervenções musicais e oratórias trocámos umas palavras com Palma Inácio. Disse-nos ele:

. **«A L. U. A. R. esteve, durante estes três meses, após o 25 de Abril, em reuniões permanentes, para preparar a sua reestruturação, tendo em vista uma nova fase de actuação política. Agora há uma legalidade que nos garante um certo trabalho. Queremos colaborar na consciencialização política dos trabalhadores para que eles consigam encontrar o seu próprio caminho. Sem necessidade de partidos políticos. Pretendemos construir um socialismo de base.»**

. A propósito do primeiro comício da L. U. A. R. se realizar no Algarve Palma Inácio acrescentou:

. **«Os fundadores da L. U. A. R. que participaram no assalto à mão armada ao Banco da Figueira da Foz são todos do Algarve. Por outro lado também foi aqui onde sempre recebemos apoio.»**

. O «leader» da L. U. A. R. pronunciou-se sobre os acontecimentos repressivos (e trágicos) dos últimos dias.

«Creio que o Governo Provisório foi formado para fazer cumprir o programa do M. F. A.» Palma Inácio disse ainda que a L. U. A. R. estava a elaborar um programa que será discutido e aprovado num próximo congresso.

«Se a repressão se abater sobre nós lutaremos contra ela como sempre fizemos».

Voltemos ao comício propriamente dito. Canções e discursos. Luís Guerra foi um dos primeiros a expressar-se por palavras:

. **«Assiste-se a uma batalha que opõe os explorados aos seus exploradores. Dessa batalha depende o futuro da humanidade. Opondo-se na sua luta diária, quotidiana, à barbárie capitalista, os trabalhadores oprimidos de todo o mundo lançam as bases da transformação da vida, as bases da sociedade socialista».** Luís Guerra referiu-se à guerra colonial, apontando o capitalismo como inimigo comum dos trabalhadores portugueses e africanos.

José Afonso, Vitorino, Fanhais, Benedito (cantante em galego) exprimiram-se na sua linguagem própria: cantando. Falaram Luís Monteiro, representante dos G. A. P. S. e José Mário Alexandre, elemento da M. E. S. Interveio Fernando Marques, da L. U. A. R. e Camilo Mortágua que fez uma exposição rigorosa desenvolvendo cada um dos pontos do manifesto da L. U. A. R. recentemente divulgado. Em certa altura salientou: **«Em Portugal só haverá socialismo quando o homem for socialista. O socialismo não se cria por decreto».**

Discursou Maria Emília sobre o papel da mulher na revolução. Esta jovem militante da L. U. A. R. criticou os movimentos feministas **«constituídos por mulheres burguesas que nunca trabalharam».**

No encerramento da série verbalista esteve Palma Inácio. A festa terminou com a transmissão de um filme sobre o «25 de Abril». Porém não se ficou por aqui. Às três horas da manhã ainda havia gente no parque a conversar, a discutir, a beber. A comunicar, em suma.

L. F.

Manifestação da Esquerda revolucionária

Continuação da pág. 1

e soltam pides, bufos, legionários e fascistas; proíbem comícios, reprimem manifestações e greves mas deixam as mãos livres aos fascistas como Elmano Alves, ex-presidente da A.N.P., para na sua quinta realizar um banquete com 300 fascistas, incluindo bispos e generais; deixam fugir fascistas e outros para o estrangeiro com somas colossais do dinheiro roubado aos que trabalham e não impedem os patrões de lançar na miséria milhares de trabalhadores com os despedimentos (...). Em muitos pontos do País já andam bandos fascistas à solta. A repressão sobre o povo no Rossio e junto à Penitenciária é um manto negro que esconde por detrás as garras e a presença do fascismo.»

A ORDEM IMPEROU

Às 19 horas a manifestação pôs-se em marcha percorrendo a Rua Marquês de Fronteira, Rua de Campolide, Largo de Campolide, Avenida Conselheiro Fernando de Sousa, Rua das Amoreiras, Largo do Rato, Rua Alexandre Herculano e Rua Braancamap, Rua Castilho, até voltar hora e meia depois ao local de partida, diante da Penitenciária.

Deve desde já assinalar-se que tudo decorreu na maior ordem, não se registando qualquer incidente. Notou-se a quase total ausência da P.S.P., limitada de resto à presença de elementos da secção de trânsito, encarregados de desviar o tráfego que subia a Rua Castilho.

Entretanto, alinhado na Rua Marquês de Fronteira, ao longo de todo o edifício do estabelecimento prisional, encontrava-se uma companhia do R.A.L.1, comandanda pelo capitão Carvalho a quem cabia manter exclusivamente a segurança da Penitenciária.

Um grande dístico «O fascismo não passará» empunhado pelos manifestantes abria a manifestação, ao qual se seguiam outros que exibiam os diversos *slogans* e dos quais destacamos: «Armas para o Povo — armas contra a P.I.D.E.»; «Unidade popular contra a guerra e o fascismo»; «Morte à P.I.D.E. — castigo para os criminosos». Durante a marcha foram gritadas palavras de ordem idênticas: «Morte à P.I.D.E.! Justiça popular!», «Abaixo a reacção! Vigilância popular!»; «Abaixo a guerra colonial»; «Unidade popular contra a guerra e o fascismo!», enquanto foram também inúmeros os populares que se integraram na manifestação ao longo do percurso.

Cerca das 20 e 30 o grupo chegou à Penitenciária de Lisboa e depois de entoar, novamente, os «slogans» que tinham repetido durante o trajecto, falaram dois militantes para a multidão presente.

O primeiro dos oradores referiu-se aos acontecimentos verificados no mesmo local, aquando da amotinação dos pides ali encarcerados. «Devemos estar atentos e vigilantes a estes carrascos do povo», terminou dizendo que se tem assistido a uma série de provocações da direita e que «não é da extrema esquerda que vem o perigo» — frase que a multidão aplaudiu entusiasticamente.

Entretanto, na pausa que mediou entre as palavras dos dois oradores, seguiram-se os «slogans» «Morte à P.I.D.E., justiça popular».

Falou, seguidamente, um ex-preso político que disse que «o povo de Lisboa já provou que não pretendia que os pides escapassem à Justiça». «O povo português — frisou — está unido para descobrir quem tenta deixar a porta a esses assassinos. Temos de estar vigilantes: à mais pequena abertura eles voltarão a massacrar o povo».

«Morte à P.I.D.E., justiça popular» — voltou a entoar em uníssono o enorme coro de manifestantes que, cerca das 21 horas, com a mesma ordem que tinha presidido a toda a reunião dispersou.

Da greve de zelo resultou um inquérito às condições de trabalho no Matadouro de Lisboa

Os trabalhadores do Matadouro Frigorífico de Lisboa voltaram hoje à laboração normal, enquanto decorre um inquérito às condições de higiene e segurança em que habitualmente é exercida a sua actividade, condições que estão na base da greve de zelo que se prolongava desde o dia 3.

Cerca de trezentos homens e vinte mulheres, dependentes da Câmara Municipal de Lisboa, põem em risco diariamente a sua saúde, no trabalho de abate de 150 reses e de transporte e tratamento da carne. Há, por exemplo, homens que trabalham diariamente a temperaturas que descem aos 22 graus negativos. A brucelose (febre de Malta) e a tuberculose encontram entre estes trabalhadores um campo favorável para actuarem. Pelo seu esforço diário, a maioria deles recebe menos de três mil escudos. Dos 30 ou 31 dias mensais em que necessitam de comer e em que a cidade come a carne que eles preparam, apenas 26 lhes são pagos, graças ao estatuto de contratados. Os prémios de especialização são-lhes pagos tardia e parcialmente. Por exemplo, dos mil escudos que deveriam receber por um prémio já realizado, os trabalhadores apenas receberam 300. Os trabalhadores do Matadouro atribuem ao director a responsabilidade por este atraso e exigem o seu saneamento, assim como a de um chefe de repartição e a de um veterinário.

Foi depois de longamente sofridos estes e outros problemas que os trabalhadores decidiram fazer qualquer coisa para chamar a atenção do País e das autoridades. Numa reunião plenária realizada em Coimbra optou-se pela greve de zelo. E, a partir do dia 3, as reses abatidas diariamente no Matadouro não ultrapassaram o número de 55. A carne começou, então, a faltar, e o seu preço a subir.

Onze dias depois, numa reunião de delegados de todo o País e entidades oficiais, decidiu-se realizar um inquérito às suas condições de trabalho. Ficou também constituída uma comissão (um representnate da Direcção Geral de Saúde, dois da Câmara Municipal de Lisboa, três trabalhadores do Matadouro Frigorífico da capital um representante do Serviço Nacional de Emprego, um da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários e um da Divisão de Salários do Ministério do Trabalho que definirá o estatuto profissional da actividade desenvolvida pelos trabalhadores — por enquanto só no Matadouro de Lisboa — e estudará uma tabela salarial.

Novo encontro para hoje entre as companhias aéreas e os empregados administrativos

Espera-se que fique finalmente decidido hoje, na reunião que principiou às 15 horas no Ministério do Trabalho, o diferendo entre as companhias aéreas estrangeiras e os seus empregados administrativos, em cuja origem está a não aceitação pelos patrões de uma cláusula proibindo os despedimentos sem justa causa, que os trabalhadores pretendem fazer vigorar enquanto durarem as negociações do futuro acordo de trabalho ou seja, até ao fim do ano. Se assim não acontecer, os trabalhadores, a partir de amanhã, suspenderão o serviço durante uma hora por dia, até verem a sua pretensão satisfeita.

Cinco horas de negociações — das 10 e 30 às 15 e 30 — entre delegados do Sindicato Nacional dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca e da R. E. N. A. — Representantes das Empresas de Navegação Aérea —, com a presença de representantes dos ministérios das Comunicações e Transportes e do Trabalho, não permitiram que se chegasse ontem a qualquer resultado. Passado este tempo, as entidades patronais pediram o adiamento da sessão para hoje, a fim de auscultarem a opinião dos seus representantes, sobre a proposta que estes rejeitaram inicialmente, invocando razões de princípio.

Entretanto, segundo um delegado sindical, o próprio Ministério do Trabalho teria afirmado aos representantes patronais considerar justa a pretensão dos trabalhadores, sendo da exclusiva responsabilidade das companhias aéreas as consequências da paralisação do trabalho.

Setecentos operários da C.O.R.F.I. em greve

Setecentos operários da Corfi-Organizações Industriais Texteis Manuel de Oliveira Violas S.A.R.L., de Espinho, prosseguem a greve iniciada na sexta-feira, dia em que ocuparam e passaram a controlar todas as instalações.

A reunião efectuada ontem, entre a administração e representantes de trabalhadores, não levou à solução do conflito. Este teve origem na suspensão de sete camaradas. Entretanto, os trabalhadores passaram a reivindicar também 45 horas semanais.

Neste segundo ponto mostra a empresa, neste momento, maior resistência, afirmando não poder ultrapassar o contrato em vigor, sob pena de ser acusada de «traição» pelas suas colegas.

Nova reunião, entre representantes dos patrões e dos trabalhadores, marcada para hoje, poderá resolver o diferendo ou levar à continuação da greve.

NOTAS VÁRIAS

NOVE MORTOS EM ACIDENTES

Nove mortos e dois feridos é o balanço de acidentes de viação ocorridos em vários pontos do País. No sítio da Cova da Lomba, entre Atalaia e o Montijo, devido a excesso de velocidade, um automóvel enfeixou-se numa galera puxada por dois cavalos, tendo os seus cinco ocupantes tido morte imediata. As vítimas são: Josêo Augusto Pacífico de Noronha, de 28 anos, mecânico, que conduzia o veículo; sua mulher Maria Elvira Estrela Santa, de 20 anos, em adiantado estado de gravidez; Pedro Ferreira, de 1; Joaquim João Estrela Paixão, de 5; e Virgínia Pereira de 60 anos. O condutor da galera, Francisco Tavares Balisa, recolheu ao Hospital de S. José, com vários ferimentos graves. Em Mourisca do Vouga, um automóvel conduzido por Joaquim Conceição Pina, de Santa Catarina, Caldas da Rainha, atropelou Celestre Rodrigues Pereira, de 45 anos, casada, e seu filho, José Carlos Pereira Santos, de oito anos, que chegaram já mortos ao Hospital de Agueda. No Cruzamento de Paradinha, Viseu, foi também atropelada mortalmente Lucinda Lopes de Oliveira, de 70 anos, separada judicialmente, residente naquela cidade. O veículo era conduzido por Domingos Novais Costa, de 42 anos, casado, residente em Peso da Régua. Foram igualmente atropelados por um automóvel, na Auto-Estrada do Norte, os irmãos José Manuel Neves Ferreira, de oito anos, e Alice Neves Ferreira, de sete. O primeiro chegou morto ao Hospital de Santa Maria, e a segunda sofreu apenas ligeiros ferimentos.

INCÊNDIO NUMA OFICINA

Devido a curto-circuito, deflagrou um incêndio, cerca das 19 e 30, numa oficina de móveis e serração na Rua Cidade Cardiff, pertencente a Jorge José André. O fogo só foi dominado cerca de duas horas depois, pelos Bombeiros Sapadores e Voluntários da Ajuda. Os prejuízos, em madeiras, instalações eléctricas e coberturas, são importantes.

MANIFESTAÇÃO DE PROTESTO

Efectuou-se na cidade de Guimarães, ao fim da tarde de ontem, uma manifestação de protesto contra a deliberação governamental, de localizar o parque industrial de Braga-Guimarães, na freguesia de Celeiros, no eixo Braga-Porto, quando em princípio estava previsto e aprovado que ficasse na freguesia de Brito, daquele concelho. Presentes milhares de pessoas, tendo usado da palavra vários oradores.

FURTADAS 110 VIATURAS

Um «record» foi batido nas últimas vinte e quatro horas, ao serem roubadas cento e dez carros que se encontravam estacionados nas artérias de Lisboa e zonas limítrofes. Segundo fontes ligadas á P. S. P., o número mais elevado registado até á data tinha sido de cinquenta e duas viaturas desaparecidas em idêntico espaço de tempo. Durante o mesmo período foram, entretanto, recuperados sessenta e quatro veículos furtados já durante o longo mês corrente.